



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CLARISSA CASSAB DANNA

**DA CONSCIÊNCIA ÀS ATITUDES AMBIENTAIS:
PRÁTICAS VERDES NA EDUCAÇÃO**

BRASÍLIA - DF

2018

CLARISSA CASSAB DANNA

**DA CONSCIÊNCIA ÀS ATITUDES AMBIENTAIS: PRÁTICAS VERDES NA
EDUCAÇÃO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação, Linha de Pesquisa: Educação Ambiental e Educação do Campo.

Orientadora: **Profa. Dra. Leila Chalub Martins**

BRASÍLIA - DF

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DD188c Danna, Clarissa Cassab
Da consciência às atitudes ambientais: práticas verdes na
educação / Clarissa Cassab Danna; orientador Leila Chalub
Martins. -- Brasília, 2018.
170 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Educação) -- Universidade
de Brasília, 2018.

1. Educação Ambiental. 2. Consciência. 3. Práticas. 4.
Atitudes. 5. Jovens. I. Martins, Leila Chalub, orient. II.
Titulo.

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação

Banca Avaliadora

Profa. Dra. Leila Chalub Martins
PPGE/UnB (Orientadora)

Profa. Dra. Vera Margarida Lessa Catalão
PPGE/UnB (Avaliadora)

Profa. Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida
PPGE/UnB (Avaliadora)

Profa. Dra. Nurit Rachel Bensusan
LACT/DAN/UnB (Avaliadora)

Profa. Dra. Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti
PPGDS/ UnB (Avaliadora suplente)

***Dedico essa tese ao planeta Terra e sua gente que
cuida da natureza, dos animais e das pessoas.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os seres de luz que me acolheram direta ou indiretamente,
fisicamente ou em pensamento me oferecendo o privilégio de compartilhar
amorosamente essa etapa da vida.

“Eu venho de lá, onde o bem é maior.

De onde a maldade seca, não brota.

De onde é sol, mesmo em dia de chuva e a chuva chega como bênção.

Lá sempre tem uma asa, um abrigo para proteger do vento e das tempestades.

Eu venho de um lugar que tem cheiro de mato, água de rio logo ali e passarinho em todas as estações.

Eu venho de um lugar em que se divide o pão, se divide a dor e se multiplica o amor.

Eu venho de um lugar onde quem parte fica para sempre, porque só deixou boas lembranças.

Eu venho de um lugar onde criança é anjo, jovem é esperança e os mais velhos são confiança e sabedoria.

Eu venho de um lugar onde irmão é laço de amor e amigo é sempre abraço.

Onde o lar acolhe para sempre, como o coração de mãe.

Eu venho de um lugar que é luz mesmo em noite escura.

Que é paz, fé e carinho. Eu venho de lá e não estou sozinho, SOU CATADOR DE LINDEZAS, sobrevivo de encantamento, me alimento do que é bom, do bem.

Procuro bonitezas e bem-querer, sobrevivo do que tem clareza e só busco o que aprendi a gostar.

Não esqueço de onde venho e vou sempre querer voltar.

Meu lugar se sustenta do bem que encontro pelo caminho, junto a maços de alfazema e alecrim.

Assim, sou como passarinho carregando a bagagem de bondade, catando gravetos de cheiro, para esquentar e sustentar o ninho...

Talvez a vida tenha feito você acreditar que este lugar não existe.

Digo-te: tem sim, é fácil encontrar. Silencie, respire, desarme-se, perceba, é pertinho.

Este lugar que pulsa amor é dentro da gente, é essência, está em cada um de nós.

Basta a gente buscar.” (Rita Maidana)

RESUMO

Como a consciência ambiental permite a formação de novas atitudes de cuidado com o meio ambiente? Basta saber para mudar o comportamento? Essa foi a questão central que me inspirou a revisitar minha vivência como educadora ambiental com as crianças e jovens do Projeto Sombra da Mata, da Escola Comunitária do Sítio Sombra da Mata localizado, na Ponte Alta do Gama/DF, o qual é sede de projetos com a comunidade local patrocinados por parceiros ao longo dos últimos 12 anos. O objetivo geral da investigação foi: compreender como, após sucessivos anos de práticas ambientais adequadas, as crianças e jovens escolhem agir, em sua vida no projeto e no mundo exterior. O trabalho orientou-se pelo entendimento de que crianças e jovens, enquanto sujeitos sociais, vão tornando-se responsáveis por suas escolhas, da heteronomia à autonomia, e é com elas que se estabelece a construção desse conhecimento. Metodologicamente, o diálogo e a observação foram os instrumentos principais da pesquisa: a observação participante com registros sistemáticos; questionário; entrevistas/conversas estruturadas; produção de texto; fotos e vídeos. Após 12 anos de imersão nesse campo de trabalho, exigiu a construção de distanciamento metodológico associado a estudos teóricos que iluminaram esse caminho de ida e de volta. A vivência nessa *pesquisa-ação implicada* me permitiu compreender como se dá a mudança de atitudes das crianças e jovens no processo educativo e o que favorece nos seus modos de vida, a manutenção ou a derrocada dessas mudanças. O entendimento é que o caminho do discurso à ação poderá ser reduzido se à educação ambiental forem somadas atividades práticas contínuas e duradouras em que o jovem se torne protagonista do seu aprendizado e de suas ações.

PALAVRAS-CHAVE: educação ambiental; consciência; práticas; atitude; jovens.

ABSTRACT

How does environmental awareness allow the formation of new attitudes of caring for the environment? Just know to change the behavior? This was the central issue that inspired me to revisit my experience as an environmental educator with the children and young people of the Sombra da Mata Project, the Sombra da Mata Community School located at the Ponte Alta do Gama / DF, which is home of projects with partner community over the last 12 years. The general objective of the research was to understand how, after successive years of adequate environmental practices, children and young people choose to act in their life on the project and in the outside world. The work was guided by the understanding that children and young people, as social subjects, become responsible for their choices, from heteronomy to autonomy, and it is with them that the construction of this knowledge is established. Methodologically, dialogue and observation were the main research instruments: participant observation with systematic records; interviews / structured conversations; photos and videos. It is, therefore, 12 years of immersion in this field of work, which required the construction of my methodological drift through theoretical studies that illuminated this way of going back and forth. The experience in this *implied research-action* allowed me to understand how the change of attitudes of children and young people in the educational process and what favors in their ways of life, the maintenance or the overthrow of these changes. The understanding is that the path from discourse to action can be reduced if environmental education is combined with continuous and enduring practical activities in which the young person becomes protagonist of their learning and their actions.

KEYWORDS: environmental education; awareness; practices; attitudes; young people.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Imagem 1: Grupo de alunos e professores	20
Imagem 2 e 3: Construção da ecoteca pela comunidade em mutirão com técnicas de bioconstrução	24
Imagem 4: Ecoteca	33
Imagem 5: Ciranda do Sombra da Mata	35
Imagens 6 e 7: Ipê com as regras de convivência.	42
Imagem 8: Plantio de árvores nativas	43
Imagens 9 e 10: Meditação ao ar livre	44
Imagem 11: Teatro da turma de jovens para as crianças	45
Imagem 12: Aulão de yoga ao ar livre	48
Imagem 13: Massagem em dupla	49
Imagens 14 e 15: Oficina de corpo e movimento.	50
Imagem 16: Oficina de construção coletiva da casinha	51
Imagem 17: Casinha pronta	52
Imagens 18, 19 e 20: Minhocário do Projeto feito pelos jovens	53
Imagens 21, 22, 23 e 24: Jovens semeando no viveiro	55
Imagem 25: Confecção da horta mandala em mutirão.....	56
Imagem 26: Confecção da horta mandala em mutirão.....	57
Imagem 27: Colônia de férias – plantio da agrofloresta	60
Imagem 28: Primeiro manejo da área de agrofloresta plantada.....	60
Imagem 29: Visita técnica na agrofloresta com três anos de idade	61
Imagem 30: Flor da convivência.....	64
Imagem 31: Vivência no córrego.....	65
Imagem 32: Descobrimo a natureza com o cone de papel	66
Imagem 33: Queimando os papeis no fogo.....	67
Imagens 34, 35, 36 e 37 : Plantio de reflorestamento	70
Imagens 38 e 39: Colônia de férias.....	72
Imagem 40: Mutirão 1 Caravana Permacultural – círculo de bananeiras.....	75
Imagens 41 e 42: Mutirão 1 Caravana Permacultural – círculo de bananeiras	76
Imagens 43, 44 e 45: Mutirão 2 Caravana Permacultural – horta mandala	78
Imagem 46: Mutirão 3 Caravana Permacultural – separação de resíduos	80

Imagens 47 e 48: Mutirão 3 Carana Permacultural – minhocário.....	81
Imagem 49: Mutirão 4 Carana Permacultural – espiral de ervas.....	83
Imagens 50 e 51: Reflorestamento com bombas de sementes.....	84
Imagens 52, 53 e 54: Regras de convivência – pegada ecológica.....	87
Imagens 55 e 56: Revitalização da espiral de ervas com adubo do minhocário	89
Imagem 57: Observação e imitação dos padrões da natureza	90
Imagem 58: Colcha bordada com desenhos de aves do cerrado	91
Imagem 59: Merenda saudável com suco de maracujá plantado e colhido pelos alunos	92
Imagem 60: Ser responsável pela própria existência. Estudantes lavam a própria louça	92
Imagem 61: Trilha sensorial na agrofloresta	94
Imagem 62: Atividade individual ao ar livre	95
Imagem 63: Círculo de força e união	98
Imagem 64: Reflorestamento na chácara do vizinho	99
Imagem 65: Dança afro-brasileira – resgate cultural.....	101
Imagem 66: Amuleto	102
Imagem 67: Parede da casa sede do Projeto grafitada pelos jovens.....	102
Imagens 68 e 69: Oficina de papel reciclado	105
Imagem 70: Oficina túnel do tempo.....	106
Imagem 71: Arte inspirada em Miró	108
Imagens 72 e 73: Regras de convivência – jardins de positividade	108
Imagens 74 e 75: Oficina de marcenaria.....	110
Imagens 76, 77 e 78: Oficina de vidro reutilizado.....	111
Imagens 79 e 80: Oficina de filtro dos sonhos.....	112
Imagem 81: Mutirão de barro – banco com a técnica de bioconstrução	113
Imagem 82 e 83: Mutirão de barro – banco com a técnica de bioconstrução	114
Imagem 84 e 85: Mutirão de barro – banco com a técnica de bioconstrução	115
Imagens 86, 87 e 88: Reflorestamento na entrada do sítio.....	116
Imagem 89: Painel da fauna do cerrado	117
Imagem 90: Jovens unidos.....	118
Imagem 91: “Eu consegui o primeiro emprego.” Aluna Vanessa	135
Imagem 92: “Nós plantamos em casa.” Alunos: Kaiky e Caio.....	136

Imagem 93: “Eu separo o lixo em casa.” Aluna: Nayara	136
Imagem 94: “Eu uso um minhocário em casa”. Aluna: Adrielly	137
Imagem 95: “Eu soltei a ave de casa.” Aluna: Emilly	137
Imagem 96: “Eu planto em casa”. Aluna: Ana Joyce.....	138
Imagem 97: “Eu joga o lixo na lixeira”. Aluna: Danielli	138

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1: Momentos em que os jovens mudam de visão de mundo, de pensamento.....	38
Figura 2: Momentos em que os jovens modificam suas práticas/ações.	39
Figura 3: Ações ambientais que os jovens disseram fazer em seu dia a dia até 2013.....	40
Figura 4: Índice de mudança em termos de visão de mundo e adesão a novas práticas sustentáveis por parte dos jovens do Projeto até 2014.....	122
Figura 5: Número de alunos por práticas verdes listadas em questionário por eles em 2014.	123
Figura 6: Práticas verdes listadas em questionário, que os jovens disseram realizar até 2014.	124
Figura 7: Número de alunos por práticas verdes narradas em texto em 2015	126
Figura 8: Aprendizados práticos narrados em texto pelos alunos e mais multiplicados em suas vidas até 2015.	128
Figura 9: Número de alunos por práticas verdes registradas em fotografia em 2016.....	134
Figura 10: Influências práticas registradas em fotografia pelos alunos e mais multiplicados em suas vidas até 2016.	135
Figura 11: Número de alunos por práticas verdes registradas em vídeo em 2017.....	140
Figura 12: Aprendizados que tocam o coração dos jovens registrados em vídeo pelos alunos e mais multiplicados em suas vidas até 2017.....	141
Figura 13: Gráfico comparativo do quantitativo de alunos por ação desenvolvida ao longo de quatro anos.	142
Figura 14: Gráfico comparativo do percentual das quatro ações mais desenvolvidas pelos jovens ao longo de quatro anos.....	144
Figura 15: Opinião dos responsáveis sobre o aprendizado dos seus filhos no Projeto.	1445
Figura 16: Opinião dos professores e dos auxiliares de educação das escolas parceiras sobre a influência do Projeto na vida dos alunos	149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – O PROJETO SOMBRA DA MATA, A PROPOSTA E A EDUCADORA.....	20
CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PROJETO SM: ANOS 2013, 2014, 2015, 2016 E 2017.....	35
CAPÍTULO 3 – A VISÃO DOS EDUCANDOS E DAS FAMÍLIAS DO PROJETO E A DOS PROFESSORES E AUXILIARES DE EDUCAÇÃO DAS ESCOLAS PARCEIRAS.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS.....	158
ANEXO 1.....	163
ANEXO 2.....	164
ANEXO 3.....	165
ANEXO 4.....	168

INTRODUÇÃO

A humanidade está em um momento de transição no qual a mudança em curso precisa ser melhor diagnosticada para contemplar mais diretamente as questões ambientais. Em nenhum outro momento da história essa mudança foi tão perceptível, pois modelos ultrapassados de desenvolvimento que vinham exaurindo a Terra são hoje, aos poucos, substituídos por uma onda verde capaz de ressignificar com uma boa dose de consciência e atitude as várias formas de ocupação humana.

Veem-se projetos e programas que expressam os “R’s” da educação ambiental (refletir, repensar, recusar, reduzir/evitar, reutilizar e reciclar) junto às inúmeras instâncias da sociedade: refletir sobre o consumo; evitar o desperdício; economizar água; reduzir as sacolas plásticas; reduzir gastos energéticos; exercitar o consumo consciente; apagar a luz; deixar o carro em casa; consumir orgânicos; usar menos papel; reutilizar embalagens; separar os resíduos; reciclar produtos; prosperar de forma sustentável.

No entanto, apesar da existência de projetos e programas ambientais, nem sempre conscientização ambiental vem atrelada à ação e à prática, evidenciando que há uma distância entre a intenção e o gesto. Sensibilização ambiental, sem mudança de atitude em prol do meio ambiente e consequente leitura e transformação da realidade não traz os resultados necessários (Tozoni-Reis, 2006).

Tuan (2012) ressalta que nossa percepção tem a ver com algum valor para nós e atitude é basicamente uma postura cultural, uma posição frente ao mundo, a partir de percepções e de experiências. Sendo assim, o grande desafio proposto na educação ambiental é o estabelecimento de práticas que possam modificar as atividades humanas diárias.

Para se criar uma nova prática é necessário se rever o comportamento humano. Pensando-se na categoria “homem”, Boaventura de Sousa Santos (2002), pensador português e militante em favor de um projeto de emancipação social, diria que para ser protagonista da mudança deve-se caminhar para a cidadania ativa. Dessa forma, pensando-se na categoria “sociedade” a experiência social implicaria na

reinvenção da emancipação quando permitisse o diálogo entre saberes e fazeres de diferentes grupos.

O hábito é um elemento importante para a aprendizagem, pois ele enraiza o ato de aprender em parte de nosso dia-a-dia. Trazendo a problemática da mudança de hábito para um nível mais individual, dentro da categoria “homem”, pergunta-se: Por que não tornar mais cotidiano o costume de realizar um hábito verde individual e coletivamente, dentro da categoria “sociedade”?

Inicialmente um hábito pode sinalizar uma prática automática e sem reflexão, pouco emancipatória, mas ele é extremamente importante quando representa contratos conscientes e participativos celebrados entre os indivíduos e a coletividade. Conforme Bourdier (1974) afirma, a construção de um hábito passa pela coexistência de instâncias sociais interdependentes produtoras de valores culturais. Esse conceito ajuda a explicar a conexão entre os condicionamentos sociais externos ao indivíduo e as subjetividades individuais e coletivas, aquelas que estimulam os sujeitos a fazerem suas escolhas, não por reprodução ou condicionamentos, mas por meio de práticas em que seus agentes ressignificam e as transformam, tornando-se, pois fazedores de história.

De acordo com Moutinho e Roazzi (2010), as Teorias da Ação Racional (TAR) e da Ação Planejada (TAP) explicam que um comportamento inovador é gerado a partir de um novo conhecimento, aliado a atitudes, desde que haja intenções, crenças e motivação em um determinado tempo e cultura.

“Muitas vezes, as atividades de educação ambiental ensinam o que fazer e como fazer certo, transmitindo uma série de procedimentos ambientalmente corretos. Mas isso nem sempre garante a formação de uma atitude ecológica, isto é, de um sistema de valores sobre como relacionar-se com o ambiente, que será internalizado como uma visão de mundo orientadora dos posicionamentos do sujeito.” (Carvalho, 2008 p. 180).

Mas, como acontece a mudança de valores culturais em relação às práticas verdes?

Primeiramente, vale ressaltar que práticas verdes dentro dessa pesquisa seriam todas aquelas ações em que prevaleçam os cuidados com as pessoas e a natureza, ou seja, que carregam os princípios da sustentabilidade, referentes aos

aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais, sendo aqueles em que há a possibilidade de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas (SACHS, 2009).

O termo cultura está associado ao sentimento de pertencimento, quando permite que o indivíduo se localize socialmente. A identidade é plural, mas não perde a sua unidade, está sempre em movimento de acordo com as mudanças sociais. Dessa forma, é nas trocas sociais que a identidade se alimenta e retroalimenta, dando espaço para a inovação social. O desafio seria transformar o eu em nós, para gerar uma identidade coletiva que dialogasse com as singularidades de cada indivíduo.

Tudo começa quando se assume uma parcela da responsabilidade, no momento em que se faz junto. A mudança de um hábito consiste em se criar uma janela de oportunidade para se atuar com novos conhecimentos, em novas intenções e gestos e então colher futuramente modificação de comportamento.

Em um processo de mudança social, certamente os indivíduos são sujeitos de suas ações, que criam novos modos de subjetivação. De acordo com Boaventura (2010), existe uma tensão entre a subjetividade individual e coletiva.

A Teoria da Subjetividade na perspectiva histórico-cultural afirma que o sujeito singular, com suas subjetividades individuais, relaciona-se com o conhecimento e as emoções do outro e, em virtude das dinâmicas que se estabelecem a partir desse processo, gera-se subjetividade social (Gonzalez Rey, 2005). A subjetividade dentro da educação tem a característica de desenvolver, revelar mudanças, e envolver experiências individuais ou grupais com suas contradições, rupturas e permanências dentro de aspectos sociais, históricos e culturais, gerando inovação educativa do processo de produção de sentido.

À exemplo de uma proposta comunitária inovadora, tem-se um projeto de educação ambiental ao ar livre, o qual essa pesquisa retrata. O Projeto Sombra da Mata de inclusão socioambiental de jovens executa atividades de educação ambiental na prática há doze anos na comunidade rural da Ponte Alta do Gama/DF, dentre elas: reflorestamento dos córregos - plantio de mudas nativas na mata ciliar e plantio de agroflorestas - florestas sistêmicas e comestíveis (Aquino e Assis, 2005); oficinas de

bioconstrução - uso consciente da natureza para obras de engenharia e arquitetura (Jackson e Svensson, 2002); plantio e manejo de hortas orgânicas e hortas medicinais - sem uso de agrotóxicos, com cuidados ambientais e sem exploração dos trabalhadores (Souza e Rezende, 2003); utilização de minhocários - aproveitamento de resíduos orgânicos por meio de minhocas (Oliveira, 2005) e composteiras - produção de adubo a partir da reciclagem de matéria orgânica por meio de fungos, pequenos animais e microorganismos (Inácio e Miller, 2009).

A experiência ao longo de anos junto a esse Projeto mostrou que em um processo contínuo, emancipatório, mais prático do que teórico de educação ambiental, a aprendizagem reverbera significativamente em mudanças de hábitos e comportamentos, o que gerou em um novo comportamento perante o meio ambiente, além de ter também colhido como resultado a conscientização ambiental dos trinta jovens envolvidos com idades entre onze e dezoito anos.

Assim, a presente pesquisa guarda a expectativa de que cada vez mais pessoas façam escolhas sustentáveis, aquelas em que cada um é responsável pela sua própria existência. Conforme Leff (2003) define, a complexidade ambiental é um convite a uma aprendizagem dialógica e diversa para a construção e o empoderamento de sujeitos que recriam o mundo guiados pelos valores da sustentabilidade.

As estratégias metodológicas adotadas são relacionadas à pesquisa qualitativa com recursos da pesquisa-ação-participativa, como forma de articular a construção coletiva de uma proposta de educação ambiental crítica e emancipatória, que leve em consideração os diferentes saberes (TOZONI-REIS, 2005).

“A metodologia da pesquisa-ação-participativa articula, radicalmente, a produção de conhecimentos, a ação educativa e a participação dos envolvidos, isto é, produz conhecimentos sobre a realidade a ser estudada e, ao mesmo tempo, realiza um processo educativo, participativo, para o enfrentamento dessa mesma realidade”. (TOZONI-REIS, 2005 p. 271).

Essa metodologia tão rica em possibilidades permitiu realizar distintos instrumentos, que juntos foram capazes de garantir a troca de saberes entre os envolvidos no processo.

Barbier (2007) explica que a pesquisa-ação busca desenvolver novos conhecimentos e transformar a realidade de forma colaborativa e crítica junto a um grupo de pessoas em determinado tempo e espaço. Sendo assim, o discurso só tem sentido na ação e são sempre complementares.

Junto ao Projeto Sombra da Mata, pôde-se executar não somente um estudo de compreensão do significado da experiência ambiental vivida, mas uma intervenção junto às pessoas envolvidas por meio, principalmente, de oficinas temáticas e vivências, voltadas para as práticas verdes, ao longo de doze anos. “A pesquisa-ação tem sido concebida principalmente como metodologia de articulação do conhecer e do agir” (Thiollent, 2011).

Além do envolvimento direto com os participantes do Projeto, houve a aplicação de questionários, produção textual e de fotografia junto aos alunos, rodas de conversa, complementação de frases, entrevistas e depoimentos gravados em vídeo junto às famílias dos envolvidos e dos professores e auxiliares educacionais das Escolas parceiras, que pudessem trazer uma explicação para as inquietações da pesquisadora.

A coleta de dados referentes ao período entre 2013 e 2017, com instrumentos variados buscou trazer à tona o entendimento sobre a mudança de visão de mundo e mudança de conduta, a partir da experiência dos jovens nas atividades do SM, além de compreender como agem diante de situações que envolvam questões ambientais dentro e fora do Projeto e, ainda, sobre os ganhos educativos e ambientais que obtiveram a partir da experiência nas aulas. Os dados elucidaram ainda a opinião das famílias e dos professores e auxiliares das escolas parceiras sobre a influência do Projeto na vida dos alunos.

Assim, os resultados são problematizados em uma dinâmica socioeducativa transformadora, que busca entender afastamentos e aproximações entre a intenção e o gesto ambiental. Tal dinâmica baseia-se na hipótese de que o caminho do discurso à ação ambiental poderá ser reduzido se à educação forem somadas atividades práticas diárias, contínuas e duradouras de cuidados com o meio ambiente, em que o jovem se torne protagonista do seu aprendizado e de suas ações.

A presente pesquisa investigou se as escolhas sustentáveis, aquelas em que cada um é responsável pela sua própria existência – ao utilizar a água; ao se movimentar; ao se alimentar; ao destinar seus resíduos; ao se divertir; ao inovar e ao sonhar – que aproximam a individualidade da coletividade, a sociedade da natureza, são potencializadas ou não a partir de um processo de educação ambiental crítico e emancipatório.

Portanto, a educação ambiental colocada em prática trata de mesclar o diálogo científico com o popular, em uma mistura que desafia a pensar a história social com suas nuances culturais como impulsionadora da transformação.

Assim, a proposta de educação ambiental dessa pesquisa é balizada por uma visão socioambiental. Segundo Carvalho (2008) esta visão é orientada por uma razão complexa e interdisciplinar que percebe o meio ambiente como um campo de trocas entre cultura, sociedade e uma base física e biológica dos processos vitais, nos quais, a mudança é dinâmica e mútua.

Esse trabalho está organizado em introdução, três capítulos e considerações finais. O capítulo 1 contém a descrição do Projeto Sombra da Mata, sua comunidade, a proposta de educação ambiental e um pouco da história da educadora. O capítulo 2 relata com detalhamento as atividades de educação ambiental praticadas entre 2013 e 2017. O capítulo 3 explica a tabulação da coleta de dados, em que traz a visão dos alunos, dos responsáveis, dos professores e auxiliares de educação das Escolas parceiras sobre a influência do SM nos jovens. Após explicações e análises, essa pesquisa encaminha os resultados encontrados dentro das considerações finais, que discutem os achados e apontam os limites e potenciais dessa linha de pesquisa.

CAPÍTULO 1 – O PROJETO SOMBRA DA MATA, A PROPOSTA E A EDUCADORA

O Projeto Sombra da Mata está localizado no Núcleo Rural Ponte Alta do Gama, Região Administrativa do Distrito Federal, localidade que mescla aspectos rurais e urbanos, pois além de manter algumas características do universo rural, é marcado pela realidade de uma periferia urbana.

O Projeto é realizado há doze anos no Sítio Sombra da Mata e baseia-se na inclusão socioambiental de crianças e jovens da Ponte Alta do Gama/DF de modo a fomentar reflexões e ações no âmbito da educação ambiental por meio de práticas e vivências voltadas principalmente para o meio ambiente.

Imagem 1: Grupo de alunos e professores.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Dessa forma, a educação ambiental praticada no Projeto é um caminho para a transformação, orientado para a mudança de percepção e conduta, promovendo a tomada de consciência e de atitude.

A ideia é extrapolar as paredes da sala de aula, expandir a educação para além dos muros da escola, entrar em contato direto com a natureza e com a comunidade, estar ao ar livre em um processo de aprender, em que o indivíduo desenvolve um vínculo progressivamente criativo e livre com o mundo, relação essa responsável pela apropriação instrumental da realidade para transformá-la.

A metodologia adotada é a de um envolvimento direto com a comunidade, de cunho participativo, garantindo envolvimento e participação dos envolvidos.

A educação ambiental tratada neste Projeto é direcionada para uma postura dialógica, problematizadora e comprometida com transformações de cunho emancipatório. Essa abordagem evidencia uma postura calcada nas ideias do educador Paulo Freire (1997) nas quais uma proposta libertadora de educação prevê o diálogo entre atores sociais e conseqüentes ações levadas a cabo coletivamente.

Possui como estrutura básica a perspectiva de transdisciplinaridade, que tem como objetivo a compreensão do mundo presente, buscando a complexidade por meio de ações e suas formas de atividades: trabalhos individuais e em grupo, atividades lúdicas, discurso e apresentação, textos impressos, práticas, oficinas e vivências. “A ação é o reino concreto e às vezes vital da complexidade” (Morin, 2011 p.81).

As atividades do Projeto acontecem de tal maneira que os jovens (11 à 18 anos) estão presentes no Sítio nas quartas e as crianças (3 à 10 anos), nas sextas, sempre no turno contrário à escola.

Na sua grande maioria, as crianças e jovens, beneficiários diretos deste Projeto, são filhos de trabalhadores das terras da Ponte Alta, ou seja, seus pais não são os donos das pequenas propriedades rurais, mas empregados com funções variando entre caseiros, jardineiros, cozinheiras, faxineiras, diaristas, marceneiros, tratoristas, pedreiros ou peões, demanda característica na região.

Trata-se de um grupo de crianças e jovens em fase de estudos fundamental e médio, havendo entre seus pais um alto índice de analfabetismo.

Experimentam e comprovam na vida rural que a concretização do sonho da independência somente é possível se asseguradas algumas condições de ordem prática que implicam necessariamente no acesso à educação, que possa ser fomento de aumento de autoestima e melhoria da qualidade de vida.

É importante ressaltar que o Projeto é imensamente direcionado à formação de jovens no intuito de melhorar suas condições sociais e desenvolver lideranças na comunidade que tenham potencial de replicação de práticas verdes, sendo assim multiplicadores de ações, entendidas como as de cuidados com as pessoas e com meio ambiente.

Portanto, os jovens a serem beneficiados diretamente neste Projeto são partícipes de uma situação socioeconômica muito delicada, não têm opção de lazer, de esporte, de formação técnica, de capacitação em áreas demandantes, de inclusão digital e outros.

De maneira geral são advindos da região nordestina do Brasil, tendo passado pelas periferias das grandes cidades brasileiras.

A renda média de suas famílias varia de um salário mínimo e meio para os homens (R\$ 1.400,00) e uma diária rural semanal de R\$ 70,00 para as mulheres, sendo mensalmente para elas, R\$ 280,00.

No que diz respeito ao sistema público de educação, na porção rural da Ponte Alta encontram-se em funcionamento duas escolas, parceiras do Projeto, sendo elas: Escola Classe Córrego do Barreiro e Centro de Ensino Fundamental Tamanduá. Com essa conformação, todos aqueles que concluem o Ensino Fundamental deslocam-se para a cidade do Gama afim de dar continuidade à sua formação escolar. Com isso, o desgaste dos jovens da área rural que cursam o ensino médio é diário, pois dependem do transporte público para chegar até a escola.

O transporte público que atende esta população possui uma estrutura de apenas cinco linhas de ônibus que circulam somente de segunda a sábado, deixando a área desprovida de qualquer suporte durante feriados e domingos, fato impeditivo

ou dificultador de várias questões como, por exemplo, os estudos, o trabalho, o lazer e até mesmo o acesso à saúde.

A comunidade escolhida para a execução do Projeto a partir de 2005 foi a da Ponte Alta do Gama, a partir de demandas locais das duas Escolas Públicas parcerias e de famílias das chácaras vizinhas ao Sítio Sombra da Mata. A sede do Projeto foi instalada nesse sítio, cedido amorosamente por seus proprietários, pais da educadora, por meio da formalização de um Termo de Cessão de Uso, no qual firmaram o compromisso de emprestar a propriedade e não se desfazer dela durante o período em que o Projeto estiver sendo executado.

Referente aos aspectos de ocupação e ordenamento desta zona rural, em sua grande maioria, o espaço é composto por pequenas chácaras e sítios que passaram de locais que são ocupados por seus donos apenas nos finais de semana e uma minoria de pequenas parcelas irregulares que estão sendo adquiridas por antigos caseiros, moradores do local e principais interessados em melhorias na qualidade de vida.

Para melhor compreender o que é o Projeto Sombra da Mata e quais são suas propostas faz-se necessário revisitar suas origens, que são socioambientais.

Junto às Escolas e à comunidade iniciaram-se ações para promover a divulgação das ideias e propostas norteadoras do Projeto e construir uma melhor percepção da realidade, a partir das demandas locais. Após a liberação do recurso inicial oriundo de patrocínio de empresas privadas foi possível começar um trabalho coletivo de mutirão, que reuniu educadores, seus amigos e familiares e a comunidade da Ponte Alta, em sua maioria moradores e trabalhadores de chácaras vizinhas ao sítio.

A atividade inicial do mutirão foi a construção de uma casa, denominada Ecoteca, bioarquitetada e consolidada pelo grupo envolvido. Já pautados por uma proposta de Educação Ambiental de base comunitária, que pensasse em soluções e medidas sustentáveis, a técnica escolhida para a construção da casa foi a de ferro-solo-cimento, tecnologia de bioconstrução, na qual são utilizados terra e areia do local, além de cimento, telas metálicas e bambu como elementos para a edificação. A

construção coletiva utilizando esta técnica propiciou uma maior integração, identidade, sentido de pertencimento e de comunidade entre os participantes, favoreceu ricas vivências pedagógicas e permitiu, ainda, a edificação de uma obra de baixo custo e com um pequeno impacto ambiental.

Imagens 2 e 3: Construção da ecoteca pela comunidade em mutirão com técnicas de bioconstrução.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Depois de um período de seis meses de trabalho coletivo, a Ecoteca juntamente com a antiga casa sede do sítio estavam prontas para abrigar as diversas ecoatividades (vivências de educação ambiental ao ar livre) do Projeto. Deu-se então andamento a mais uma etapa de divulgação, o que aconteceu com uma maior aproximação com as escolas da região, mediada por apresentações de cirandas e teatro que contavam como tudo seria. Essa abordagem pretendia sensibilizar alunos, professores e a comunidade, para que todos tivessem o interesse em conhecer, participar e ajudar a construir a história do Sombra da Mata.

A partir de agosto de 2006 houve o início formal das ecoatividades (práticas verdes) do Projeto Sombra da Mata que se alonga até o ano de 2018 a partir de recursos do governo, empresas privadas e pessoas físicas, sempre direcionados como prioridade ao pagamento das merendeiras, em um movimento de valorização dos profissionais da comunidade envolvidos, bem como oferecer as refeições e lanches saudáveis servidos aos alunos.

Em relação à educação ambiental, as questões práticas que possuem um maior destaque são relacionadas ao uso e ocupação da terra; bioconstrução; reflorestamento; agrofloresta; agricultura orgânica; permacultura - tem como princípio pensar as ocupações humanas de modo sustentável, de forma a agregar práticas ancestrais aos conhecimentos modernos (Mollison e Slay, 2000); destinação adequada dos resíduos orgânicos; compostagem e minhocultura .

De maneira ampla, o principal foco das ações pedagógicas desenvolvidas no Projeto é a inclusão socioambiental, de crianças e jovens com idades entre três e dezoito anos, de modo a promover vivências pautadas pela educação ambiental ao ar livre e que sejam capazes de favorecer a estruturação e o fortalecimento do processo de empoderamento juvenil principalmente no sentido de se conscientizar e se posicionar no mundo por meio de ações práticas e rotineiras, como, por exemplo, usar e guardar o material que se usa, experimentar novos sabores culinários que se oferecem no Projeto, lavar a louça que se suja, colocar os resíduos orgânicos no minhocário, reflorestar a região, apoiar os mais novos em questões necessárias e outros. Com essas práticas, também estavam o desejo e a intenção dos educadores

que uma das filosofias do Projeto, a de ser responsável pela própria existência, fosse vivenciada pelo grupo.

Foram também incluídos passeios e visitas técnicas em meio às aulas, que além das perspectivas educativa e lúdica previam também promover espaços de inclusão social e cultural das crianças e jovens participantes, além de encurtar a distância entre o campo e a cidade.

Quanto ao público beneficiado indiretamente estima-se que o trabalho do Projeto ao longo de doze anos tenha atingido aproximadamente trezentas famílias, o equivalente a 1.500 pessoas da comunidade da Ponte Alta do Gama. No entanto, nessa pesquisa entre 25 e 30 jovens do Projeto, a depender do ano, com idades entre 11 e 18 anos e suas famílias foram o foco.

As transformações observadas já demonstram inúmeros reflexos em atitudes cotidianas dos alunos, especialmente naqueles matriculados no Projeto há mais tempo. Algumas questões são destacadas pelos educadores como é o caso da mudança em relação ao cuidado e destinação adequada do lixo observada nos eventos e passeios promovidos e ainda atitudes de maior respeito em relação aos espaços de uso coletivo. Aos poucos percebe-se que mudanças como essas começam a ser executadas pelos alunos em seus outros espaços de convivência – familiar e estudantil – como forma de multiplicar valores, práticas e atitudes vivenciadas no Projeto.

A partir desse ponto, será contada uma história, de sonho, amor e fé, que trará em terceira pessoa as observações, inquietações, planos, intervenções e avaliações dos anos de educação ambiental ao ar livre no Projeto Sombra da Mata. Mais à frente, no capítulo de análise da coleta de dados, bem como as considerações finais a linguagem mais formal e acadêmica voltará ao documento.

Conheço bem essa moça há um tempo, desde quando despertou nela internamente uma grandeza ímpar, uma criatividade inesgotável, generosidade e muita disposição pelo outro. Nasceu com a certeza de que dar é muito melhor do que receber, mesmo que por algumas vezes ela tenha se entristecido com a dificuldade de olhar para si mesma. E até hoje ela se esforça para dosar esse difícil equilíbrio da

balança que pesa infinitamente para o lado da doação e do trabalho voluntário. Na verdade, ela só quer dar para os seus meninos e meninas meios deles descobrirem como alçar seus próprios voos em genuína conexão com a natureza.

Sempre os chamou de sua gente e nessa aproximação amorosa dá voz e ouve até o que ressoa silenciosamente nos olhares e linguagens corporais da sua moçada. Ahhh! E sua moçada tem um brilho e identidade próprios, bonitos de se ver, simplesmente porque aprenderam que dialogar é a melhor forma de se comunicar. E assim, na prática, acabam, educadora e educandos, mudando a teoria, revolucionando conceitos arraigados culturalmente e abrindo novos caminhos.

Quando ainda criança foi escoteira e ali descobriu realmente a que veio ao mundo – trazer luz à existência humana, respeitando as pessoas e a natureza. Por vezes ela perde a esperança na humanidade, mas segue firme seus passos tentando “endurecer, sem perder a ternura”, como dizia Che Guevara. Outrora, na juventude, fazia das ideias em que acreditava verdadeira ebulição criativa. Hoje, prefere fazer de suas intenções, gestos bem realistas, que alimentam a esperança de que os seres humanos pertencem ao planeta Terra, de que o convívio com o meio ambiente despertará a vontade, a curiosidade e a criatividade de executar ações verdes, respeitadas e em equilíbrio com a natureza.

Quando adolescente, ainda aos doze anos, conheceu a maternidade meio de cabeça para baixo. Sua mãe teve um filho temporão, o Vitor Danna, que cresceu ao lado dela ou ela cresceu ao lado dele... Ela participou intensamente da educação desse irmão e junto dele experimentou os primeiros passos como educadora. Conheceu por ele uma escola, a Casa do Sol, espaço de vivências integradas junto à natureza que acontecia em um local físico de tamanha beleza e equilíbrio natural. Aflorou então seu lado de educadora ambiental sem ao menos saber que essa área de estudos existia. Foi nessa Escola que ouviu falar pela primeira vez, aos dezoito anos, em educação ambiental pelas doces palavras de uma palestrante, que viria a ser sua grande mestra ao longo da vida, a Leila Chalub. Foi ali também que conheceu a permacultura, ciência que envolve o cuidado com as pessoas, com a natureza e com a distribuição dos excedentes.

Tamanho foi o encantamento que a fez optar por cursar Pedagogia na Universidade de Brasília. E a identificação com seu mundo, totalmente voltado para a inclusão socioambiental, aconteceu mesmo ao fazer a disciplina Fundamentos da Educação Ambiental e reencontrar aquela palestrante da Escola Casa do Sol, agora na pele de sua professora! Esse encontro, ou reencontro de vidas, selou a sua feliz passagem pelo PET – Programa Especial de Treinamento – da Faculdade de Educação, tutorado pela Leila. E por lá ela viveu os mais felizes tempos educativos de sua vida porque experimentou na extensão universitária a mistura bem temperada entre teoria e prática, a tal da práxis, que a remetia para a transformação material da realidade.

E assim tudo se concretizou! A junção com a práxis socioambiental dentro de acampamentos e assentamentos de reforma agrária pelo Goiás afora, que era o foco do PET à época, fez com que ela mantivesse a chama do idealismo e altruísmo acesa salvando-a do medo, do desencanto e da desesperança. Ela era impulsionada pelo fazer, era pura energia do movimento, queria experimentar, trocar, aprender, tinha simplesmente vontade de realizar. A educação ambiental foi o lastro do trabalho nesses locais rurais em que vivências, rodas de conversas e oficinas eram realizadas no intuito de estimular a gestão participativa para que as pessoas envolvidas alcançassem mais autonomia em processos decisórios locais, como os ambientais, sociais, econômicos e culturais. E foi dentro do diálogo que mais uma vez assumia-se o desafio de formar vozes que tomassem consciência crítica da sua realidade para poder criá-la ou recriá-la por seus próprios atos, ampliando-se assim o espaço educativo existente.

Apesar de um visível abandono governamental e isolamento espacial, aqueles acampados e assentados lhe empurravam para a frente em uma inexplicável sensação de amparo e acolhimento pela demonstração de força no trabalho coletivo e recriação da realidade a partir do despertar de novas práticas e levantamento de alternativas e soluções para problemas encontrados. E ali ela executou seu estágio pedagógico com crianças embaixo de uma árvore, naquilo que veio chamar posteriormente de sala de aula ao ar livre. E em um segundo momento, estagiou alfabetizando, por Paulo Freire, jovens e adultos em um barraco de lona e palha de

gueroba e jerivá, sempre encantada com o aprender e o processo de se formar educadora.

Era a professorinha como os mais velhos a chamavam. Lembro-me que ela era incansável, lotava o carro verde de material, planos de aula e muita esperança na bagagem e seguia com rumo certo duas vezes por semana por uma hora e vinte cada trecho para o Assentamento Terra Conquistada em Água Fria de Goiás. Conhecia cada colina e curva da estrada porque seu olhar sempre se voltava para fora, para o outro. E por isso, pelos milhares de quilômetros percorridos ao longo desse tempo, pôde refletir sobre sua prática como educadora aprendiz.

Houve um momento muito rico em sua formação, que foi a experiência de troca de saberes junto a cinquenta educadores leigos do município de São João D'Aliança/ Goiás. O Grupo PET conduziu um curso de capacitação e reciclagem de conhecimentos e práticas pedagógicas ao longo de dois anos em que o individual era o ponto de partida ao coletivo, respeitando-se as diferenças, emergindo o saber popular para junto do científico, formando, assim, sujeitos históricos, construtores e transformadores de sua história. Até porque a educação ambiental que ela exercitava implicava no renovar da experiência do educador e da própria escola, sendo essa um centro irradiador de intenções e ações. Esse curso foi um espaço de construção coletiva do saber, de análise da realidade, de confronto e intercâmbio de experiências e de um exercício concreto e genuíno de educação. Foi quando uma professora participante vibrou ao saber que as minhocas que outrora eram utilizadas apenas para a pescaria no rio, poderiam transformar os resíduos orgânicos da cantina em adubo por meio de composteiras e minhocários escolares.

Nesse tempo pedagógico universitário, ela percebeu uma contradição na relação escola-sociedade: entendeu que decisões internas à instituição escolar, aparentemente de cunho técnico, sempre estão relacionadas a processos políticos e econômicos, que interferem diretamente nas condições de igualdade social e de qualidade de vida das pessoas envolvidas. Formava-se aí uma educadora politizada, afinal educar é um ato político como dizia Paulo Freire em suas palestras.

Mesmo com esse sentimento solidário, feito de ideias e ações, de vontade de realizar, construir e criar, ela precisou parar. Estava tão inteiramente entregue ao

trabalho educativo e suas descobertas que quase se mudou para o Assentamento, desejou ser um deles. E apesar dela compreender muito bem aquela realidade, ela não era dali e precisava voar mais um pouco, se aprofundar em educação ambiental ao ar livre, já que para ela, essa área específica do conhecimento cobria tanto o lado natural como o social do meio ambiente. Então, ela interrompeu as atividades acadêmicas de extensão e foi para a Austrália fazer o mestrado, buscar e encontrar mais crescimento e conhecimento.

E lá pôde olhar melhor para si mesma, até porque seu coração aliviava quando deitava a cabeça no travesseiro e pensava que o seu vizinho que era caminhoneiro tinha as mesmas oportunidades e qualidade de vida que a sua porque afinal aquele é um país que oferece as mínimas condições de vida a seus moradores. Fez algumas descobertas pessoais e outras tantas profissionais.

Entendeu de uma vez que educação ao ar livre em uma perspectiva ambiental é um processo que envolve investigação e experimentações na natureza, já que em sua concepção, educação não pode ser divorciada da vida. Com isso, a educação ambiental ao ar livre possibilitaria a integração da educação escolar com a educação da vida. Para ela, essa era a sua grande sacada, que culminou em seu mestrado a partir das suas ricas vivências durante a graduação. Em sua pesquisa australiana pôde estudar à fundo o autor Clifford Knapp (1996), que dizia que se o educador olhar um pouco ao seu redor, além da sala de aula, ele encontrará um mundo para explorar e recriar junto a seus alunos.

Ela percebeu pela prática, que o grande objetivo de promover a educação ambiental ao ar livre seria possibilitar o aumento de atitudes verdes individuais e coletivas, que vão além da utilização dos recursos, mas principalmente a preservação deles. Seriam exemplos dessas ações verdes: a separação de resíduos, o respeito à diversidade, o reflorestamento, o não desperdício de alimento, a gratidão entre outras. A prática recorrente dessas atitudes faria com que se criasse o senso de identidade, de pertencimento e de comunidade, uma espécie de visão ou consciência ambiental coletiva compartilhada, ocasionando mudanças no estilo de vida. Seria uma maneira de realizar a sustentabilidade pelas mãos e pelo coração.

Essa percepção dela corrobora o que Paulo Freire (1987) aponta em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, que as pessoas juntas são capazes de mudar a realidade, criar história e se tornarem seres mais sociais. Grandes mudanças acontecem a partir de pequenas ações cotidianas, o que acaba redefinindo a forma de pensar e agir. Ela pensa que se nos conectarmos à natureza e nos unirmos a pessoas que dividem o mesmo sentimento pelo meio ambiente, fará com que tudo se modifique. E isso é o início da mudança para incorporar no dia a dia princípios e práticas verdes, que seriam ações positivas em favor do meio ambiente. O maior ponto da educação ambiental é a mudança!

E com tudo isso na bagagem ela voltou para o Brasil. Já não era uma moça e sim uma mulher, com tanto para doar que mal se continha. Demócrito dizia que “o caráter de um homem faz o seu destino”. E ela entendia muito bem essa mensagem, ela acreditava nas suas ideias e ideais e tinha força para aplicá-los nos afazeres cotidianos, nas práticas rotineiras e na sua história de vida. E a partir daquele momento, ela elaborou algo totalmente novo que pudesse ser um apanhado de todo o rico aprendizado até então. Como eram outros tempos, outra realidade, ela construiu uma diferente abordagem educacional para um projeto de vida, a ser intitulado Projeto Sombra da Mata, em que seriam dadas ações práticas para as teorias ambientais, baseadas em aspectos ecológicos, econômicos, sociais e culturais. Ela intencionava revolucionar inclusive a sua própria forma de educar. A educação ambiental teria vários caminhos a seguir, mas para ela, as mudanças dependeriam do exercício e da prática cotidiana de preservação do meio ambiente e de inclusão social, bem como a articulação desses dois eixos no dia a dia. Essa era a educação ambiental que ela acreditava!

Recebeu uma ligação inusitada de um amigo de juventude dizendo que gostaria de realizar um projeto de responsabilidade social da empresa em que trabalhava junto à alguma comunidade. E como sabia que ela tinha desde muito tempo as características sociais, ambientais e educativas necessárias para essa execução, pronto, deu-se o início de tudo.

E o Projeto Sombra da Mata (SM) nasceu porque além de representar a possibilidade do novo em sua vida, a fazia revisitar o seu mundo, a sua história de

vida, do escotismo, da Casa do Sol, da UnB, do PET, do Assentamento, do mestrado... Afinal, ela era imbuída de amor ao próximo e sempre quis dar ao mundo tudo o que se pode dar para torná-lo melhor. E ela, pela primeira vez, compreendeu que o Projeto SM, atuando junto a crianças e jovens da área rural do Gama, no Distrito Federal, a faria experimentar o melhor de si por muitas vezes. E por isso, ela amaria fazer aquilo por tantos anos, doze no total.

Uma conversa franca com a sua família, proprietária do sítio, sede do Projeto para que autorizassem e acolhessem o SM e uma visita aos vizinhos chacareiros e às Escolas públicas parceiras selou a presença da comunidade na pedra fundamental do Projeto: a obra da Ecoteca, espaço que abrigaria a escola verde local.

Essa obra enche os olhos de quem visita o sítio e de quem a construiu em mutirão, amassando barro, carregando peso, amarrando bambu, alicerçando um sonho. E todos que participaram emprestaram ao barro toda a generosidade do seu coração para dar forma ao desejo de melhorar a educação de suas famílias. Nada soa vazio por ali, a experiência de ajudar a construir, suando o corpo, exercitando a mente para planejar os próximos passos, arrecadando recursos e pessoas para abraçarem a ideia, fizeram dali um espaço de sentimento, de motivação, de verdade, de fé e de esperança. E o significado dessas palavras ecoa até hoje com o poder fabuloso de transformar a vida das pessoas.

Com essa experiência da obra coletiva de baixo impacto na natureza, pois foram utilizados recursos da região com as técnicas de bioconstrução, ela se deu conta que tudo estava interligado, o seu passado e o seu presente, talvez o seu futuro. Conforme Johan Van Lengen (2004), a bioconstrução traz a compreensão da relação entre habitação e seu entorno porque aplica uma combinação de técnicas populares e modernas, focadas no uso de materiais da região, mão de obra local e o mínimo de custo. É uma excelente opção quando se deseja criar um lastro com a comunidade, uma vez que utiliza o formato de trabalho em mutirão, em que várias pessoas, na maioria leiga, se dividem em tarefas variadas com um objetivo, nesse caso, edificar uma Escola comunitária.

Imagem 4: Ecoteca.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

E a história dessa história tem o início que não se sabe ao certo onde começou, se foi em um encontro, em um estudo ou pesquisa, em uma experiência prática, em um livro, na cabeça de uma educadora, no imaginário de muitos sonhadores-fazedores que sempre pensam na educação e por ela elevam reflexões, suspiros, inspirações e ações. Mas a história de um encontro físico ela pode dizer quando e como aconteceu a partir da execução coletiva dessa eco escola. E ao longo dos dias que se passaram construindo as paredes, o piso e o telhado foram tecendo a trama de fios que entrelaçaria aquelas pessoas revisitando suas histórias de vida, conhecendo seus valores, suas necessidades, potencialidades e desejos. Ah! Os desejos...

A vontade de cada um que participou desse processo infiltrou-se nas relações pessoais e, em um universo muito diverso, determinaram juntos o planejamento dos primeiros seis meses de aulas de educação ambiental ao ar livre que o Projeto SM

teria. O grande desafio foi estabelecer por meio do interesse e necessidade imediata – contra-turno escolar de qualidade – o vínculo com o eixo propulsor do trabalho pedagógico: a educação ambiental transformadora, voltada para a prática, para a mudança, possível de integrar os contextos sociais, culturais, ecológico, econômico e inclusive político. A possibilidade de mudança caracterizava-se pelo reconhecimento da própria realidade e ação consciente nesta.

Bem por isso, o desafio do Projeto seria imenso, pois não é nada fácil ser um estimulador e um motivador de processos educativos pela sustentabilidade que não foram ainda experimentados e/ou praticados. Mas era notável que naquele sonho havia chão. E ela trocou as asas por um par de pés no chão. E nisso passaram-se doze anos dos quais quatro serão retratados aqui nessa pesquisa, já que escrever é retratar o que a alma sente.

CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PROJETO SM: ANOS 2013, 2014, 2015, 2016 E 2017

Em 2013 com a parceria junto às Escolas públicas locais consolidada e o apoio financeiro de algumas pessoas jurídicas e físicas, além do governo esporadicamente, ela selou o tempo e o espaço do doutorado com um desfile comunitário no sítio sede, munida de fé e esperança que foram representadas pelo estandarte colorido e reluzente do Projeto e com uma ciranda coletiva junto às pessoas presentes realizando um abraço simbólico na ecoteca.

Imagem 5: Ciranda do Sombra da Mata



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Foi uma renovação pela promoção humana em que muitas experiências-piloto de ação verde individual e coletiva dariam aos educandos com idades entre onze e dezoito anos o status de agentes de transformação para que encontrassem algo que

os aproximasse ainda mais da vida, já que nessa faixa etária, a juventude costuma ter brilho nos olhos e vontade de fazer e acontecer. Esse público aprenderia a dar uma importância repaginada ao rural, traduzida de sustentabilidade.

Nesse ano, a educadora optou por realizar uma matrícula dos alunos jovens inscritos somando dados como nome completo, idade, escola, série, endereço, nome do responsável, contatos, questões relevantes de saúde, tempo de matrícula no Projeto, autorização de veiculação de imagens e declaração de familiaridade com questões ambientais, demonstrando, assim, interesse em ingressar ou renovar a matrícula em um projeto de educação ambiental ao ar livre.

Muito relevante nessa matrícula foi que 99% dos educandos eram moradores de área rural e apenas 1% de área urbana. E 100% se colocou com pouca experiência em questões ambientais antes de ingressar no Projeto, fossem elas de consciência ou de atitude. Dos participantes desse processo de matrícula, 75% já era aluno há quatro anos tendo já experienciado algumas atividades verdes. E ao longo dos quatro anos de doutorado esse procedimento se repetiu com os novos alunos que ingressavam.

Nos primeiros dias de aula em 2013, focada em seu doutorado, ela realizou um jogral escrito, de complementação de frases, em que eram lançadas algumas questões consideradas importantes para a pesquisa:

- Sobre comunicação, eu...
- Sobre colaboração, eu...
- Entre palavra e ação, eu...
- Sou aberto às novidades e às mudanças quando eu...
- Eu modifico a minha visão de mundo quando...
- Eu modifico as minhas práticas/ações quando...
- No meu dia a dia, eu faço a seguinte ação ambiental...

Em cada folha de tamanho A4 foi escrita uma dessas questões. Um educando por vez escrevia sua resposta e dobrava a folha de tal maneira que o próximo que receberia essa folha não conseguiria ler a resposta do anterior. Em seguida, passava o papel para a pessoa do lado esquerdo e recebia a folha do colega do lado direito, já

com outro questionamento. Dessa forma, todos os vinte e quatro presentes no dia, em roda, receberam e responderam do seu jeito as frases para serem completadas, sendo colhidas informações subjetivas e personalizadas, dando bastante sentido de identidade aos jovens presentes no dia.

Sobre o primeiro item questionado, onze alunos responderam que procuram falar, se abrir e se comunicar. Três disseram utilizar as redes sociais e *WhatsApp* para esse fim. Outras três se consideraram bons e outros três ruins de comunicação. Quatro responderam de forma desconexa.

Sobre colaboração, quinze disseram ajudar no geral. Quatro são a favor pois para esses, colaborar muda o mundo. Um disse que faz o que pode. Outro disse não fazer nada. E três responderam algo sem sentido com o questionamento.

Sobre a questão que solicitava a preferência entre palavra e ação, dezesseis jovens disseram preferir a ação, pois a palavra poderia ser dita em vão. Duas pessoas preferiram ambos, palavra e ação. Quatro optaram pela palavra. E dois responderam não preferir nem um nem outro.

Sobre ser aberto às novidades e às mudanças, oito disseram ser quando fosse necessário. Sete disseram ser quando estão interessados pelo assunto. Três disseram ser abertos ao novo e às transformações quando isso não lhes fará mal. Um disse que é quando reconhece os erros. E três responderam de forma incongruente.

A educadora considerou as próximas três questões de extrema relevância à sua pesquisa de doutorado porque traziam à tona um pouco da diferença entre intenção ou pensamento (visão de mundo) e gesto ou ação (práticas).



Figura 1: Momentos em que os jovens dizem que mudam de visão de mundo, de pensamento.

Oito educandos responderam modificar a sua visão de mundo (Figura 1) quando alguém apresenta um argumento melhor, mais compreensível, de maior aprendizado. Seis disseram mudar o pensar quando estão errados. Três, quando veem pessoas que precisam de ajuda, vulneráveis, inclusive em situações indevidas ou intoleráveis. Duas mudam quando elas enfrentam momentos difíceis. Outras duas, quando conseguem parar para refletir, mudam a visão de mundo. Uma pessoa disse mudar a visão quando lê livros. E dois jovens responderam de forma incoerente.

Essa figura demonstra a abertura dos alunos para a mudança de visão, de pensamento, uma vez que pelos dados, mostraram-se flexíveis ao novo quando dizem que, principalmente, o outro o convence ou por necessidade em rever suas crenças.

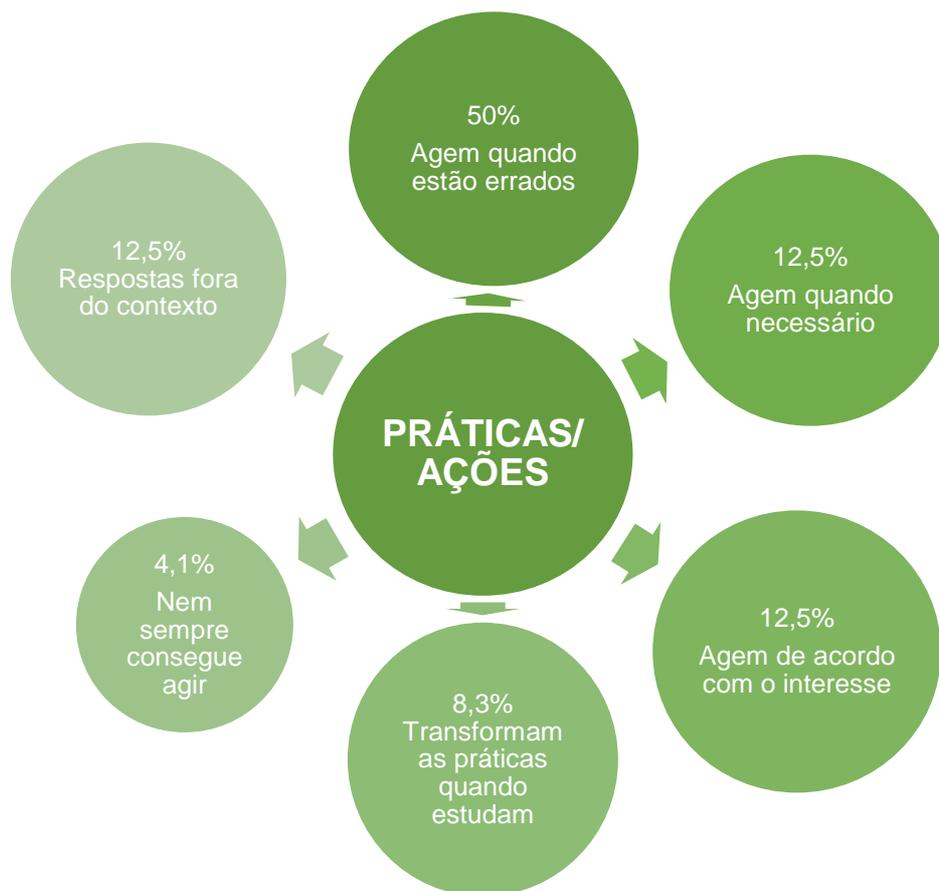


Figura 2: Momentos em que os jovens dizem que modificam suas práticas/ações.

Sobre a modificação das práticas e ações (Figura 2), doze participantes disseram agir quando estão errados. Três disseram que seria de acordo com a necessidade individual ou do outro. Outros três agem de acordo com o interesse, quando querem conseguir algo. Dois transformam suas práticas quando estudam. Um disse nem sempre conseguir agir. E três tiveram suas respostas desconsideradas por colocarem termos como: “comer, namoro, legal.”

A figura demonstra que a necessidade e a motivação podem ser definidores de ações. Inclui também as escolhas erradas como impulsionadoras de mudanças. O simples fato de reconhecer algum comportamento não adequado, de acordo com os jovens pode ser gerador de modificação de práticas de acordo com o que eles dizem.



Figura 3: Ações ambientais que os jovens disseram fazer em seu dia a dia até 2013.

Por fim, nessa primeira fase, a educadora questionou sobre ações ambientais (Figura 3) no dia a dia e dez pessoas escreveram jogar o lixo no lixo, guardar o papel de bala ou embalagens na bolsa e separar os resíduos em seco e molhado. Seis pessoas disseram não praticar ações ambientais. Quatro focam suas ações verdes em plantio de árvores e outras plantas, bem como a rega das mesmas. Quatro preferem agir cuidando do meio ambiente no geral, sem especificar muito, apenas mencionando serem cuidadosos com a natureza, não poluindo-a e com os animais em suas casas. Esse foi o único item da atividade que não teve respostas incoerentes.

Claudia Pato e Álvaro Tamayo (2006 p. 290) afirmam que “o comportamento ecológico possui múltiplas facetas e dimensões”, uma vez que são consideradas em sua complexidade, as intenções em favor do meio ambiente, assim como o impacto delas sobre o meio.

De posse desse diagnóstico do grupo, com o coração verdinho de esperança e cuidado, ela dividiu sua riqueza de conhecimentos e sentimentos passando a desenvolver uma série de atividades ambientais ao ar livre, no intuito dos jovens

praticarem ações verdes diversas vezes, e assim se empoderarem e saírem de sua zona de conforto. E essas práticas verdes, que são ações positivas em favor do meio ambiente, tiveram aos pouquinhos o poder mágico de mudar o pensamento daqueles seres especiais para um dia, quem sabe, poder mudar a cultura social daquela juventude. Ao invés de conceitos, ações criativas; no lugar de reclamações e teorias, encorajamentos e práticas, muitas práticas. Ora ou outra a frase de Guimarães Rosa invadia sua cabeça: “o que a vida quer da gente é coragem...”

Era preciso, na cabeça e no coração dela, reformular a educação ambiental para se ter o prazer de aprender e ensinar ações verdes, ser possível propor um novo e concreto mundo, sem o romantismo de alguns teóricos ambientalistas, mas com encantamento e enraizamento de alguns fazedores ambientalistas. Ela sabia que a motivação por fazer passava necessariamente pelo saber fazer, pela intimidade com as coisas e seu conhecimento sobre elas, esse era o lastro do trabalho, perceber a realidade e querer intervir nela. E a equação entre diálogo, descoberta e aprendizado pelo fazer poderia dar o resultado final de inclusão socioambiental.

Em todos os anos de trabalho no Projeto ela sempre elaborava o primeiro encontro para o tecer das regras e combinados coletivamente, especialmente sobre higiene, alimentação, relações pessoais e interpessoais, espaços internos e externos, uso dos materiais e equipamentos. Assim, todos ajudando a fazer, ficaria mais provável respeitarem e cumprirem, o que realmente acontecia.

Para 2013, fez uma analogia das regras com uma árvore do cerrado, que era o ipê. Mostrou imagens de ipês floridos aos alunos, uma vez que fevereiro não era época da florada e pediu que cada grupo confeccionasse uma grande árvore, com raízes, tronco e copa (galhos, folhas, flores, frutos) em uma estrutura de quadro reaproveitado. Os grupos optaram por recriar o ipê roxo no quadro com colagem e observaram inclusive que quando estão em flor, não têm folhas. Por fim, colaram regras que representavam o alimento do Projeto nas raízes; regras que significavam a sustentação do Projeto no caule e; regras que simbolizavam a renovação do SM, na copa, que tinha muitas flores roxas de papel crepom entre os galhos. E puderam apreciar essa arte ao longo do ano, lembrando algum combinado que por ventura tiver sido esquecido.

Imagens 6 e 7: Ipê com as regras de convivência.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

E veio o tempo das vivências e oficinas dos elementos da natureza, que ela havia se inspirado a fazer a partir da leitura do livro *The Sacred Balance* de Suzuki (2002 p. 27), em que afirma que “devemos encontrar um jeito harmonioso de viver com a rica e vibrante comunidade de coisas vivas”...

Juntos os alunos cantavam e encenavam uma ciranda: “Terra eu sou, água eu sou, fogo, ar e espírito eu sou...”(Claudiney Prieto).

Por alguns meses, os participantes pesquisaram e praticaram juntos os elementos da natureza na música, na poesia, nas artes, na mitologia, na oralidade, na palavra falada, nos provérbios e nos causos populares. E foram levados a produzir algum gesto significativo sobre o estudo de cada elemento, como exercício de integração à natureza.

Por exemplo, sobre o elemento terra, a ação foi separar o lixo na prática enquanto molhado e seco e também realizar plantio de árvores, já que esse tema era alusivo à mãe que gera e nutre.

Imagem 8: Plantio de árvores nativas.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

A água foi representada pelo olhar do outro em registros fotográficos, já que àquela época poucos tinham um celular para utilizar a câmera fotográfica. Por isso, os jovens montaram um painel sobre a água com revistas, jornais e livros. A água foi definida simbolicamente por eles como fonte de vida.

O elemento ar trouxe como encaminhamento prático o aprendizado da respiração por meio da meditação, já que é o exercício para a manutenção da vida, tema metaforicamente arraigado de renovação e espiritualização.

Imagens 9 e 10: Meditação ao ar livre.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata.

O fogo foi representado por uma pira em uma bacia de barro em que os jovens jogavam pedacinhos de papel escritos por eles com pensamentos e qualidades ruins para serem transformados em luz, destruindo o velho e edificando o novo, mentalizando: “ao extinguir do fogo, as chamas da verdadeira luz divina se acendem em minha alma e acrescentam calor e paz ao meu coração e ao coração dos outros”

(autor desconhecido). No sentido figurado os jovens interpretaram esse tema como o calor da transformação, da iluminação.

Essas oficinas deram o tom paulofreiriano para a educação ambiental praticada, em que temas geradores de reflexão e diálogo eram propulsores de ações e novos encaminhamentos. Marília Tozoni-Reis (2006) defende os temas ambientais como temas geradores desde que contenham conteúdos socioambientais significativos e sejam construídos coletivamente.

Dando sequência à linguagem do fogo enquanto elemento transformador, o grupo seguiu suas atividades conhecendo melhor a lenda e mito indígena do Boitatá, representada por uma cobra de fogo que protege as matas e os animais e que corre atrás de quem desrespeita a natureza. Organizaram um teatro sobre essa história para a turma de crianças do Projeto e confeccionaram junto delas uma cobra colorida gigante, feita com setenta e seis garrafas pet entrelaçadas, que protegeria, no sentido figurado, a região da degradação e do incêndio nas beiras dos rios e nas matas.

Imagem 11: Teatro da turma de jovens para as crianças.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Sempre houve o cuidado com a integração entre as idades, em que mais novos e mais velhos se enxergavam como parceiros aprendizes. Outra atenção especial dessa educadora era com a busca de soluções para problemas ambientais principalmente. A todo momento o lado positivo era buscado e proposto. Por exemplo, em um simples jogo de grupo ao ar livre em que por meio de mímica os grupos se apresentavam para serem descobertas algumas ações verdes, não somente ações de destruição da natureza eram encenadas, mas ações de solução em prol da natureza também tinham vez. Como cenas de destruição representadas por mímica havia: lixo espalhado no chão, uso de agrotóxico, poluição das águas, maus tratos de animais. Já como cenas de proteção havia: separação do lixo e reciclagem, plantio e consumo de produtos orgânicos, reflorestamento, cuidados com animais..

Ainda no ano de 2013, a educadora focou o trabalho pedagógico em quatro módulos a saber: social, ecológico, econômico e visão de mundo. Cada dimensão durou em torno de dois meses e serão retratados nessa pesquisa os aspectos mais relevantes de todo esse processo. Os temas foram os seguintes:

Dimensão social:

- Criar comunidade e abraçar diversidade;
- Empoderamento pessoal e coletivo;
- Ferramentas de comunicação – conflito, conciliação, facilitação e tomada de decisão;
- Saúde, alimentação e cura;
- Cidadania ativa, participativa;
- Família;
- Cultura de paz;
- Alcance local, biorregional e global;
- Encaminhamento prático (planejar é gestar o futuro).

Dimensão ecológica:

- Aquecimento global e mudanças climáticas;
- Desenvolvimento sustentável;
- Agroecologia, permacultura, agrofloresta e reflorestamento;
- Projeto Minhocasa – manejo sustentável de resíduos orgânicos;

- Consumo responsável;
- Alimentos locais;
- Tecnologias sustentáveis;
- Bioarquitetura;
- Ecovilas;
- Pegada ecológica;
- Saída de campo – sítio Geranium;
- Encaminhamento prático.

Dimensão econômica:

- Economia global x economia sustentável;
- Socioeconomia solidária;
- Sustento justo;
- Comércio justo;
- Empreendedorismo juvenil;
- Empresas sociais;
- Moedas e bancos comunitários;
- Redes de trocas;
- Temas legais e financeiros;
- Prática de controle financeiro;
- Encaminhamento prático.

Visão de mundo:

- Visão holística de mundo;
- Sentido de identidade, pertencimento e comunidade;
- O despertar e a transformação da consciência;
- Ouvir e reconectar-se com a natureza;
- Celebração da vida: criatividade e arte;
- Espiritualidade socialmente engajada;
- Encaminhamento prático;
- Celebração do curso: cinema.

Para iniciar as aulas de cada etapa ela teceu um olhar para a morada sagrada de cada ser ali presente: o corpo físico. A casa de cada um tem muitas moradas de luz e ela pensava que essa luz poderia ser acesa se antes de qualquer atividade o corpo fosse acordado por meio de automassagem, massagem em grupo, meditação, yoga, cantos, mantras coletivos, até porque muitas vezes abrimos os olhos e levantamos da cama, mas não significa que estamos acordados, é como ver sem enxergar. E como as atividades propostas intencionavam fazer os jovens enxergarem o mundo com outros olhos, nada como despertar o corpo para isso.

Imagem 12: Aulão de yoga ao ar livre.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 13: Massagem em dupla.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

O módulo social procurou criar um senso de comunidade, abraçando a diversidade, fortalecendo o empoderamento individual e coletivo. Para tanto, ela utilizou a metamorfose da borboleta no intuito deles refletirem quanto aos seus estágios de vida metaforicamente, desde a fase ovo, lagarta, casulo até a de borboleta. E reproduziram com material de sucata, uma série de maquetes da metamorfose, que pudessem representar a fase de vida em que cada aluno se enxergava. A grande maioria já se sentia na fase aérea, porque se viam em busca de liberdade, de emancipação em relação às suas famílias, mesmo que a maioria tivesse apenas entre onze a dezesseis anos aproximadamente.

Em seguida, como a educadora sempre foi muito voltada para a execução de brincadeiras, dinâmicas e oficinas, fizeram uma atividade de ouvir a natureza deitados em tapetinhos de borracha ao ar livre. Eram levados a escutar de olhos fechados e

depois de olhos abertos e a se expressarem sobre qual das duas experiências gostou mais. Interessante observar que sempre havia da parte dela um olhar para desenvolver a reflexão em torno das atividades.

Houve ainda uma atividade social guiada por dois psicólogos, João Vianey e Fabiana Garcez, nesse módulo, que a foi a oficina de sexualidade, em que se criou uma caixa bomba, na qual os alunos escreveram em papéis suas dúvidas e contribuições relacionadas ao assunto. E aos poucos foram sendo respondidas e exemplificadas junto ao grupo. Ao final, para soltar a energia corporal foram todos para uma oficina de dança ao ar livre.

Imagens 14 e 15: Oficina de corpo e movimento.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata.

Como fechamento e encaminhamento prático do módulo social, os jovens confeccionaram uma casinha em grande escala feita com reutilização de caixas tetrapac de leite e suco, para que a turma de crianças pudesse entrar dentro e brincar. Primeiramente, coletaram as caixas por umas semanas, as limparam e abriram algumas. Em seguida, utilizaram as caixas fechadas grudadas como tijolos para que formassem a estrutura, a fundação da casinha. Fizeram então tiras que pudessem ser coladas e/ou grampeadas nas paredes e no telhado. Por cima desse esqueleto de casa feito com caixas fechadas e as placas de caixas abertas, colaram folhas de revista com bastante cola artesanal, fazendo endurecer e assim “concretando” a estrutura para que aguentasse o brincar dos menores.

O resultado do trabalho suado foi uma linda casinha de bonecas e bonecos construída a muitas mãos e corações e doada aos alunos crianças do Projeto, reverberando imensamente com a ideia de que o esforço organizado e respeitoso, individual e coletivo, gera necessariamente um fruto aceito e zelado por todos. A educadora fazia com que eles experimentassem na prática o significado de serem responsáveis pela própria existência.

Imagem 16: Oficina de construção coletiva da casinha.



Imagem 17: Casinha pronta.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

No módulo ecológico, o trabalho maior foi entender a fundo a permacultura e praticá-la enquanto cuidado e respeito à natureza e às pessoas, além da distribuição justa dos recursos. Por exemplo, foi exercitado o fato de se uma pessoa tem excedente de conhecimento, ela precisa doar esse potencial. Se alguém tem produção de sementes nativas do cerrado em sua chácara, ela poderia distribuir ou trocar por outro recurso.

A permacultura, segundo seu fundador Bill Mollison (1999) trabalha com a natureza e não contra ela, sempre observando a complexidade e interdependência dos sistemas, imitando os padrões naturais que beneficiam a vida em todas as suas formas. Assim, a permacultura ensina a observação da natureza e estimula que os humanos imitem os padrões existentes nela, criando assim, desenhos de comunidades humanas sustentáveis.

Inspirada na Permacultura, a educadora propôs uma atividade em que os jovens foram para fora da sala de aula com suas pranchetas, papéis e canetas em

mãos e fizeram a observação e cópia do desenho desses padrões naturais. Constataram que o padrão em ondas no dorso de uma folha poderia ser repetido em um formato de horta espiral ou mandala fazendo com que a água irrigada por um aspersor circular tivesse maior alcance. Outra observação foi a forma em camadas da natureza, na terra, nas folhas caídas na mata. E a reprodução desse formato em um minhocário aconteceu para absorver os resíduos orgânicos da cozinha em camadas misturadas com resíduos orgânicos do jardim para que as minhocas transformassem tudo isso em húmus, adubo de excelente qualidade.

Imagens 18, 19 e 20: Minhocário do Projeto feito pelos jovens.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Fechando esse módulo, houve uma visita técnica e inspiradora ao sítio de agroecologia Geranium em Taguatinga no Distrito Federal. A educadora sempre procurava fazer esse contraponto entre o vivido (real) e o desconhecido (talvez ideal) para que o contato com o novo tirasse os alunos da sua zona de conforto. Ora, sair da área rural do Gama para visitar outra área rural do DF poderia parecer enfadonho aos jovens, mas a visita os instigava a olhar com outros olhos para a sua própria realidade. Eram agora olhares um pouco mais sustentáveis...

E lá foram eles convidados a escrever um relato de viagem sobre suas impressões e percepções sobre o local de volta ao Projeto. E na prática esse exercício reverberou na criação de um plano, um desenho de viveiro para o SM. Os alunos programaram coletar sementes nativas entre agosto e outubro, semeá-las em saquinhos com substrato feito por eles no minhocário, ao longo dos meses de novembro e julho para que um ano após a germinação no saquinho, elas pudessem ir para terra como mudas jovens e fortes para enfrentarem a primeira seca do ano seguinte já constituídas como quase árvores, em área de plantio de agrofloresta, em que no mesmo espaço árvores nativas como ipês, jacarandás e copaíbas pudessem conviver com plantas comestíveis de roçado, como milho, abóbora e cana.

Imagens 21, 22, 23 e 24: Jovens semeando no viveiro.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

O módulo econômico foi dedicado ao aprendizado do planejamento de uma horta de cheiros em formato de mandala. Como a visita técnica ao Sítio Geranium havia acontecido no módulo ecológico, tinha sido fonte de inspiração e estudo para a execução da horta mandala, uma vez que o local é considerado um modelo de alternativas sustentáveis e educativas a serem replicadas. Por isso, desde a definição da forma a ser utilizada até o tipo de borda a partir dos recursos que se tinha, como garrafas pet e de vidro e as mudas de ervas medicinais que cada um dispunha em casa, junto às suas famílias, foram aspectos trabalhados.

Imagem 25: Confeção da horta mandala em mutirão.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 26: Confeção da horta mandala em mutirão.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

De acordo com os princípios da permacultura, houve o cuidado com as pessoas que fariam e usufririam dessa horta, o cuidado com a natureza, se pensando em local, sombreamento, uso somente de ervas orgânicas, combate natural de possíveis pragas, plano de fontes de água para irrigação e o cuidado com a distribuição e uso racional dos recursos, como ervas disponíveis, o que fazer com a produção, definição de uso no próprio Projeto, listagem de material e equipamentos a serem utilizados, substrato a ser empregado como esterco, folhagens e terra, plano de manejo e de colheita, revezamento nos cuidados com a horta, mão de obra organizada. Para guiar o trabalho de empreendedorismo ambiental juvenil, a educadora os auxiliou com o preenchimento de uma tabela de planejamento, na qual constava a atividade a ser desenvolvida, o material a ser utilizado, o custo, a quantidade e o rendimento.

Dentro dessa perspectiva, houve a reflexão sobre a economia circular e não linear dos materiais em uma cadeia de produção. Eles entenderam que para se ter

uma realização sustentável da horta mandala, precisariam praticar uma extração equilibrada de recursos, como confeccioná-la sem derrubar árvores e sem poluir as águas; uma produção diversificada de ervas, sem utilização de agrotóxico; uma distribuição justa entre o Projeto e as famílias; um consumo consciente, sem uso de embalagens descartáveis; e cuidar da disposição final dos excedentes, como encaminhá-los para o minhocário do SM. Dessa forma, o resíduo dessa economia circular dos materiais serviria de recurso em forma de adubo para a próxima produção de horta.

Eles puderam compreender que tudo, toda ação na natureza tem a ver com as pessoas, pois essas que extraem, produzem, distribuem, consomem e jogam fora. Por essa lógica, se olha somente para o consumo, evidenciando a produção linear na economia dos materiais. No entanto, eles puderam exercitar a passagem da produção linear à circular, em que as conexões não desperdiçam nem as pessoas nem os recursos e isso era uma vivência da tão falada Permacultura pela educadora fazedora. A confecção da horta foi um exercício e tanto de paciência e trabalho coletivo. Aguardar o tempo do outro na coletividade e o tempo da natureza é sempre um treino de tolerância e amorosidade.

No módulo visão de mundo, houve muito estímulo ao diálogo entre os jovens e trabalho de grupo. Em duplas, eles conversaram sobre algo que aconteceu que tivesse mudado sua visão de mundo, como uma intuição, um aprendizado familiar, ambiental, religioso e/ou cultural. Não houve dificuldade nesse debate. A maioria apontou a entrada no Projeto SM como algo importante na vida, uma espécie de divisor de águas.

Ainda nesse módulo, foi realizada uma atividade intitulada de passos para a mudança. O primeiro passo foi o desenho de uma pegada vermelha na cartolina, que representaria a identidade de cada um ali no grupo. Essa pegada foi completada com as qualidades individuais escritas por cada aluno em um papel pequeno, colocado dentro de um balão que foi cheio de ar. Ao som de música instrumental todos brincaram com os balões ao alto e ao término da música, puderam estourá-los. O papel encontrado ao chão foi pego e lido ao grupo: havia o nome do aluno e a qualidade que ele havia identificado em si. O segundo passo foi uma pegada verde

desenhada na cartolina, representando o sentido de pertencimento ao mundo e completada com os sentimentos e sensações que são despertados a partir de uma atividade realizada na mata, em que todos deitaram em tapetinhos, ouviram e sentiram a natureza. E o terceiro passo, foi representado pela cor amarela e indicava o sentido de comunidade por meio da atividade do barbante, em que um rolo foi sendo desfeito a partir da educadora em que cada um se colocou com um defeito ou algo que precisava melhorar e assim teceu-se uma rede em que todos, no coletivo, se responsabilizavam pela união do grupo, pelo avanço individual do outro quando conseguisse superar esse defeito.

Findando esse módulo, todos foram ao ar livre embaixo da mangueira exercitar a linguagem imaginativa. A educadora com suas criações divertidas, colocou o nome de um animal ou fruta do cerrado preso com clips na gola atrás da camiseta de cada um e ao sinal, cada pessoa deveria descobrir, por meio de perguntas simples e criativas aos outros, caminhando ao longo do círculo, o seu animal ou fruta. Alguns tiveram muita facilidade nessa atividade e se mostraram aptos a auxiliar aqueles mais tímidos, com alguma dificuldade de comunicação oral.

Fechando o ano de 2013 e esses módulos, a educadora provocou uma avaliação de todo o processo, propondo que os educandos escrevessem em um papel, o que havia sido bom ao longo do ano, o que havia sido ruim e o que eles sugeriam para o próximo ano.

O que foi muito relevante na avaliação foi a necessidade por parte dos alunos que o Projeto funcionasse também nas férias escolares. E lá foi a educadora formatar uma colônia de férias verde, afinal, ela sentia que todos estavam abrindo os olhos e o coração para perceber melhor os acontecimentos, as pessoas e a natureza.

O início de 2014 foi coroado com muita chuva e a execução da primeira colônia de férias verde do Projeto. Em parceria com dois agrônomos, André Zanela e Carlos Manga, e ainda junto ao Mutirão Agroflorestal, coletivo de pessoas fazedoras de agroflorestas, foi realizado o ciclo de capacitação de jovens em implementação e manejo de sistemas agroflorestais no SM.

Foram dois dias de imersão tendo como culminância a execução de uma agrofloresta em uma área desmatada de 35 metros de comprimento por 12 metros de largura, antigo pasto dentro do sítio do Projeto. E ali foram plantadas árvores nativas por meio de sementes e mudas, como jatobá, copaíba, angico, baru, ipê e mogno, além de plantas comestíveis e de roçados, como café, abacaxi, banana, amora, goiaba, mamão, cítricos, mandioca e milho.

Imagem 27: Colônia de férias – plantio da agrofloresta.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 28: Primeiro manejo da área de agrofloresta plantada.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 29: Visita técnica na agrofloresta com três anos de idade.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Todas elas obedeceram a uma sucessão vegetal em que inicialmente plantas mais rápidas e menores dariam seus frutos e em seguida, as maiores e de crescimento mais lento entrariam no sistema, ou seja, espécies lenhosas foram utilizadas em associação com cultivos agrícolas no mesmo espaço e tempo. Esse era o significado de agrofloresta!

E ao longo dos anos, pôde-se analisar vivenciando, as vantagens desse sistema agroflorestal, além dos erros e acertos de execução prática. Interessante ressaltar que os jovens mais focados em meio ambiente se disponibilizaram a manejar voluntariamente o sistema e puderam *in loco*, entender o que seriam indicadores ambientais para esse tipo de plantio, como capacidade de cobertura do solo, disponibilidade de nutrientes, variação na biodiversidade (flora e fauna), caminho e permanência das águas no sistema, presença de pragas e doenças, desenvolvimento das espécies (medições e monitoramento).

Até hoje essa experiência é lembrada e narrada por esses jovens ambientalistas como um marco em suas vidas, inclusive como direcionadora do norte profissional, tendo alguns deles escolhido cursos afins em faculdades e universidades, como biologia, agronomia e gestão ambiental.

E assim, os participantes dessa Colônia perceberam que um precisa do outro para existir, seja humano ou vegetal ou animal. A agrofloresta do Sombra da Mata celebrou um tempo, um espaço e uma relação que não findam. Ainda bem!

E ela, ahhh essa educadora que eu venho observando há anos, enquanto educa se sente um ser em estado pleno, em condição infinita. Ondas de alegria invadem seu coração. E é por isso que continua, segue guiando o Projeto há tantos anos, com prazer em fazer, mesmo com as adversidades. Ela fica feliz mesmo é com os sorrisos dos seus amados educandos, com o brilho nos olhos dos pequenos, médios e grandes seres humanos, que é como ela divide as turmas no dia a dia. Ali ela conheceu o trabalho com resultado, alicerce para a crença de que a vida pode ser uma bênção.

O ano ecopedagógico de 2014 começou com uma equipe interdisciplinar, tentando se tornar transdisciplinar, com um modo uno de pensar e fazer educação ambiental ao ar livre. Decidiram que a lenda do Curupira, em que uma entidade de cabelos vermelhos e pés virados para trás que protege os animais e as plantas dos caçadores, iria fazer um percurso por todas as aulas ao longo do ano.

Por isso, ela organizou a semana pedagógica que foi condensada em dois dias intensos, uma vez que todos trabalham no voluntariado com tempo reduzido. Planejaram, tiveram ideias e intenções para o ano junto aos demais educadores. Discutiram sobre quem eram os educandos, organizando uma espécie de diagnóstico, a partir das matrículas, com dados como nome, gênero, idade, série, escola, turno, perfil, fotos, escolaridade dos responsáveis, endereço rural e outros. Pensaram na missão do Projeto a partir da educação que os pais apontaram como de interesse e também a partir da educação que eles próprios, educadores, gostariam de praticar.

Decidiram por manter o foco no diálogo, no princípio da descoberta, no encaminhamento prático e na sistematização como culminância da forma de ensinar. Calcaram de uma vez as bases pedagógicas do SM nas premissas de Paulo Freire. Tozoni-Reis (2006) reforça que uma educação ambiental transformadora e emancipadora implica em construir o saber e o fazer de forma participativa. Essa seria a premissa para a construção de comunidades mais verdes.

Em seguida, pensaram no plano de curso semestral, definindo o que e quando ensinar a partir de um projeto político pedagógico centrado no eixo da lenda do Curupira e dentro das áreas com educadores disponíveis e dispostos a trabalhar naquele ano, que eram a de educação ambiental ao ar livre, corpo, movimento, literatura e artes. E o como ensinar se baseou nos planos de aula diários, que constavam com uma sequência didática que demonstrava continuidade a cada aula a partir de atividades permanentes, sendo algumas regulares e outras rotineiras, que trouxessem autonomia para cada área, para cada educador e educandos em relação ao tema e ainda que cultivassem e criassem novos hábitos, como por exemplo, ouvir o outro, se expressar com desenvoltura, cuidar da higiene pessoal, separar o lixo, proteger os animais, não prender aves em gaiolas... O plano de aula seria individual de cada educador e constaria como sugestão, a turma, a data, o horário, o tema, os objetivos, o passo a passo da aula, o material e a forma de avaliar.

Por fim, nos dois dias pedagógicos, os professores definiram as formas de avaliação para aquele ano. Somariam esforços para produções de painéis, apresentações corporais, relatos individuais, exposições e uma culminância denominada festa da comunidade em que todos do Projeto e do entorno seriam convidados para um evento comunitário de acolhimento e renovação. Nesse evento, seria também realizada com os responsáveis, uma reunião de avaliação do ano findado e breve planejamento do ano seguinte. Além da execução de um bazar e um bingo de arrecadação de fundos com as doações de roupas, brinquedos, utensílios e eletrônicos, arrecadados junto à rede de contatos do SM ao longo do ano. Posteriormente, esse evento tornou-se um marco de fim de ano, em todos os anos seguintes.

Na área de educação ambiental, a educadora preferiu se organizar em quatro eixos de três meses cada: o Curupira e a água; o Curupira e o ar; o Curupira e o fogo e; o Curupira e a terra.

Inicialmente foi confeccionada a flor da convivência pelos alunos, em que por meio de pétalas gigantes foram colocados lembretes com as regras, criadas por eles, sobre higiene, alimentação, ambiente externo à ecoteca, ambiente interno, relacionamento, uso de materiais e equipamentos. Houve o cuidado em se

expressarem de forma positiva nesse contrato, ou seja, ao invés dos lembretes apontarem com palavras negativas como não xingar, não jogar lixo no chão, não bagunçar; os combinados vinham escritos de maneira afirmativa e sempre positivamente, como usar palavras amorosas, jogar o lixo nas lixeiras corretas, seco ou molhado, agir de forma colaborativa.

Imagem 30: Flor da convivência.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Dentre muitas atividades do primeiro eixo que era o Curupira e a água, a que encantou os alunos foi a leitura da lenda em forma de jogral, cada um lendo uma frase. Dando sequência a esse tema, o marco foi a possibilidade de ir até o córrego do Projeto (Córrego Olho D'água) para coletar uma amostra de água. No local, houve uma conversa descontraída sobre o que cada jovem entendia sobre desmatamento e água; poluição e água e desperdício e água. Cada um trouxe dados escolares sobre esse assunto, das aulas de ciências e biologia. Algo que despertou muita comoção e curiosidade do grupo foi a explicação da educadora sobre o papel da mata ciliar nos rios e córregos, que funciona como nossos cílios, barreira de proteção para as águas, daí a importância de se proteger.

De volta à ecoteca, com essa amostra recolhida em potinhos, os alunos fizeram uma sistematização do aprendizado em forma de arte – desenharam o Curupira em papel Canson com lápis de cor aquarelável, molhando o lápis na água trazida do

córrego. Foi um exercício de desenhar sem dominar o traço e com muita mistura de cores, já que a água é um fluido universal que junto do lápis de aquarela dissolve o pigmento. E eles desenharam curupiras “sangrados”, guardiões das águas, a partir do que lhes foi transmitido na vivência na beira do rio.

Imagem 31: Vivência no córrego.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

No segundo eixo, sobre o Curupira e o ar, a educadora objetivou o entendimento do significado da palavra transformação, para que pudessem transformar aprendizado ecológico, o saber, em ação verde, o fazer.

Cada um dos jovens, dispostos em uma grande roda, recebeu um papel colorido liso e o alterou para o formato de um cone, em que pudesse olhar de um lado pelo menor orifício e do outro, pelo maior. Ao aviso, eles caminharam pela natureza com esse cone de papel representando uma lupa em suas mãos, observando por vez pelos dois orifícios, por todos os lados, para cima e para baixo, pequenos insetos, plantas, nuvens, troncos e texturas.

Imagem 32: Descobrimo a natureza com o cone de papel.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Ao retornarem ao círculo, discutiram sobre os desafios de se ter um olhar ampliado, em que se pode observar o todo e o olhar diminuído em que se pode analisar os detalhes. A preferência da maioria foi poder olhar com minuciosidade, por meio do orifício maior da lupa de papel.

A turma concluiu que a maioria centrou o olhar nas flores do jardim. E que as flores mais amadas eram as amarelas e vermelhas. Sendo assim, decidiram em coletivo, exercitando o princípio de serem responsáveis pela própria existência, que trariam de suas casas sementes de girassol para plantarem um arco de girassóis junto da flor amarela alamanda na entrada da ecoteca como símbolo desse aprendizado sobre transformação e liberdade, já que o elemento ar os invocava com essa mensagem.

Na aula seguinte e em muitas outras que vieram, puderam acompanhar o desenrolar da semente, do broto, das folhas primárias, do botão, das flores, da semente novamente e do resto da planta que virou adubo dentro do minhocário. E bem simples assim, transformaram o aprendizado em ação.

No eixo do Curupira e o fogo ela desafiou o grupo e foram mexer com a brasa, a chama e o calor!

“Confie nas suas capacidades. Tire o maior proveito de você mesmo transformando esse leque de pequenas fagulhas, que são suas possibilidades, em uma fogueira de resultados.” (Foster C. McClellan p. 37))

Cada um individualmente escreveu sobre histórias e acontecimentos ruins que haviam passado na vida. Todos, ao longo de nossa trajetória, enfrentamos momentos que podem virar traumas e feridas que não curam. E a ideia era cada um colocar para fora para se libertar do sentimento ruim que poderia ter ficado no coração. Não foi preciso ler para o grupo nem colocar o nome. Cada um poderia escrever até três acontecimentos em três papéis e colocar na urna do Curupira. Com seus cabelos de fogo ele iria sacudir a poeira e tocar um fogo simbólico em todos os desagradados escritos.

A educadora, empoderada com toda aquela possibilidade de ajudar a curar algumas cicatrizes, pediu que cada um pegasse até três papéis da urna, lesse em silêncio para si mesmo e queimasse na pira de inox feita com brasa de tocos de paus mortos de cerrado.

Imagem 33: Queimando os papéis no fogo.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Aqueles que executavam essa ação ganhavam três doces de *marshmallow* com um espetinho de bambu para aquecer e derreter no fogo, agora amigo. O doce e

o calor do fogo aqueceram e adoçaram as palavras, os sentimentos e as histórias trazidas. Carregaram com leveza a atividade que por si só havia sido intensa, uma vez que trazer à tona episódios pessoais difíceis, mandando embora alguns fantasmas, é sempre algo a ser trabalhado internamente com muita amorosidade e cuidado. E declamaram juntos em roda por três vezes se entreolhando conectados fisicamente por entre os braços: “tudo de bom para mim, tudo de bom para você, tudo de bom para nós.”

No eixo do Curupira e a terra, o grupo fez uma visita guiada ao próprio sítio do Projeto, sempre evocando as conexões entre o solo e a vida que eles próprios haviam feito em ações verdes anteriores, como a horta mandala, o minhocário, a agrofloresta e o plantio de reflorestamento.

Antes da visita a educadora distribuiu aleatoriamente entre os jovens dizeres e frases ambientais em pequenas tarjetas plásticas e solicitou que a cada local visitado, quando alguém achasse que a frase que tinha em mãos poderia combinar com o tempo e espaço, levantasse o braço, lesse para o grupo e brevemente explicasse o motivo da escolha da mensagem.

E frases foram sendo soltas ao vento e devolvidas à terra:

“Tudo está conectado.” (Legan, 2009 p. 26).

“A verdadeira educação ambiental só acontece na vivência prática com o meio ambiente, descobrindo nosso impacto e nosso potencial de restauração.” (_____, 2009 p. 11).

“O ipê não floriu? Corta o ipê! A mão não floriu? Corta a mão!” (Behr, 2011 p. 14).

“Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo, de fato, sempre foi somente assim que o mundo mudou.” (Magaret Mead).

“Eu escuto e esqueço. Eu vejo e lembro. Eu faço e compreendo.” (Confúcio).

“Seja a mudança que quer ver no mundo.” (Ghandi).

No caminho, ao longo da visita guiada, que traria como proposta o reconhecimento do sítio pelos alunos, experimentaram o fruto da terra, chuparam acerola no pé, se esbaldaram de sabores e frescores. Ao final do trajeto, fizeram uma parada na mata do alto do sítio e lá degustaram pela primeira vez outro fruto da terra, a seiva do pau d'óleo, o forte óleo de copaíba, árvore do cerrado e mãe (árvore remanescente da floresta primária) daquela mata. O esforço da educadora era auxiliar o grupo a tecer diferentes olhares para a mesma realidade que se conhece há tanto tempo, mas que poderia ser recriada a qualquer momento.

E em meio a esse mergulho socioambiental do ano de 2014, somou-se à equipe, a partir da execução de um mestrado sobre o SM, intitulado “Entre juventude e educação ambiental: relações e reciprocidades na caminhada dos jovens do Projeto Sombra da Mata”, a amiga, educadora e mestre Jaqueline Fernandes. Seu mestrado levou a perceber que tanto a educação ambiental tem sido responsável por proporcionar espaços, vivências e possibilidades de novos caminhos para os jovens do Projeto, como os jovens têm contribuído nos processos de constituição e reordenamento das propostas que pautam os pressupostos e práticas da educação ambiental.

Por isso, juntas, por meio da execução de práticas verdes no Projeto, elas constataram que o protagonismo juvenil é potencializado na medida em que participam diretamente do planejamento, da execução e da avaliação de determinada ação verde. E com isso, foram todos implementar o plantio de mudas de cerrado das chuvas de 2014.

Junto dos jovens elas cavaram 390 berços, sim, berços e não covas, afinal, seriam espaços para se colocar e ver crescer as mudas nativas do viveiro. Dessa vez o plantio seria de reflorestamento e não de agrofloresta. O reflorestamento foca no plantio de árvores nativas em áreas que foram desmatadas, diferentemente da agrofloresta que inclui espécies agrícolas em consórcio com as nativas nessas áreas. Era inclusive uma maneira de analisarem prós e contras de cada forma de fazer uma floresta.

Cada jovem foi ao viveiro que eles cuidaram ao longo do ano e escolheu cinco mudas. Seguiu com elas nos braços até a área de um antigo pasto que havia sido

cavada a cada três metros de distância e lá depositaram suas melhores energias e força de crescimento junto às futuras árvores, que dariam um dia alimento e atrairiam uma incrível fauna de volta, regenerando assim a terra, as águas locais e renovando a vida de cada ser ali construtor.

Imagens 34, 35, 36 e 37 : Plantio de reflorestamento.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

E veio o início de 2015 novamente coroando o mês de janeiro com uma colônia de férias chamada “Toca da Mata”, com dois professores convidados, além da

parceira Jaque, Pedro Vinhal e Maíra Manzan. Os alunos jovens foram chamados a desenvolver um projeto de túnel de barro e uma arquibancada também de barro para a quadrinha de basquete, com as técnicas da bioconstrução, para melhorar a infraestrutura e diversidade do parquinho do SM. E mais uma ecoatividade foi realizada de maneira a fomentar a atuação colaborativa e criativa juvenil em prol do coletivo. A ideia era promover o aprendizado com a leveza necessária para propiciar momentos de descontração e lazer durante o período de férias.

Surgiu até música feita pelos jovens sobre a colônia de férias, demonstração de que todo ser humano é uma fonte de inspiração e criatividade:

*“A arquibancada é o novo point
Aquele área já não é como antes
Mas para ficar pronta, precisou de mutirão
E do Amadeu batendo o pilão no chão.
Para completar a turma, chegou o Matheusinho
Que conheceu o Sombra, aprendeu o caminho.
Mais um para galera, a galera do bem.
Que é só conhecer para querer entrar também.
O homem hoje em dia leva uma vida muito louca
Polui o seu planeta e diz que a água é que está pouca.
Terra e areia no carrinho de mão
Vamos todos trabalhar pela bioconstrução.”*

Imagens 38 e 39: Colônia de férias



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Com toda essa fertilidade de ideias, a educadora e os jovens elaboraram o ano letivo de 2015: pensaram juntos e executaram a Caravana Jovem Permacultural, projeto em que a turma, em formato de mutirão, visitaria e confeccionaria alternativas sustentáveis diretamente nas casas das famílias do Projeto que se inscreveram para receber tais soluções, como por exemplo, um círculo de bananeiras, para absorver as águas cinzas, sem descarga, da residência; uma pequena horta mandala, para gerar hortaliças e ervas orgânicas; um minhocário para transformar os resíduos orgânicos e uma espiral de ervas, para se ter ervas de cheiros e temperos. Esse projeto de culminância condensaria todo o aprendizado até então, desde as aulas teóricas e práticas de educação ao ar livre até as visitas guiadas e vivências.

Deu-se um processo lindo de empoderamento juvenil, uma vez que visitavam a casa da família inscrita, conversavam sobre problemas ambientais, estabeleciam soluções a partir de suas vivências, voltavam ao SM para desenhar o projeto para aquela família, planejavam o dia do mutirão, pensando em materiais, equipamentos, mão de obra, caminhavam em caravana a pé até a chácara, confeccionavam a solução com a presença da família, no intuito dela aprender fazendo, registravam toda a experiência em vídeo e foto, assistiam o feito em um momento posterior e avaliavam em conjunto as melhorias que precisavam ser feitas em oficinas e mutirões seguintes.

Eu ficava de olhos abertos pensando em como ela construía o mundo que sonhara em educação. E eu percebia que a cada vez que ela realizava um sonho, como esse da Caravana, de levar o aprendizado para a comunidade, pares fazendo para os pares, ela voltava a nascer. E ela renasceu a cada mutirão realizado nesse ano porque sonho e realidade se uniram pelo barro, pelas mãos, pelas plantas e pelas pessoas!

E para o aprendizado ser bem enraizado, pois era esse o maior foco dela, que isso pudesse reverberar para além do Projeto, ou seja, para suas famílias, suas escolas, suas próprias vidas, ela ainda propôs aos educandos que cada um fizesse uma espécie de portfólio, um fichário que organizasse os pensamentos, as ideias e as ações sobre o seu aprendizado do fazer.

Ela pensou ser oportuno rever as premissas da permacultura enquanto cuidado com as pessoas, a natureza e a distribuição dos recursos. Relembrou várias

alternativas sustentáveis para problemas ambientais que os jovens já haviam executado no SM ou conhecido em visitas guiadas.

Então, a partir da demanda da família versus a facilidade de aplicação, referente ao trabalho dos jovens, tempo de execução e recursos disponíveis, definiram por meio de votação, qual mutirão seria efetivado.

Soluções elencadas para cada família, em ordem da mais votada para a menos votada:

- Círculo de bananeiras – família Ramon;
- Horta mandala – família Higor;
- Minhocário – família Lucas;
- Espiral de ervas – Escola Centro de Ensino Médio 02 Gama;
- Agrofloresta;
- Tanque de água de chuva;
- Banheiro seco;
- Telhado verde.

O movimento de doar trabalho, doar ação, contribuição para o labor socioambiental engajou de vez os jovens em prol da causa verde dentro do Projeto porque protagonizaram por inteiro a atividade. Essa era uma educação ambiental voltada para a sustentabilidade, capaz de formar sujeitos participativos comprometidos com a construção de uma comunidade em nível local e sociedade em nível global, mais justa, ambiental, econômica, social, cultural e politicamente (Tozoni-Reis, 2006).

Na família do Ramon, onde foi confeccionado o círculo de bananeiras para absorver a água cinza, somente com sabão, da pia de lavar louças e do tanque de lavar roupas, após a visita e o planejamento, dois terços dos meninos e meninas fizeram a parte direta do suor e do trabalho físico enquanto um terço comandou a filmagem e a fotografia do mutirão com os conhecimentos que trazia, ou seja, não foram dadas instruções direcionadas a esse fim.

Iniciaram identificando a queda do terreno, observando o sombreamento e a drenagem da terra. Alguns cavaram o buraco de um metro de profundidade por dois

de largura, que receberia restos de poda de jardim e tocos de árvores mortas. Com a terra do buraco fizeram um círculo em volta dele e plantaram do lado de fora os filhotes de bananeiras trazidas da casa de um aluno e do Projeto. Direcionaram o cano da lavanderia e da cozinha para o buraco, que passou a gotejar e a derramar a água cinza para dentro. Os restos de podas e de tocos funcionaram como uma esponja que absorveria o excesso de água para que não ficasse empoçada, acumulando dengue. Com o tempo as raízes das bananeiras chegariam no fundo do buraco e conseguiriam se beneficiar dessa água, reciclando-a, uma vez que banana adora água e recicla inclusive o sabão, dando enormes cachos com mais frequência.

Os jovens, mais uma vez, perceberam na prática o quanto é importante fechar os ciclos na natureza, de tal forma que os resíduos de um processo (águas cinzas servidas) serviram de recurso para outro sistema (alimento para as bananas).

De volta ao SM, cada um registrou em seus fichários suas impressões sobre a atividade, em forma de desenho ou texto. A sensação final de esgotamento físico foi coroada com o sentimento de ter sido veículo para a mudança dentro da própria comunidade.

Imagem 40: Mutirão 1 Caravana Permacultural – círculo de bananeiras.



Imagens 41 e 42: Mutirão 1 Caravana Permacultural – círculo de bananeiras.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Na família do Higor, o grupo já estava mais coeso, cada um entendendo melhor o poder de um mutirão bem organizado, em que todos se revezam em funções para ter um bom resultado. E mais uma vez os jovens se autogeriram na divisão das tarefas do fazer a oficina e do registrar.

O marco desse dia foi a alegria da mãe do Higor ao ver a horta mandala nascendo em seu quintal pelas mãos das crianças de outrora que vira crescer, uma vez que é uma família antiga e conhecida na região.

O agito geral ao iniciarem o trabalho foi terem encontrado uma cobra, filhote de coral falsa em meio ao material. Eu fiquei olhando para a educadora, sobre como ela agiria naquele momento. E ela foi ágil e surpreendente ao afastar os alunos, pegar um cabo de vassoura, uma lata vazia de tinta e uma tábua pequena de madeira para tampar e direcionar a cobra para dentro, sem riscos aos humanos ou maus tratos ao animal. Colocou no carro a lata fechada com a cobra dentro e foi até a mata mais próxima com um aluno mais velho fazer a soltura. A atitude dela fez os alunos refletirem sobre a atitude dos seus pais, que normalmente matam as cobras que encontram, por medo e/ou desinformação.

O formato da mandala foi de pétalas com um núcleo ao centro e as bordas da horta que delimitaram o espaço foram de telhas usadas. E o mutirão seguiu com muito empenho, fazendo nascer no quintal, que era um terreiro, uma linda flor de telhas, terra, adubo e mudas de manjerição, orégano, salsa, cebolinha, coentro, alface, tomate, alho de folhas, sálvia, lavanda, capuchinha, alecrim, hortelã, arruda, confrei, tomilho, bálsamo, capim santo, citronela e erva doce.

Ao término, novamente de volta ao Projeto cada um fez o registro da atividade em seus fichários como uma forma de organização e avaliação do trabalho.

Imagens 43, 44 e 45: Mutirão 2 Caravana Permacultural – horta mandala.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

No meio do processo, infelizmente, a região da Ponte Alta do Gama começou a ficar mais violenta e tornou-se arriscado, em função da segurança, a turma de jovens junto à professora sonhadora caminharem pela estrada, às vezes por 40 minutos até chegar na casa da família beneficiada.

Então, refizeram o formato e decidiram que o terceiro mutirão seria em alguma família que não tinha se inscrito, mas que se interessaria em participar e morasse bem perto do Projeto. E a família do Lucas foi então favorecida. Seus pais moravam de aluguel na chácara e preferiram receber um minhocário móvel, ou seja, que fosse prático para ser deslocado, se mudassem de lá. Os jovens replicaram a ideia do minhocário de gavetas do Minhocasa, iniciativa que existia na época no DF e apresentava soluções simples e práticas para a transformação de resíduos orgânicos em adubo.

Ainda no Projeto, a educadora focou o ensino sobre resíduos, levando os alunos a refletirem sobre o lixo que se joga fora, e sobre onde que se joga fora, como na lixeira, mas também em terrenos baldios, ruas, rios ou fazendo queimadas. Em seguida, exemplificou sobre ações para se reduzir ou evitar o lixo, reutilizar e só então reciclar. Pensaram juntos sobre o consumo consciente, sobre como ser um consumidor responsável, como aprender a se perguntar: “eu realmente preciso comprar isso?; Isso pode ser consertado?; Há um produto similar com menos embalagens?; Isso é reciclado na minha cidade?; Quais são os impactos da minha compra? ”

Fizeram uma dinâmica em que aprenderam na prática a separar o lixo orgânico/molhado do lixo inorgânico/seco, tirando várias dúvidas, como onde descartar isopor, pilhas e remédios. A professora levou uma lixeira cheia com todo tipo de resíduo misturado e pediu que alguns alunos viessem colocar luvas e ajudar a separar, com apoio do grupo, em molhado (sobras de frutas e vegetais, borra de café, cascas de ovos e restos de comida), seco (papéis, vidro, metais e plástico) e rejeito (fraldas descartáveis, remédios vencidos e isopor por exemplo).

Imagem 46: Mutirão 3 Caravana Permacultural – separação de resíduos.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Com os resíduos separados, veio, então, o momento de apresentar aos alunos o minhocário de gavetas, solução sustentável para a destinação doméstica e segura em termos sanitários e ambientais dos resíduos orgânicos de uma residência. O minhocário tem três gavetas que se comunicam por furos. A mais baixa, recebe o líquido do sistema e tem uma torneira para coletar, a do meio recebe um punhado de húmus (composto feito pelas minhocas), as minhocas, os resíduos orgânicos de cozinha intercalados com resíduos orgânicos de jardim, como folhas secas. Quando a gaveta do meio fica cheia, a família inicia a colocação dos resíduos na de cima da mesma forma. Após em torno de 90 dias, a gaveta do meio terá se transformado em húmus e a maioria das minhocas terá migrado para o andar de cima. Então a família retira esse húmus, leva para o jardim e coloca essa gaveta de volta no sistema, no andar de cima, reiniciando o ciclo.

Os jovens ficaram encantados com aquela aula e tiveram a ideia de replicar junto à família do Lucas. Então, ao invés de apenas executarem a oficina do minhocário, elegeram três colegas com mais desenvoltura na oratória e esses foram os facilitadores e multiplicadores da aula/mutirão.

Continuei sentada, observando aquela maravilha de se viver. A reprodução de um aprendizado, na verdade havia sido a transformação de um aprendizado. Eles deram o tom jovem para a aula, carregada de gírias e exemplos domésticos locais. Por exemplo, explicaram para a família que uma ótima destinação para os resíduos

orgânicos domésticos de um lar rural seria para as galinhas ou os porcos. Mas que um minhocário como aquele poderia também ser uma solução ou uma opção a mais para a família. E que inclusive daria também minhocas para pescar. Perfeita abordagem daqueles educandos educadores!

Em seguida, montaram o minhocário da família com as gavetas e o deixaram lá na esperança de terem depositado uma semente sobre separação de lixo e destinação do orgânico em adubo.

Imagens 47 e 48: Mutirão 3 Carana Permacultural – minhocário.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Mantiveram ainda um grupo no registro de todo o processo em filmagem e fotografia. De volta ao Projeto mais uma vez dedicaram um tempo ao fichário, colocando para fora todo aquele processo de ensino aprendizagem.

No meio desse ano que estava sendo um manancial de vivências, surgiu a possibilidade de a turma realizar duas visitas técnicas: uma ao Ipoema, centro de referência em permacultura no DF e outra ao Ipec, outro centro permacultural, só que em Pirenópolis/GO.

Para a grande maioria a viagem ao Goiás seria a primeira saída de casa, uma experiência ímpar. A educadora levou junto algumas mães que se dispuseram a acompanhar aquela excursão verde e cheia de cultura. Puderam ver que o que

aprenderam e ensinaram na Caravana Jovem Permacultural no Gama era também vivido por outros jovens fazedores em Goiás, havia gente também fazendo parecido, foi um encontro de pares.

Com pranchetas e fichários em punho, a educadora solicitou que eles fossem anotando as ideias verdes relevantes que viram nos Institutos e individualmente escolhessem das duas visitas técnicas qual solução sustentável gostariam de replicar e onde, dando sequência à Caravana no retorno ao Gama.

E para a surpresa da educadora, eles optaram por realizar uma oficina/mutirão na Escola pública da maioria do grupo, localizada na cidade, o Centro de Ensino Médio 02 do Gama/DF e elencaram a espiral de ervas como alternativa sustentável a ser reproduzida. Iriam se expor positivamente junto aos seus colegas que não faziam Sombra da Mata e levariam uma linda espiral de ervas medicinais como presente para a Escola.

Dessa vez, foram de ônibus alugado, em virtude da distância, da segurança e da quantidade de material e equipamento que precisaria ser levado. A espiral seguiu a mesma metodologia do trabalho cooperativo, de organização, planejamento, empreendedorismo, de paciência, de tolerância com o tempo do outro e se formou com várias funções educativas e outras mais específicas como: oferecer ervas de cheiros para a cantina da Escola e somar com o belo, já que era esteticamente muito bonita – em formato piramidal e espiralada cheia de ervinhas mesclando qualidade e beleza.

E assim foi feito, o mutirão foi realizado sob os olhares curiosos dos colegas de Escola, mas com um sentimento de identidade muito genuíno dos alunos do SM que levaram a vivência até lá. Essa oficina foi registrada em fotografada por alguns dos alunos do grupo. Aquele foi um momento de luz bem especial na história dessas pessoas, uma espécie de realidade mesclada com sonho que fascinou a Escola inteira.

Imagem 49: Mutirão 4 Carana Permacultural – espiral de ervas.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

De volta ao Projeto, os alunos escreveram em seus fichários pela última vez. Foram ainda solicitados para que sinalizassem em uma coluna vermelha as experiências ruins em torno daquele ano de práticas, em uma coluna verde as boas vivências e em uma coluna amarela, aquilo que poderia ter sido melhorado. Foi uma avaliação importante, em virtude de um feito inédito até então – ensinar na comunidade o que aprenderam no Projeto ao longo dos anos, um grande salto de crescimento pessoal e coletivo.

O portfólio foi entregue de presente para cada aluno, para que funcionasse como uma espécie de guia e recordação. Um diploma também foi disponibilizado para cada um, com o título de fazedores comunitários de permacultura. Aconteceu também uma confraternização com mostra das filmagens e fotografias do processo ao longo do ano. Ela gostaria de ter editado o material junto com alguns alunos mais interessados em tecnologia, mas não houve tempo hábil para isso, além da falta de

material e equipamento adequado para edição. No entanto, a filmagem e as fotos cruas mesmo deram o tom rústico e braçal do que aquele ano havia sido...

Fechando as atividades letivas, o grupo realizou outro reflorestamento na área do sítio por meio de sementes. Essa forma de plantar foi fruto de um novo aprendizado da educadora que não conseguia parar de descobrir maneiras divertidas de educar. Havia estudado que se juntasse um monte de sementes, nativas e de leguminosas (que apressam o crescimento de outras plantas ao redor e fortalecem o solo onde estão plantadas), com um punhado de húmus de minhocas, areia, pó de cinzas e barro da região bem úmido, fazia bolas férteis que com água e sol se transformariam em lindas árvores no campo.

Então a turma se divertiu montando bombas de sementes, que em seguida, foram lançadas por eles em forma de jogo verde em vários pontos de uma área desmatada. Germinaram com o tempo, mas deixaram falhas sem plantio em alguns locais, tendo que ser refeito o reflorestamento em algumas partes. Avaliaram que essa seria uma maneira mais divertida do que funcional de plantar.

Imagens 50 e 51: Reflorestamento com bombas de sementes.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

O ano de 2015 findou com chave de ouro uma vez que previu e concretizou a consciência ambiental e a mudança de atitude em prol de pequenas e simples soluções sustentáveis para questões do dia a dia - ambiental, econômica, social, cultural e politicamente. Foi o ano do fazer, do educar e do aprender em forma de mutirão, uma metodologia muito feliz para praticar a educação ambiental ao ar livre, inspiradora e transformadora de vidas. Tornar público um aprendizado verde

doméstico, ir além das fronteiras imaginadas, transpor barreiras, reinventar a roda, deitar a cabeça no colchão, respirar fundo e repetir: eu fiz, eu realizei, eu consegui. Eu ouvia esse sussurro vindo dela vez ou outra. Ela era tão exigente consigo mesma, que somente quando o resultado era estrondoso que se sentia realmente em paz. Isso ela precisava rever... E às vezes com um relance de lucidez condescendente cantarolava para si deitada com a cabeça em seu pequeno travesseirinho:

“Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto balança, ele vem para me dar a mão...” (Milton Nascimento)

E ela seguia trabalhando com o coração cheio de amor, feito de atos mais do que de palavras. Decidiu ordenar a sua experiência de vida unida ao sonho de fazer desse mundo, um lugar melhor para se viver. Passou as férias de dezembro de 2015 e janeiro de 2016 escrevendo criativamente dois livretos de educação ambiental, um de capa amarela mais recheado com teorias e outro de capa azul mais abastecido de práticas. Foi a uma equipe de design para dar um tom ainda mais inclusivo para o material e rodou alguns exemplares na gráfica. Eram dez módulos verdes, que seriam ensinados em formato de oficinas e atividades práticas, divididas em: sustentabilidade, água, alimentos, lixo, florestas, energia, transporte, ar, jogos Biolúdica (jogos divertidos com temas biológicos) e agenda 21.

Ela estava ansiosa para aplica-los no SM. Eu acompanhei cada aula desse ano com muito entusiasmo e relatarei aqui os momentos mais marcantes do processo.

O ano de 2016 começou mais cedo, ao invés da tradicional colônia de férias, as aulas iniciaram em fevereiro.

Houve a roda da identidade para que alunos antigos e novatos pudessem se reconhecer. Dois círculos foram formados, o de dentro virado de frente para o círculo de fora de tal maneira que um aluno ficava de frente para o outro. E algumas perguntas eram lançadas pela educadora, com um tempo de resposta de 40 segundos a um minuto, em que olhando no olho do colega, cada um poderia se colocar: “quem sou eu?; Do que eu gosto?; Do que eu não gosto?; Minha maior qualidade?; Meu maior defeito?; Algo que marcou a minha história de vida?; Um sonho?; O que eu faço pelo meio ambiente?” Ao comando e a cada pergunta respondida, a roda de dentro dava

dois passos para a esquerda, girando de tal forma que todos os participantes puderam fazer duplas entre si.

Sobre essa última pergunta, ela se inspirou nas contribuições pessoais para a sustentabilidade de Genebaldo Freire Dias e com o grupo todo já em uma grande roda, trouxe exemplos escritos em papéis dobrados em uma caixa verde. A caixa rodava de mão em mão com uma música instrumental ecoando ao fundo e em quem a música era interrompida, retirava uma mensagem, lia ao grupo e outro colega explicava:

Seja participativo; seja um consumidor responsável; pratique os R's da educação ambiental (repensar, reduzir, reutilizar, reciclar); proteja a vegetação nativa; evite queimar o lixo; deixe os animais silvestres livres; seja um tutor responsável e amoroso com seus animais domésticos; economize água e energia elétrica; execute a separação do lixo; utilize mais a bicicleta (Dias, 2005).

As regras de convivência desse ano, mais uma vez corroborando com o estímulo à autonomia e à ideia de ser responsável pela própria existência, foram construídas pelos próprios alunos.

A educadora trouxe no primeiro módulo, que era a Sustentabilidade, o conceito de pegada ecológica, que seriam hábitos saudáveis que compõem nosso estilo de vida e metaforicamente levou o grupo a refletir sobre as pegadas que gostariam de deixar no Projeto ao longo daquele ano. Mostrou ainda um cartaz que trazia imagens de pegadas de vários animais em seus habitats, inclusive pegadas humanas, que vinham desenhadas com um rastro de lixo por perto, levando à reflexão sobre o impacto que cada espécie deixa no planeta ao longo da sua existência. E uma surpresa boa foi os alunos saberem identificar pegadas de aves e animais do cerrado.

Em um grande painel de pano feltro o grupo desenhou, um a um, o próprio pé, com um lembrete das regras construídas em conjunto e uma palavra que traria a mensagem que cada um deixaria de bom ao Projeto naquele ano. Havia pegadas de amor, de amizade, de união, de respeito, de responsabilidade e de organização. Na outra pegada, cada pessoa escreveu uma regra de convivência e uma conduta ecológica que praticava no dia a dia, tendo assim, alunos que guardavam o lixo na mochila para não jogarem no chão, outros que separavam os resíduos em casa e

outros que plantavam mudas em suas chácaras. E o painel ficou exposto nas paredes ao longo do ano todo, sendo por vezes, quando necessário, lembrado através de alguma regra deixada para trás.

Imagens 52, 53 e 54: Regras de convivência – pegada ecológica.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Sobre o tema da Água, os jovens resgataram a história das águas locais. Dividiram-se em grupos, que receberam um tema surpresa sobre o córrego e a cultura local para pesquisarem e bolarem uma apresentação em forma de arte: pequeno teatro, pintura em cartolina, música, contação de caso, elaboração de uma ação verde criativa. Os temas foram os seguintes: o córrego e as plantas; o córrego e a agricultura local; o córrego e o bairro da Ponte Alta; o córrego e a minha escola; o córrego e a minha casa; o córrego local e eu.

Esse último tema reverberou em uma ação de limpeza do córrego local e o plantio de reflorestamento na época das chuvas na margem que estava sofrendo erosão e causando assoreamento no local. No início da temporada, plantaram mudas de mini bambu, taioba e capim para segurarem a terra da margem, pois são de fácil crescimento e raízes curtas, e ao final, seguiram com o plantio de mudas nativas de cerrado que haviam sido germinadas por eles no viveiro ao longo do ano.

No módulo Alimentos, o grupo todo se voltou para a lenda da mandioca, plantaram manivas, esperaram crescer, colheram e degustaram cozida na panela. A lenda conta que uma índia chamada Mani adoeceu e morreu em uma tribo. E no local onde foi enterrada, que foi dentro da Oca surgiu uma planta, que ficou conhecida como ManiOca, hoje também denominada de acordo com os regionalismos, como mandioca, aipim e macaxeira. O grupo também ensaiou uma dança indígena circular com bambus e guizos em punhos em homenagem ao alimento da mandioca e à cultura brasileira. Produziu ainda um gibi sobre a lenda para a turma das crianças. O fazer e a expressão artística estavam sempre presentes nas aulas, evidenciando o foco na prática, na busca por mudança de conduta. Ela nunca deixava isso para trás em seu educar!

No módulo Lixo, a turma revisitou a oficina Minhocasa em que alguns alunos protagonizaram o ensino sobre separação dos resíduos e transformação do lixo orgânico da cantina no minhocário do Projeto. A grande novidade foi o mutirão de retirada do adubo feito pelas minhocas, a partir dos restos do almoço e do lanche depositados no minhocário escolar ao longo dos meses. Com as mãos “sujas” de húmus, terra fértil, o grupo recolheu o máximo que pôde de adubo para revitalizar e alimentar as ervas medicinais e a horta orgânica feita por eles próprios,

retroalimentando o sistema, em que o lixo se transforma em vida novamente, gerando novo alimento.

Imagens 55 e 56: Revitalização da espiral de ervas com adubo do minhocário.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Foram ainda entregues pequenas lupas para que a turma pudesse investigar as minhocas e outros animais que vivem em um minhocário, como lesmas, besouros, aranhas e tatu bola, com detalhamento. Eles se encantaram com a possibilidade e simplicidade da aula prática de ciências e biologia. A educadora, por sua vez, deu várias informações sobre o tempo de vida desses animais, reprodução, corpo físico e metabolismo.

No módulo Florestas, a turma foi para a mata ciliar observar a natureza e coletar alguns materiais já caídos no chão, como folhas, texturas de troncos, flores, sementes, galhos, pedras e penas. No retorno à ecoteca, tinham argila para reproduzir em forma de artesanato os materiais que tinham escolhido. Essa atividade culminou em uma exposição para as crianças sobre o elemento coletado e a arte feita a partir dele.

Imagem 57: Observação e imitação dos padrões da natureza.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Fizeram ainda nesse módulo, uma grande reflexão sobre aprisionar animais silvestres, especialmente as aves em gaiolas. E esse aprendizado foi sistematizado

em uma colcha com pássaros locais desenhados e bordados a muitas mãos, com agulha grossa e linha. Cada aluno traçou um pássaro da região em pano com furos e o bordou com linha colorida. Homens e mulheres tecendo o bem! E foram soltos em arte muitas cambacicas, joãos de barro, bem te vis, sabiás, tucanos, papagaios e maritacas.

Imagem 58: Colcha bordada com desenhos de aves do cerrado.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

No módulo Energia, a educadora preferiu trabalhar a energia limpa que vem do sol por meio da fotossíntese. E para fazer um percurso criativo e parazeroso, fez uma enquete sobre o suco de frutas que os alunos mais gostavam de tomar. Ganhou disparado o de maracujá. Então, com a energia do trabalho humano, os alunos trouxeram maracujás de casa, abriram a fruta, secaram as sementes, recolheram mais adubo do minhocário e plantaram na cerca, pois é uma planta trepadeira. Resultado: a natureza fez o resto do labor com a energia do sol e da chuva, gerando novo fruto, que foi colhido pelos alunos para tomarem o mais delicioso suco de maracujá de todos os tempos.

Imagem 59: Merenda saudável com suco de maracujá plantado e colhido pelos alunos.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 60: Ser responsável pela própria existência. Estudantes lavam a própria louça.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

O módulo Transporte gerou um pouco de polêmica, uma vez que houve um debate caloroso sobre o transporte na região, a partir de uma provocação realizada pela educadora que eram as questões: o transporte real e o transporte ideal. Listaram uma série de problemas como falta de ônibus nos finais de semana, aumentando o isolamento físico da juventude, precariedade dos veículos, quantidade de vezes que quebravam, linhas que não entram nas estradas de terra e horários escassos. Por outro lado, desejavam um transporte público de qualidade. Decidiram, por experiência própria de participação e representatividade em suas escolas, que não gostariam de redigir um documento solicitando melhorias. Não tinham a crença de que isso daria resultado.

Estabeleceram o que poderiam fazer para facilitar ao menos os dias em que viriam às aulas do projeto e definiram que a bicicleta seria o meio de transporte mais sustentável e adequado, porque segundo eles: promove a liberdade, não polui, melhora a saúde, aproxima da natureza e não precisa de combustível. O resultado foi uma “bicicletada” bonita de se ver estacionada na varanda da ecoteca. Os poucos que não tinham uma bicicleta na família, arrumaram uma emprestada para esse dia.

Mas infelizmente isso aconteceu somente por um dia porque um aluno de 14 anos foi assaltado a caminho do Projeto, o que acarretou em uma mudança de planos: os seus responsáveis se juntaram e redigiram uma carta junto à associação de pais e mestres de suas escolas e junto do Projeto para solicitar mais segurança na região e melhorias no transporte escolar.

Mais uma vez a educação ambiental tematizou a aula, conduzindo a um processo de transformação socioambiental por meio de valores e condutas individuais e coletivas, reverberando na construção de uma comunidade sustentável. (Tozoni-Reis, 2006).

O módulo Ar trouxe muita diversão e atividade meditativa também porque a educadora focou as atividades em trabalhos cooperativos e individuais junto à natureza.

Todos foram até a agrofloresta plantada por eles em anos anteriores e em duplas formadas fizeram uma trilha sensorial, que consistiu em um da dupla ser

vendado enquanto o outro seria seu guia. Depois houve a troca desses papéis. Experimentaram a sensação do corpo aquecido ao dar as mãos ao colega, de confiar no outro, de propor desafios, se desafiar, ser guiado, guiar, liderar um caminho cheio de obstáculos: ora caminhavam na mata fechada, ora tocavam nos troncos com as mãos diferentes texturas, ora eram levados a experimentar alguma fruta da estação, ora tocavam em sementes, tinham que agachar, levantar a perna para passar por um tronco caído até chegar ao final da trilha já na área descampada.

Como avaliação daquele momento, em uma grande roda, cada um se expressou sobre como foi ser guiado, a sensação de guiar alguém, de aguçar outros sentidos enquanto a visão estava bloqueada. A grande maioria pontuou que preferiu guiar porque era muito difícil se entregar completamente ao outro. Mas eles disseram mesmo ter amado a atividade por ter sido em dupla e na mata. Cornell (1996) afirma que podemos utilizar a natureza para estimular ideias, pensamentos e atitudes, além de poder realizar experiências divertidas e instrutivas.

Imagem 61: Trilha sensorial na agrofloresta.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Em seguida, a educadora procurou fazer uma atividade individual ainda na agrofloresta. Entregou para cada, um folheto da Coleção “Faça seu mundo melhor” de Ruth Helena de Souza e Roberta Ribeiro, que continha uma frase de impacto para

refletir e um texto explicativo sobre ela, inclusive um miniguia meditativo sobre a afirmação. Cada jovem deveria ler individualmente o seu folheto e procurar um lugar na mata para sentar relaxadamente, refletir em silêncio e meditar, colocando o pensamento no eixo, acalmando o coração. As frases eram assim:

“Eu sou inteligente; eu sou bem-humorado; eu sou saudável; está tudo bem comigo; eu aprendo com facilidade; eu me amo; sou positivo, eu gosto de mim; eu confio em mim; as pessoas gostam de mim; sou de bem com a vida; eu penso em coisas boas; eu posso ser feliz com a família que eu tenho; eu nasci para ser feliz” (Souza e Ribeiro, 2011 p. 14 e 25).

E lá foi ela impulsionar seus alunos para o alto, para crescerem, para serem cada vez melhores, construindo um caminho mental positivo.

Imagem 62: Atividade individual ao ar livre.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

No módulo dos jogos da Biolúdica, houve muita jogatina para a alegria de todos. Formaram pequenos grupos e se desafiaram a jogar, ganhar e perder, e na verdade, se divertir! A educadora havia conhecido a idealizadora da Biolúdica, a Nurit

Bensusan, e tinha se encantado com a proposta de jogos com temas biológicos. Escolheu aqueles com mais aplicabilidade ao jovem: o Bioquê e o Metamorfus.

O Bioquê é um jogo de cartas com charadas divertidas de ciências e biologia. Quando o orador do grupo lia uma pergunta, aqueles que tinham as cartas com respostas em imagens, colocavam ao centro da mesa e diziam Bioquê, significando estar biologicamente correto. Por exemplo, “um mamífero que vive na água”, quem tinha carta com desenhos de baleia, a descartava. Ganhava o jogo aquele que terminasse suas cartas primeiro. A versão escolhida pelo grupo foi a mais competitiva, em que ao final uma pessoa do grupo era o vencedor. Mas a turma optou por ter primeiro, segundo e terceiro lugares vencedores, uma forma de incluir mais do que excluir.

O Metamorfus objetivava juntar cartas que montassem a sequência da metamorfose de animais desenhados. A versão escolhida foi a mais colaborativa, em que cada membro do grupo auxiliava o outro a montar sua sequência metamórfica. Ganhava o jogo a equipe que conseguia juntar mais sequências de animais.

No módulo Agenda 21, o grupo discutiu sobre problemas e soluções, fortalezas e fraquezas locais, pensando-se mais amplamente na região da Ponte Alta do Gama/DF. E em nível micro, o grupo, a partir de uma mostra de fotos das atividades dos anos anteriores, que a educadora havia preparado, pensou no “Projeto SM que temos” e o “Projeto SM que queremos”. As imagens serviram para guiar o grupo em torno da história do Projeto até ali, uma linha do tempo que funcionou como um diagnóstico participativo.

Em dois grandes cartazes, o grupo listou os aspectos positivos e negativos dos acontecimentos passados e compartilhou desejos para o ano vindouro. Essa foi uma boa maneira de se consolidar o que passou e planejar um novo salto. Com isso, o aprendizado ficou mais em torno de planejamento e respostas para as questões levantadas.

Arquitetaram de forma participativa o plano eco pedagógico de 2016, uma vez que o estudo sobre agenda 21 foi um sinal verde para a construção de uma espécie de Agenda 21 do Projeto SM, adequada à realidade e às diferentes situações e

condições, de acordo com princípios de participação, respeito, integração, melhorias para a comunidade, diminuição das desigualdades, mudança de mentalidade de comportamento.

Dois alunos, em especial, monitores do Projeto, alçaram voo no entendimento de que com parcerias seria mais fácil de realizar os desejos do grupo. Arregaçaram as mangas e foram, eles próprios tecer a rede a partir de novos contatos: Adriana conseguiu um professor de capoeira para ensinar ao grupo, já que esse era um desejo da maioria planejado para acontecer; Higor foi à Administração do Gama pedir uma reunião com a pessoa encarregada na área de educação e conseguiu que a educadora fosse atendida com demandas dos jovens de melhorias no transporte, disponibilização de um ônibus para o passeio de férias e campanha de arrecadação de brinquedos para as lembranças do dia das crianças do Projeto.

Sendo assim, essa educação ambiental praticada no SM irradiava uma proposta pedagógica voltada para a compreensão e transformação da realidade e não somente para uma resolução pontual de um problema ambiental (Layrargues, 2001).

E a turma, por meio dessa experiência, encontrou na internet uma frase que resumiu o sentimento desse módulo: “Tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, no meu bairro, acontece comigo. Então, eu preciso participar das decisões que interferem na minha vida” (Herbert de Souza, o Betinho). E todos deram-se as mãos em forma de círculo, demonstrando a força da participação para a mudança. Perceberam na prática que o diálogo e a comunicação eram ferramentas para organizar e unir as pessoas.

Imagem 63: Círculo de força e união



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Foi uma temporada em que se aprendeu a esperar, a ir atrás, a buscar, a não desistir, a esperar com ação. Muitas vezes, ao longo dos módulos, houve ansiedade do grupo e da educadora para ver o resultado das ações realizadas, mas teve-se que aprender sobre paciência, pois tudo tem seu tempo, o de plantar, de colher, de chover, de secar, de planejar, de realizar, de estar em grupo, de estar só, o tempo de se transformar... Paulo Freire (2013) explica em seu livro “Extensão ou Comunicação?” que o homem transforma a natureza com seu trabalho constituindo seu mundo cultural e histórico.

E nessa atmosfera, era fim de ano, e veio o tempo de reflorestar. Dessa vez no sítio vizinho. Toda a turma de jovens se dedicou a organizar o mutirão de plantio da chácara do Senhor Luizinho Moraes, parceiro e admirador do Projeto. Com enxadas, cavadores, pás, carrinhos de mão, mudas em saquinhos, alegria, disposição e esperança, seguiram a pé pela trilha que dava acesso ao local. E executaram um lindo e fértil trabalho em uma tarde de quarta-feira. Isso de levar o que aprendiam no SM para fora dele era algo muito especial, que os jovens se orgulhavam porque, além do bem que faziam ao outro e ao planeta, podiam ser mais admirados e por isso, serem reconhecidos como fazedores do bem.

Imagem 64: Reflorestamento na chácara do vizinho.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Ao final do ano letivo de 2016 houve um plano inusitado de férias: com um acervo de 600 livros, a maioria doados pela Professora parceira Lucília Garcez, em que a educadora elaborou o Projeto Sacolendo nas Férias. Ela cuidadosamente separou alguns livros em caixas de acordo com a faixa etária e nível de escolaridade dos alunos jovens. Dispôs em roda no chão da ecoteca e solicitou que cada aluno, voluntariamente, escolhesse até três livros para levar na sacola de férias e ler. E na primeira aula de reinício no ano seguinte, os alunos contariam a história do livro que mais gostaram e os devolveriam ao Projeto.

O retorno que ela teve das famílias foi muito positivo, tanto os jovens quanto seus responsáveis gostaram da ideia. Muitos dos familiares dos alunos não eram alfabetizados e disseram que seus filhos haviam lido ou contado a história para eles. Importante destacar que 85% dos livros retornaram ao Projeto. E o Sacolendo nas Férias teve tanto respaldo favorável, como estimulante à leitura e potencializador do convívio familiar que foi repetido nos dois anos seguintes.

Para essa educadora que eu acompanho, continuar a ver o Projeto crescer era um grande desafio de perenidade e resultado de muito trabalho sério e amoroso.

Entrou 2017 e com ele um emaranhado de pensamentos e intenções por parte dela. Era preciso rever o passado, agir no presente para se falar de futuro. Ela precisou dar uma freada em tudo, serenar a mente, reexaminar o que justificou a criação e a permanência de um Projeto socioambiental como aquele. Concluiu que uma ação é sempre fruto de uma necessidade. No caso de uma ação socioambiental o motivo era a necessidade que aquela comunidade tinha de inclusão em várias searas e a sua própria avidez de fazer da educação ambiental um instrumento para a mudança. E os pilares fundamentais da educação que praticava como o diálogo, autonomia e o fazer a erguiam e a conduziam para seguir adiante, eram atemporais. Isso ultrapassaria o tempo porque eram aprendizados eternos.

Por isso, quando por vezes ela se sentia desanimada e sozinha, ela marcava um encontro com a turma de monitores, alunos dispostos a trabalhar no Projeto incondicionalmente, líderes destemidos, que se doavam só para estarem perto dela e da forma dela fazer educação. Eles funcionavam como seus termômetros na comunidade, traziam demandas, sugestões, alegria, eram seu combustível para ir em frente.

Ela teve que encontrar uma nova solução para a continuidade do Projeto porque com a crise no Brasil surgiu um novo problema, que era a falta de recursos, a perda de alguns apoiadores governamentais. Juntou a comunidade, expôs a questão e pediu ajuda para encontrar um caminho. Decidiram, de forma participativa, funcionar menos dias no mês para o dinheiro dar para o ano inteiro. E tudo se reajudou, voltou ao eixo, entrou nos trilhos. A possibilidade de interromper as atividades a estava entristecendo demais. E ela se acalmava ao ouvir a letra de Walter Franco na releitura de Pato Fu: “Tudo é uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo...”

Ela ganhou força através da música, da dança, da arte e da cultura. Evocou Luiz Gonzaga, Arnaldo Antunes, músicas afro-brasileiras como das artistas Daúde e Aline Calixto, hip hop e alguns funks do bem para acompanhar o Projeto ao longo do primeiro semestre de 2017. E decidiu tocar as aulas no formato de vivências e oficinas, espaços de aprender fazendo.

Iniciou as aulas elaborando conjuntamente as regras de convivência por meio da confecção de mini-bonecas de pano chamadas pela cultura africana de abayomi, que significa encontro feliz. Cada jovem construiu com retalhos de pano e nós, uma pequena boneca ou boneco. E escreveu em um papel a sua porção mais preciosa para dar de si mesmo ao longo do ano ao Projeto, compartilhando com o grupo o que se tem de melhor.

Montaram então um quadro grande com as abayomi coladas e dispostas em roda carregando o papel com a qualidade de cada um e lembrando uma regra de higiene, de alimentação, de relacionamento, de organização dos espaços e de uso de materiais e equipamentos. Vieram palavras como: amizade, amor, paz, organização, paciência e participação. Cada pessoa que vinha colar a sua boneca mensageira no quadro, dizia o próprio nome e falava a frase: “meu nome é tal, assim eu falei, hey!” E o grupo todo respondia: “Ho”.

Discutiram ainda sobre como é ser negro em nosso país. A educadora questionou: Faz diferença ou tanto faz? Para a maioria fazia diferença. Foram então para o ar livre ensaiar uma dança afro-brasileira.

Imagem 65: Dança afro-brasileira – resgate cultural.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Voltaram à ecoteca para confeccionar um amuleto com tampa de molho de tomate, lã e fita que significasse a porção preciosa para dar de si mesmo para si. Ou

seja, dessa vez não era ao Projeto, mas um presente pessoal. Esse amuleto foi levado para casa e deveria ser lembrado ao longo do ano, como uma auto mensagem.

Imagem 66: Amuleto.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

As próximas aulas foram dedicadas ao rei do baião. Ouviram suas músicas, aprenderam um pouco de forró, pesquisaram junto às suas famílias, que eram 80% descendentes de nordestinos, sobre quem o conhecia. E para espanto da educadora, somente 20% dos responsáveis ouviam as músicas de Luiz Gonzaga, ícone da música popular brasileira do Nordeste.

Outro momento especial foi a realização da Oficina “Jovens de Responsa: está na hora de se encarar”, em que houve abertura ao hip hop e ao funk, gêneros absolutamente adorados pelos jovens. A educadora conseguiu levar uma equipe de três dançarinos de *break* e grafiteiros para que a turma compreendesse mais sobre a cultura do hip hop. Realizaram, apaixonados, uma oficina de grafite nas paredes da casa de apoio ao Projeto, com motivos relacionados ao Projeto: natureza, crianças, jovens e animais. E nas aulas seguintes aprenderam a dançar o *break*.

Imagem 67: Parede da casa sede do Projeto grafitada pelos jovens.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Ela trouxe Marcelo D2 através da música “Você diz que o amor não dói” e refletiu com o grupo sobre um dos trechos:

“Não se pode ter tudo e nem tudo que se tem está ao alcance das mãos

Ninguém aguenta ouvir os outros reclamar (ninguém)

Chega para cá então, que eu vou te dar um plá

Vamos lá, vamos lá, wake up que é hora de acordar (wake up)”
(Marcelo D2)

Com o funk, ela foi estudar o Mc Garden, que canta a música “Isso é Brasil”. Segue um trecho:

“Observe de perto, meu mano

Olha lá nossos governadores

Não investem na educação

Para não ter uma geração de pensadores

Pensadores tentaram avisar

Mas você fingiu que não viu

Aqui a bunda vale mais que a mente

E por meio da reflexão dessas duas músicas a turma conversou sobre sonho. Como estará o Brasil daqui três a cinco anos? Como você estará daqui esse tempo? Com isso em mente, foram para uma oficina de papel reciclado, em que cada um confeccionou seu próprio papel, com papel utilizado dos dois lados picado e triturado com água no liquidificador. A massa diluída em mais água foi colocada em bacias com pigmentos naturais de açafrão e urucum e ainda com folhas de ervas medicinais colhidas por eles da horta do Projeto. Cada um escolheu sua moldura para enquadrar o papel e o colocou molhado para secar em uma folha de jornal. Depois de secos, os papéis reciclados foram para uma prensa de livros para ficarem bem retos.

Imagens 68 e 69: Oficina de papel reciclado.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Em outro dia de aula, ela realizou a oficina “escrever para viver”, em que os alunos escreveram seus sonhos para si mesmos, para daí três a cinco anos, nesse papel reciclado que confeccionaram. Foi uma espécie de previsão de futuro a partir dos seus desejos. Dobraram e os imortalizaram dentro de uma garrafa de plástico pet. Fizeram um enterro simbólico das garrafas dentro do minhocário do Projeto para se transformarem em realidade daí um tempo e, quem sabe, colherem esses sonhos plantados ali na frente.

Essa vivência os ajudou a criar desejos e a traçar metas de vida. Ao escrever para si mesmos eles perceberam que alguns obstáculos podem ser transpostos. Não

é preciso dizer que não há um dia sequer posterior a essa aula do túnel do tempo, que alguém não lembre a educadora de desenterrar as garrafas. Mas terão que esperar o tempo passar...

Imagem 70: Oficina túnel do tempo.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

E em meio a toda essa sonoridade, a educadora foi à uma exposição contemporânea de Joan Miró, artista catalão que combinou arte abstrata com surrealismo, por meio de pontos, círculos e cores principalmente.

E como em tudo o que ela fazia, pensava no Projeto, respirava o SM, de volta às oficinas jovens, elaborou uma vivência de arte e afeto. Ela fez uma mostra de imagens de pinturas do artista, com folhas impressas pelas paredes de barro da ecoteca. E solicitou que cada educando fizesse uma arte inspirada naquilo que viram: pontos, círculos, retas e cores.

Imagem 71: Arte inspirada em Miró.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Em continuidade, trouxe um resumo do livro “A águia e a galinha” de Leonardo Boff (1997), em que o autor explica sobre as dimensões humanas, sendo a do enraizamento e do cotidiano, inspirada no símbolo da galinha e a dimensão da abertura e do ilimitado, tendo a águia como representante. E questionou os alunos em como cada um poderia equilibrar esses polos.

Para tanto, solicitou que cada um fizesse um mergulho interno e se perguntasse como ganhar altura sem perder o voo, sem tirar os pés do chão. No desenho, cada aluno deveria escrever sobre seus saltos ilimitados nos círculos e pontos e sobre seus limites e enraizamentos nas retas. Referentes aos saltos, o foco era reforçar a auto-estima, para que os jovens pudessem ter voz própria, serem protagonistas do hoje, mudar o que não estava bom, manter o que estava bem. Os alunos escreveram expressões como: vencer medos, ter paciência, saúde, ação, buscar novas oportunidades, humor, determinação, organização e liderança. Quanto aos enraizamentos, a ideia era auxiliá-los a sair da zona de conforto, aprender a cair e levantar. Surgiram palavras como: desorganização, doença, preguiça, ciúme, ser gastador, preconceito, vício e intolerância.

Os cartazes foram todos expostos na ecoteca. E o grupo foi chamado a uma atividade coletiva que era o jogo do afeto, uma brincadeira criativa que suscitava a cooperação, o respeito, a diversão e a amizade: quem havia utilizado muita cor vermelha em seu desenho, fazia um elogio a alguém; muita cor verde, cantaria uma estrofe de uma música trabalhada em outras aulas; muita cor azul, dançaria algo para o grupo; muita cor amarela, fazia uma massagem em alguém; muita cor laranja, receberia um abraço coletivo do grupo. E assim, sensibilizaram o outro com muito afeto! Essa oficina foi uma alegria só!

Todo dia de Sombra da Mata, ela voltava para casa e passava a noite estirada no chão de sua sala junto de seus cães, exausta, de uniforme ainda, impregnada de energia jovem, oxigenada por conseguir fazer a educação que acreditava e que tinha aprendido outrora em outros voos alçados quando mais nova. Essa educação acontecia sempre no plural, pois tinha o eu e o outro, era tudo centrado na relação, em um projeto coletivo, construído a muitas mãos e corações. Era o amor feito de detalhes, com pequenos gestos. Passavam-se os anos, mas ela mantinha a necessidade de servir aos outros. Em seu coração pulsava o sentimento de gratidão, queria dar de volta tudo o que havia recebido da vida. Amor de educadora que o Projeto tornou grandioso na educação daqueles meninos e meninas. No Sombra da Mata, os limites não limitavam, por exemplo, como regra de convivência estabelecida pelos alunos, não se poderia correr dentro da ecoteca, mas fora dela, sim. Existia liberdade, mas sempre com autogoverno. O Projeto era um pequeno mundo dentro do mundo.

Chegou o segundo semestre de 2017 e o seu desejo pulsante era fazer um plano de curso que cumprisse quatro passos: sonhar, planejar, realizar e celebrar, de acordo com a metodologia *Dragon Dreaming (DD)*, que havia conhecido em um curso e resumidamente libera a sabedoria coletiva em torno de um projeto criativo em comum.

A ideia era que eles fossem capazes de experimentar essa metodologia a cada oficina realizada e pudessem ter um elemento concreto ao final. Por isso, o artesanato e a arte seriam tão oportunos, uma vez que geravam o aprendizado de uma técnica, a criação de um produto e uma exposição, uma mostra ao final. A turma decidiu mexer

com artesanato ao logo do semestre, esse seria o sonho, o projeto. A técnica seria aprendida para produzir algo novo, determinada arte e finalmente celebrariam com o objeto construído. Um excelente exercício de empreendedorismo!

Como de costume, o ano era sempre iniciado com as regras de convivência e como o semestre estava reiniciando, ela optou por refazer uma oficina nesse sentido. Ela elaborou algo bem criativo e especial focado na metodologia que trabalharia: os alunos fariam um jardim com plantas suculentas e rochas de positividade.

Dividiu o grupo em vários grupinhos que receberam uma jardineira vazia retangular. Primeiramente, eles pintaram seus vasos por fora, trazendo uma identidade própria por grupo. Em seguida, preencheram o interior com camadas de pedrinhas, areia, terra e adubo, tudo coletado por eles no Projeto. Foram ao córrego e cada um escolheu e coletou uma pedra. Já de volta ao jardim, cada pessoa escreveu o seu compromisso para aquele semestre com o Projeto, fazendo valer o poder das palavras positivas escritas nas rochas. Dessa vez, houve palavras diferentes porque precisavam ser curtas para caberem na pedra, como: paz, fé, saúde, luz, mudar, sorte. Por fim, plantaram no vaso as suculentas, espécie de cactácea, e depositaram suas pedras de positividade na jardineira. Mantiveram o compromisso com esse jardim nos cuidados e nas regas periódicas, demonstrando metaforicamente que somos todos responsáveis pelo que fazemos e falamos.

Imagens 72 e 73: Regras de convivência – jardins de positividade.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

A primeira oficina *Dragon Dreaming* foi realizada de tal forma que cada aluno jovem sorteou dois nomes de alunos crianças para confeccionar um colar com a técnica do nó de correr chinês, em que um pedaço de barbante grosso com um pingente no meio é enrolado e enlaçado para dar um nó de correr, sendo fácil de abrir e fechar. Cada jovem fez três colares, dois para os colegas crianças que os receberiam como prêmio de pescaria na festa junina e um para si.

A outra oficina foi de marcenaria. Juntos sonharam aprender a mexer com madeira. Planejaram sobre o material que precisariam. Procuraram estudar a técnica. Realizaram a confecção de um claviculário, organizador de chaves. E celebraram fazendo uma exposição de suas artes, depois levando-as para casa.

A educadora não poderia deixar passar batido a possibilidade de acrescentar algo mais à oficina. Então, utilizou a simbologia da chave e propôs antes da oficina uma grande roda de conversa sobre a chave que abre o coração de cada um, uma vez que ela simboliza a mudança, nos permite encontrar o outro lado das coisas, ela abre e fecha portas. Conversaram sobre as chaves do amor, do respeito, da tolerância, da justiça e da gratidão.

Ela focou a conversa nessa última palavra, no poder de estar grato, de reconhecer a atitude do outro, agradecer o que o outro faz por nós, se sentir vinculado, comprometido a um diálogo e a contribuir com o outro. Lembraram inclusive do poema, inspirado na Pedagogia Waldorf, que integra o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico (LANZ, 1998) que declamaram ao longo da infância no Projeto antes das refeições:

“Terra que esses frutos deu, sol que os amadureceu, gente que para isso trabalhou, você que essa refeição preparou, nobre terra, nobre sol, nobre gente, jamais os esqueceremos” (Autor desconhecido).

E realmente compreenderam que as palavras estão grávidas do mundo, como dizia Paulo Freire.

Em seguida, foram serrar madeira reaproveitada de resto de obra, lixar, pregar pregos e pintar montando seus claviculários, fruto de aprendizado e suor de marceneiro aprendiz. Expuseram orgulhosamente seu trabalho na ecoteca e puderam

levar para casa suas produções. Foi uma experiência de reuso de madeira muito efetiva.

Imagens 74 e 75: Oficina de marcenaria.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Seguindo o movimento artístico e artesanal, dentro da metodologia DD, eles bolaram a oficina de jarro de vidro com flor de tecido. Sempre havia no grupo alguns mais empolgados e engajados em ajudar a educadora, normalmente os alunos monitores, e esses traziam ideias mais concretas para o grupo opinar. Decidiram fazer um presente para um representante da família - pai, mãe, avó, avô, tia - enfim, a referência de adulto que cada um tinha em seu seio familiar.

Garrafas de vidro foram guardadas ao longo de um tempo para que todos pudessem participar. Pintaram-nas com tinta feita à base de cola e guache. Se inspiraram em detalhes de padrões da natureza das aulas de permacultura, como ondas, círculos, flores e riscos. E fizeram, cada um, um pequeno buquê de flores com retalho de tecido de algodão e cabinhos de bambu e capim de cerrado recolhidos por eles na natureza. Os vasos com seus buquês foram expostos e levados de presente

para seus familiares. Essa experiência demonstrou como os vidros usados podem ser reaproveitados.

Imagens 76, 77 e 78: Oficina de vidro reutilizado.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

A oficina seguinte deu o que falar positivamente porque se transformou em um pequeno negócio para alguns alunos, gerando renda provisória para eles. Seguindo a ideia de aprender uma técnica e fazer com as próprias mãos, sonhando, planejando,

executando e celebrando, eles pediram para confeccionar o artesanato filtro dos sonhos também conhecido como olho de Deus mexicano, que simboliza a saúde, a felicidade e a prosperidade. Na cultura indígena mexicana, o olho de Deus é tecido pelo pai quando a criança nasce para pedir proteção ao longo do crescimento dela. Os jovens, então, fizeram seus filtros de proteção e depois penduraram nas árvores do jardim perto da ecoteca para proteger o Projeto SM.

Imagens 79 e 80: Oficina de filtro dos sonhos.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

A técnica consiste em fazer o formato de cruz com palitos de sorvete e usar uma linha colorida ou barbante fazendo um oito por entre os palitos várias vezes até cobri-los completamente. Pendura-se uma pedrinha na ponta de baixo e uma linha na

de cima para poder amarrar em algum local. Alguns jovens gostaram tanto da técnica, que criaram em cima da ideia e montaram um pequeno negócio de venda de filtros de proteção em suas escolas e vizinhança, fazendo uma renda extra ao longo de três meses.

E veio a culminância dessa metodologia DD: a oficina de barro para a construção em mutirão pelos jovens do banco com a técnica de superadobe como mais um espaço de convivência sonhado, planejado, executado e celebrado por eles. A técnica escolhida foi a de bioconstrução, mais uma vez, em especial a de superadobe, em que se enchem sacos de rafia (polipropileno) com entulho e terra, monta-se o formato do banco com os sacos cheios, pila-se tudo para dar firmeza e reveste-se com camadas de barro, imitando a arquitetura que o pássaro João de barro faz para construir seu ninho.

Os jovens arregaçaram as mangas e fizeram um lindo e árduo trabalho. Ao final, se dedicaram a desenhar animais do cerrado nas paredes do banco para que a turma de crianças pudesse pintar. O resultado dessa oficina foi que a área mais visitada do Projeto por eles nos meses seguintes era ali, demonstrando que quando ajudam a fazer, zelam, cuidam e apreciam muito mais. Como celebração dessa super tarefa coletiva, a turma ganhou um passeio ao Lago Paranoá de Brasília.

Imagem 81: Mutirão de barro – banco com a técnica de bioconstrução.



Imagem 82 e 83: Mutirão de barro – banco com a técnica de bioconstrução



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 84 e 85: Mutirão de barro – banco com a técnica de bioconstrução



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Chegaram as chuvas e com elas a temporada de plantio. Dessa vez, a turma decidiu plantar árvores que farão sombra um dia pelo caminho de entrada do sítio, da porteira onde chegam com o ônibus escolar até a ecoteca. Traçaram um plano para que a cada dois metros de distância um berço fosse cavado. E plantaram cada um, três mudas de jacarandá e/ou guapuruvu e/ou flamboyant vermelho e/ou pau Brasil.

Imagens 86, 87 e 88: Reflorestamento na entrada do sítio.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Esse movimento do grupo de planejar para colher fruta, sombra ou madeira no futuro era um treino para aprender a se organizar também com as próprias metas pessoais de vida. E dessa vez a turma toda voltou ao viveiro para juntos encherem saquinhos e semear mais plantas para as chuvas do ano seguinte, afinal, aquele era um grupo de plantadores de florestas.

Para fechar o ano, o grupo de jovens ainda fez uma linda oficina de animais do cerrado dedicada às crianças. Decidiram montar gibis com pequenas histórias sobre o cuidado com a natureza, os animais e as pessoas do cerrado. Montaram um teatro de bolso, com pequenas peças e cenários sobre as histórias no bioma cerrado dos gibis e propuseram a replicação de uma oficina de confecção de animais tridimensionais em pano feltro, com cola e palito de bambu para as crianças brincarem como marionetes. E um lindo painel foi construído com borboletas, tamanduás, cobras, minhocas, corujas, tatus, tucanos, periquitos, porcos espinhos, lobos guarás, abelhas, carcarás, jabutis, peixes, aranhas, micos e sapos.

Imagem 89: Painel da fauna do cerrado.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

De repente, ela começou a perceber mais claramente que aquela juventude que acompanhara desde a infância, tinha amadurecido e já começava a inverter os papéis para a sua extrema felicidade.

Os jovens naquele ano de 2017 haviam demonstrado capacidade de auto-gestão participativa. Tomaram a frente das decisões sobre o quê e como queriam aprender no Projeto. E ela conduzia o processo como facilitadora do ensino e do aprendizado. Ela conseguiu engajar as pessoas porque valorizava suas habilidades, dividia decisões, partilhava sonhos e atuava coletivamente.

Imagem 90: Jovens unidos.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Para essa educação ambiental que acreditava, os problemas ambientais eram temas geradores que auxiliavam os jovens para tomarem consciência da realidade, a fim de instrumentalizá-los para uma ação consciente de transformação dessa realidade (Tozoni-Reis, 2006). Por isso, sempre houve a preocupação dos alunos aprenderem a observar e interpretar a realidade para, então, interferir nela. Ela entendeu ali o sentido pedagógico de fazer junto, seus alunos estavam tomando para si as rédeas da própria educação. Isso a fazia serenar o coração.

Gutierrez e Prado (2000 p.39) utilizam o termo “caminhar com sentido” para a educação problematizadora que coloca em questionamento a própria aprendizagem. Isso significa dar sentido para as ações dos sujeitos em um movimento político e educativo que foque na mudança das relações humanas, sociais e ambientais.

O SM era um laboratório vivo de práticas verdes e estava gerando jovens mais sustentáveis. Eis o retrato de um Projeto que vinha dando resultado. Com ele, os jovens haviam mudado a forma de adquirir conhecimento, de ajudar as pessoas; a maneira de ver o mundo; de expressar suas opiniões; de direcionar suas ações e o impacto nesse caminho. O “Sombra da Mata” havia se tornado na comunidade uma “Luz da Mata”, dos animais e das pessoas. Era assim que algumas famílias costumavam descrever o Projeto.

E ela, com as características muito particulares de dedicação, disponibilidade, doação, desprendimento e amor, naquele lugar doce e abençoado, seguia seu rumo, alçava o próprio voo, rodopiava feito borboleta, se coloria das cores do arco-íris, sonhava e realizava. Tornava-se Educadora, porque celebrava uma história coletiva perpetuando uma energia positiva de SER! Que tudo aquilo fosse eterno, permanente, durasse para sempre.

De volta a sua casa, no mesmo travesseirinho dos pensamentos, ela continuava a sonhar, agora dormindo, em sono profundo, sorrindo. E numa feliz junção, ela se encontrou com sua porção humana, aquela educadora era eu, Kika Danna.

CAPÍTULO 3 – A VISÃO DOS EDUCANDOS E DAS FAMÍLIAS DO PROJETO E A DOS PROFESSORES E AUXILIARES DE EDUCAÇÃO DAS ESCOLAS PARCEIRAS

Esse estudo é o resultado de uma experiência social que buscou transformar as pessoas e o mundo ao redor. Adequou-se à metodologia da pesquisa-ação, pois envolveu os jovens e a comunidade no aprendizado. Transitou entre o individual e o coletivo, uma vez que as decisões dos rumos a se tomar foram sempre decididos com a participação do grupo. Por isso, quer servir de mudança, estando mais focada no conhecimento prático do que no teórico (Barbier, 2007).

A coleta de dados referentes ao período entre 2013 e 2017, com instrumentos variados como complementação de frases, questionários, produção textual, entrevistas e depoimentos gravados em vídeo junto aos alunos, familiares, professores e auxiliares de educação buscou compreender como agem diante de situações que envolvam questões ambientais dentro e fora do Projeto e, ainda, sobre os ganhos educativos e ambientais que obtiveram a partir da experiência nas aulas vivenciais.

O primeiro encontro com os jovens do Projeto Sombra da Mata para coletar dados aconteceu em 2013, quando foi revista a matrícula dos alunos e feita a coleta de diagnóstico com a complementação de frases, descrita no capítulo 2.

O segundo momento junto aos alunos foi em 2014. A reunião teve como propósito estabelecer um contato com o grupo, a fim de expor as principais intenções da pesquisa, bem como sua estruturação. Após esses esclarecimentos, os jovens foram convidados a participar deste estudo e todos manifestaram interesse, ou seja, pactuaram o compromisso de comparecer e participar dos encontros agendados ao longo dos anos que viriam.

Todos os responsáveis e estudantes, assim como o presidente da Organização não-governamental (Ong) do Projeto, Instituto Coopera, assinaram ainda a declaração de uso de imagem e de dados coletados (Anexos 1 e 2).

Primeiramente, aplicou-se um questionário junto a trinta jovens com idades entre onze e dezoito anos, que pudesse, em nível exploratório, trazer informações sobre mudança de visão de mundo e mudança de conduta na prática, a partir da experiência deles nas atividades do Projeto.

Aos alunos presentes no dia da aplicação foram mostradas imagens sobre as ecoatividades vivenciadas por eles ao longo dos anos para que os mesmos pudessem lembrar um pouco da história vivida no Projeto. Em seguida, o questionário (anexo 3) foi aplicado individualmente.

Ressalta-se que sobre visão de mundo, os alunos incluíram apenas um item como resposta, já sobre mudança de prática, em média, havia de uma a duas ações listadas por eles. Sendo assim, de 30 questionários respondidos, no caso das respostas sobre as práticas verdes que já eram executadas em 2014, havia 36 ações listadas, algumas repetidas e outras não. Essas práticas variaram entre ações de: jogar o lixo na lixeira; realizar plantio de árvores e outras plantas; ser mais cuidadoso com o meio ambiente no geral, em especial com a natureza e os animais; fazer e utilizar um minhocário em casa e; aprender a se organizar.

Analisando-se os dados coletados no questionário aplicado (Figura 4), constatou-se que 100% dos alunos respondeu que a sua visão de mundo em relação ao respeito ao meio ambiente, conscientização ambiental e entendimento de sustentabilidade aumentou ao longo dos anos de participação em atividades de educação ambiental.

Já em relação à pergunta sobre o que cada um havia levado desse aprendizado educativo ambiental para a prática, 86,6% do grupo disse estar praticando um novo hábito verde, enquanto apenas 13,3% comentou não estar praticando. Esses dados corroboram o que Marília Tozoni-Reis (2006) defende quando expressa que uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória, que toma os temas ambientais locais como temas geradores, contribui para a colheita de resultados como a conscientização e a ação voltadas para a construção de comunidades e sociedades sustentáveis.

CONSCIÊNCIA X ATITUDE EM 2014

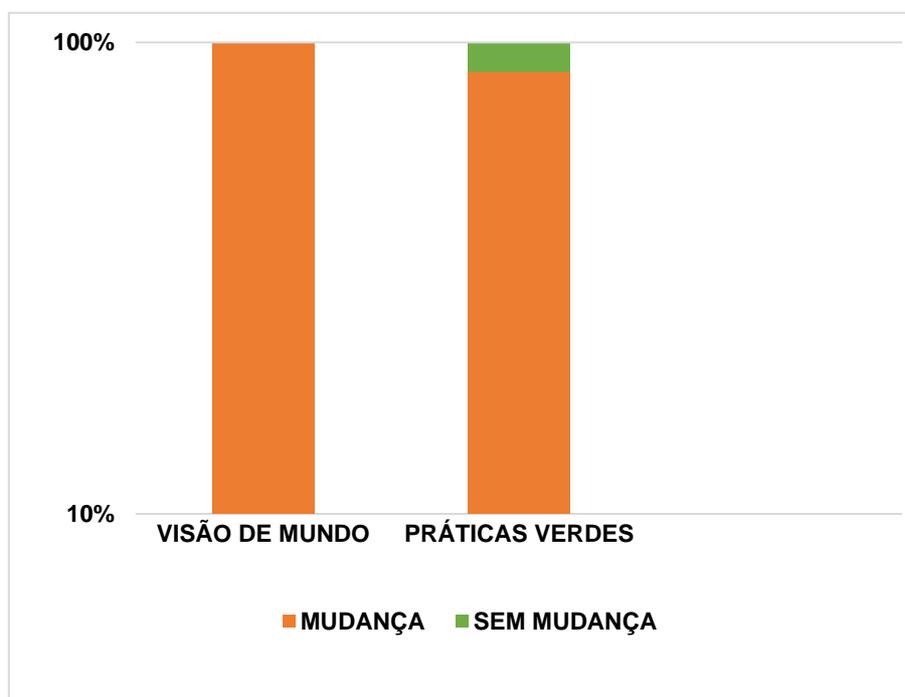


Figura 4 – Índice de mudança em termos de visão de mundo e adesão a novas práticas sustentáveis por parte dos jovens do Projeto até 2014.

Daqueles que mencionaram já estar praticando alguma conduta verde, a grande maioria, em torno de 23 de 30 alunos, disse jogar o lixo no lixo ou separá-lo em seco e molhado. Outra prática que merece relevância por ter aparecido na pesquisa algumas vezes foi o plantio de árvores, plantas, hortas orgânicas ou hortas de ervas medicinais (7 alunos de 30), demonstrando que os jovens em 2014 já estavam replicando práticas verdes fora do Projeto (Figura 5). Outras ações como: ter mais cuidados com o meio ambiente (explicado por eles, como sendo a natureza e os animais), ter e utilizar um minhocário em casa e ser mais organizado, foram também incluídas nas respostas, mas poucas vezes. Apenas quatro alunos disseram não praticar condutas verdes.



Figura 5 - Número de alunos por práticas verdes listadas em questionário por eles em 2014.

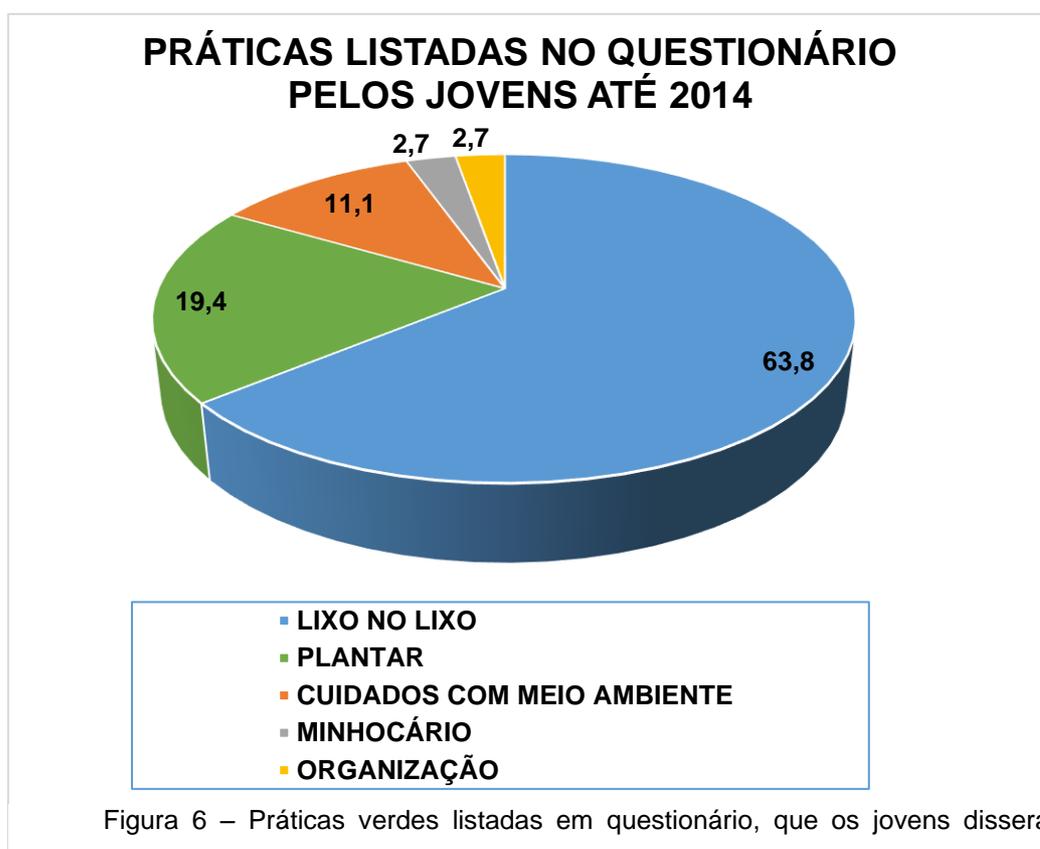
Seguindo a tabulação dos dados, as cinco práticas listadas pelos jovens no questionário foram mencionadas trinta e seis vezes como respostas (Figura 6), uma vez que cada aluno podia optar por mais de uma prática. Começava-se a perceber que o espaço da ideia e do pensamento dava, aos poucos, lugar ao gesto e à ação. A mudança deixava de ser conceitual e passava a ser de atitude. Por exemplo, jogar o lixo na lixeira separada apareceu em 63,8% das práticas dos jovens. Outro dado considerável entre as ações foi o plantio que os alunos disseram fazer em casa, tendo aparecido com um percentual de 19,4. Já era um sinal de que o que é vivenciado gera novos saberes e fazeres, por isso, é multiplicado, gera intervenção na realidade (Paulo Freire, 1997).

De acordo com Tristão (2005), a educação ambiental é carregada de sentidos e significados de um paradigma que transita entre o individual e o coletivo, o subjetivo e o cultural em um eterno movimento recursivo. Muitas vezes as linguagens lineares, vagas e superficiais ambientais, despotencializam as práticas dos sujeitos sociais. No entanto, as linguagens dinâmicas, participativas e conscientizadoras ambientais que se viu já nessa primeira coleta de dados foi propulsora de um processo educativo de empoderamento juvenil, que já se revertia em práticas cotidianas significativas. Para

se mudar um paradigma tem que se mudar as linguagens, que por sua vez muda as relações de poder e conseqüentemente gera transformação social.

Uma educação ambiental transformadora e inovadora tem que perpassar a realidade social, pois é ela que incorpora a subjetividade, que por sua vez, garante a ação. Por isso, há que se trabalhar de acordo com essa realidade, pois novas formas de subjetivação serão criadas a partir do repensar a própria cultura (Gonzalez Rey, 2005).

Ao longo dos anos de 2014 a 2017 a pesquisadora optou por realizar perguntas semelhantes em linguagens diferentes de coleta de dados junto aos alunos – questionário, texto, foto e vídeo. Por isso, manteve a sequência de, a cada ano, mostrar na interpretação do material coletado, dois gráficos: um que mostra o número de sujeitos por prática e o outro que traz o peso, a frequência das práticas realizadas por eles. A intenção é poder traçar dois quadros comparativos ao final, sobre os sujeitos e sobre as práticas.



Na segunda coleta de dados em 2015, fez-se um apanhado textual, junto a vinte e seis jovens, buscando entender como agem diante de situações que envolvam questões ambientais dentro e fora do Projeto. Os alunos produziram um texto livre, podendo ser em poesia, música, parágrafo, conto ou narrativa, sobre quais ganhos educativos e ambientais obtiveram a partir da experiência nas aulas, ou seja, qual seria o aprendizado até então.

A elaboração do texto se mostrou uma técnica mais eficaz do que o questionário porque deixou os alunos mais à vontade para se expressarem por meio da palavra escrita (anexo 4).

Todos disseram ter tido ganhos educativos ou ambientais. Ninguém disse não praticar ações verdes. De alguma forma os estudantes já tinham dado início à mudança de conduta especialmente porque a metodologia utilizada estava em consonância com o aprender fazendo, preconizado pelo educador John Dewey (Westbrook, 2010).

Os aprendizados que mais apareceram nos relatos foram mais uma vez aqueles mais vivenciados no dia a dia ao longo dos anos no Projeto, como jogar o lixo na lixeira e separá-lo em seco e molhado, em que 20 de 26 alunos responderam positivamente a esse ganho e como a prática de cuidado com o meio, representado pela natureza e os animais, com 18 pessoas praticando. Como exemplo desse item, surgiram respostas em que eles passaram a regar as plantas, não mais jogam fogo no mato seco e soltaram mais os animais domésticos das correntes ou canil. Três outras aquisições de ações importantes de serem identificadas foram: aprender a respeitar o outro, com 11 citações de pessoas, plantar árvores, hortas orgânicas e medicinais com 10 pessoas; e ainda, mudança no pensar e no agir, ação que foi descrita de forma geral, sem especificações por 9 alunos. Apareceu também o aprendizado de relaxar com 3 sujeitos praticantes e o direcionamento profissional com 2 alunos sentindo-se beneficiados (Figura 7).



Figura 7 – Número de alunos por práticas narradas em texto em 2015.

Seguindo o mesmo raciocínio de tabulação dos dados do ano de 2014, em 2015 as sete práticas listadas pelos jovens no texto foram mencionadas setenta e três vezes como respostas (Figura 8), uma vez que cada aluno podia escrever livremente sobre seu aprendizado e, por isso, discorrer sobre mais de uma prática.

Importante observar que esse foi o ano que somou mais práticas de todos. Certamente porque foi o tempo em que mais se exercitou coletivamente e comunitariamente as práticas verdes nas aulas do Projeto e na comunidade por meio da Caravana Permacultural. Portanto, os temas trabalhados tinham significado concreto para os envolvidos, eram problematizados em torno de novas práticas sociais (Tozoni-Reis, 2006).

Observam-se entre esses dois anos, que a quantidade de vezes que paraticaram ações verdes, dobrou de 36 em 2014 para 73 em 2015, constatando-se um salto quantitativo em termos de replicação de aprendizados e qualitativo em termos de escolhas sustentáveis ao alcance dos jovens. Todo aquele esforço educacional pela prática dialógica vinha começando a dar resultado – formavam-se sujeitos ativos de sua própria aprendizagem com predisposição ao realizar.

Sobre essas 73 ações, mais uma vez jogar o lixo no lugar certo ficou na frente com 27,3%, especialmente as condutas que precisavam somente do engajamento do indivíduo, que dependiam somente dele, como guardar papéis de bala e pequenas

embalagens no bolso, na bolsa ou na mochila. Mas nesse ano, as condutas passaram a ser mais diversificadas e um montante quase igual, com quase o mesmo peso das práticas relacionadas ao lixo, 24,6% eram agora de cuidado com o meio ambiente (natureza e animais), preservando as águas de suas chácaras, não pisando em pequenos insetos, não jogando fogo no mato, não mais caçando pássaros com estilingue, uma espécie de atiradeira (objeto para disparar pedras ou dardos). Um item novo na coleta de dados com 15% de peso apareceu com força, que foi o aprendizado de respeitar as pessoas, trabalhar em equipe, com união, ser mais responsável e paciente com o outro. Ações de plantio de árvores, hortas orgânicas e medicinais mantiveram-se em alta, com 13,6% das condutas, seguidas pelo dado que explicitou que o Projeto mudou o pensar e o agir no geral com 12,3%. Houve ainda, em pouca intensidade, o aprendizado sobre relaxamento e meditação e o apoio sobre a escolha profissional.

Os dois gráficos que detalham os sujeitos e as ações do ano de 2015 demonstram que, conforme Moutinho e Roazzi (2010) defendem, o conhecimento, associado a intenções, crenças e motivações e somado às atitudes determinam a mudança de comportamento. Ao longo de dois anos de coletas e análises percebe-se que os jovens intencionam sair de sua zona de conforto, quando motivados pelo novo conhecimento que culmina em atitudes positivas ambientais, em favor do meio ambiente, que por sua vez, determinam a mudança de comportamento. *“Não basta criar um novo conhecimento, é preciso que alguém se reconheça nele.”* (Boaventura, 2010).

Era notável que essa transformação não era automática, vinha acontecendo de dentro para fora, por meio de envolvimento e participação crítica dos alunos. Esse era um novo momento que aqueles jovens viviam, não exclusivo de uma pessoa, mas uma experiência coletiva, de mudança de prática social. Havia observação e intervenção na realidade porque a educação ambiental realizada no Projeto tinha uma perspectiva transformadora.

A produção de sentidos pela subjetividade social estava empreendendo um novo caminho. De acordo com Gonzalez Rey, o salto qualitativo de qualquer ação educativa seria manter a capacidade geradora de sujeitos críticos e criativos para que

eles modifiquem os espaços de subjetividade social. Essa ação educativa deve ser motivadora de novas significações e emoções, que podem redefinir o sujeito para novas práticas sociais (Gonzalez Rey, 2005).

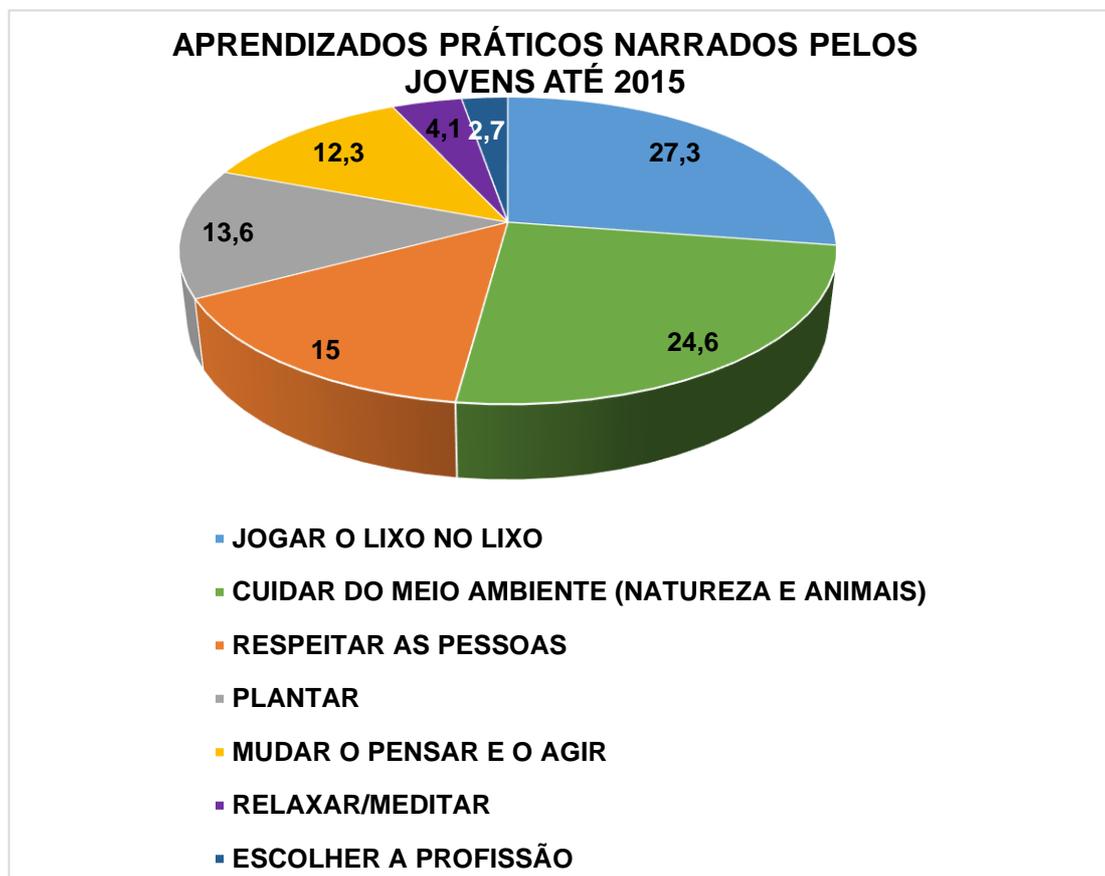


Figura 8 – Aprendizados práticos narrados em texto pelos alunos e mais multiplicados em suas vidas até 2015.

Seguem alguns relatos significativos dos jovens, em ordem decrescente de idade, referentes à produção textual de 2015:

Relato 1:

“Participar do Sombra da Mata foi uma das melhores experiências que eu já pude vivenciar. Além de ter cativado grandes amigos, pude me desenvolver como ser humano. É um tanto difícil expressar sentimentos utilizando a escrita, apesar de parecer clichê, a verdade é que não existe palavras que possam de fato explicar toda a complexidade que foi e que é estudar no Sombra. A escolha da minha graduação por exemplo, foi de grande parte graça as vivências das aulas que são aplicadas no projeto. A forma diferenciada de se ensinar educação ambiental, não apenas com palavras, mas com atitudes e exemplos, fizeram com que eu

desenvolvesse uma sensibilidade ambiental e conseqüentemente maior respeito tanto com a Natureza quanto com o meu próximo. Dessa forma, as atitudes como um simples guardar de papel de bala para jogar na lixeira depois, se tornou um hábito. E naturalmente influenciando os que estavam ao meu redor, pois eu particularmente não deixava nenhum amigo meu jogar lixo no chão. O Sombra da Mata me fez ver o mundo com olhar mais responsável, sempre pensando no cuidado não apenas para que eu possa extrair... Me fez também entender que para que possa mudar algo tenho que começar por mim, como já dizia tia Kika através das palavras de Mahatma Gandhi " Seja a mudança que você quer ver no mundo." E que devemos sempre agradecer ao que nos é oferecido com o poema que é declamado sempre antes das refeições: "Terra que esses frutos deu, Sol que os amadureceu, gente que para isso trabalhou, você que essa refeição preparou, nobre Terra, nobre Sol, nobre gente, jamais os esqueceremos."

Adriana Rosa, 18 anos. Junho/2015.

Relato 2:

"Em um lugar onde o meio ambiente é bem visto, aparece um projeto que busca mostrar às pessoas como valorizar e apreciar mais o lugar onde vivem. Dentro do projeto busco sempre saber mais, aprender mais e fora dele, ensinar o pouco que eu sei a quem não sabe e claro, praticando o que aprendi. Mudou na vida que eu tinha que cuidar melhor daquilo que é nosso, cuidar da nossa casa, nossa terra. A consciência de preservar mais mudou hábitos ruins que eu tinha, como jogar lixo no chão. Hoje guardo lixo no bolso, penso nas gerações futuras que virão e em um mundo mais limpo. O que mais me impacta no Sombra é a maneira que a gente aprende de cuidar do meio ambiente, a forma de saber, como pequenos gestos possam gerar grandes atitudes e mudanças. Ganha-se muito no Sombra, não só informação, mas atitudes simples como se importar com o outro, respeitar o próximo e ser cada dia uma pessoa melhor. O que mais toca o meu coração é a união que aqui se faz, vendo que quando um se importa com algo e mostra isso ao outro, há mudança ao seu redor. Dá-se atenção e carinho ao mesmo tempo aprendendo e levando tesouros para toda a vida."

Emilly Alves, 18 anos. Junho/2015.

Relato 3:

"O Sombra da Mata foi para mim um referencial, um mecanismo que surgiu para auxiliar as crianças e jovens sobre a importância de preservar o meio ambiente. Para mim foi uma experiência que levarei para minha vida familiar e profissional. Pois tudo que aprendi no Projeto se aplica a sociedade atual, desde o amor e respeito ao ser humano a preservação dos recursos naturais. Após o Sombra tudo mudou... O modo de enxergar uma formiga, a maneira de me relacionar com as pessoas, enfim, o projeto me mostrou o caminho que eu deveria seguir para construir um mundo melhor, onde todos pudessem viver em harmonia e com respeito à natureza. Hoje dentro do curso de Direito aprendo sobre

a justiça “Lei” já no Sombra aprendi sobre a justiça da natureza, onde pagamos um preço alto por não respeitar os recursos naturais que temos, consequências que nem se comparam a pena privativa de direitos ou liberdade. Fico sempre emocionado ao falar do Projeto Sombra da Mata, pela magnitude das ações que são desenvolvidas e pelo carinho com as pessoas e a natureza.

Higor Alves, 17 anos. Junho/2015.

Relato 4:

“Há dez anos atrás um sonho que estava somente no papel se tornou realidade. A construção do Projeto Sombra da Mata teve muita ajuda e eu estava lá. Ao longo desses anos muitos ensinamentos do Sombra influenciaram na minha vida e muitas situações fora do Sombra me deixam entristecida com a humanidade, por exemplo, o fato dos rios serem poluídos. A minha visão de mundo mudou muito quando comecei a estudar no Sombra, as minhas atitudes em relação ao meio ambiente se tornaram positivas, eu aprendi o verdadeiro significado da palavra preservação. O impacto do Sombra em minha vida foi muito positivo, mudou totalmente o meu modo de pensar e agir sobre o meio ambiente. Além disso, obtive conhecimento sobre ações básicas do dia a dia, ganhei mais experiência para a vida e para meu interior, comecei a pensar em mim juntamente com o meio ambiente. O que me toca mais no Sombra é a perseverança de continuar de pé diante todas as dificuldades. A partir desse relato posso dizer que o Sombra sempre estará em meu coração, pois estou entrando em uma nova fase da minha vida e dizer que o Sombra me ajudou bastante em me tornar o ser humano que sou. Muito obrigada Sombra!”

Adrielly Nunes, 17 anos. Junho/2015.

Relato 5:

“Faz dez anos que faço esse projeto, quando vejo situações envolvendo questões ambientais dentro e fora do Sombra é que cuido mais ainda no meio ambiente. Mudou muito em casa, eu separo o lixo orgânico do seco, refloresto. O impacto na minha vida foi que aprendi que nem tudo tem que ser feito por seus pais, também pode ser feito por você mesmo, como ajudar em casa ou em outros lugares.”

Nayara Gomes, 16 anos. Junho/2015.

Relato 6:

“No meu primeiro dia de Sombra da Mata eu já fiquei muito feliz em participar, pois iria ajudar o meio ambiente. Na minha visão sobre o projeto, eu mudei bastante, pois não joga mais o lixo no chão. Aprendi a respeitar meus amigos, a ter paciência em tudo o que faço. O Sombra deve continuar para poder ensinar a todos que devemos cuidar do meio ambiente. E juntos podemos cuidar do planeta, isso toca o meu coração no Sombra.”

Wendrel Pereira, 15 anos. Junho/2015.

Relato 7:

“Aqui no Sombra aprendi diversas coisas que vou levar para a vida, como preservar, cuidar do meio ambiente agora para ter consequência boa na natureza depois. A aula de olhos vendados foi uma das melhores experiências que já fiz. O Sombra faz a gente ter um contato diferente com a natureza. Então posso dizer que o Sombra da Mata é uma família.”

Tatiane Brandão, 15 anos. Junho/2015

Relato 8:

“Eu faço ações em casa que eu aprendi aqui no projeto Sombra da Mata: lavar o pratos, fazer mudas de plantas, andar de ônibus, separar o lixo seco do orgânico, dar comida para minhocas e fazer meditação.”

Carlos Eduardo Silva, 14 anos. Junho/2015.

Relato 9:

“Aprendi várias coisas no projeto Sombra da Mata, minha visão de mundo mudou, aprendi que devemos cuidar mais do meio ambiente e separar o lixo e que não devemos jogar o lixo no chão. Temos que cuidar da natureza, aprendi a trabalhar em equipe.”

Danielli da Silva, 14 anos. Junho/2015.

Relato 10:

“Graças ao projeto SM eu aprendi a não jogar lixo no chão e sim no local adequado como o lixo seco e o orgânico, aprendi a reutilizar objetos, plantar árvores e meditar. Graças ao projeto vou querer me tornar ou um cientista, para poder criar substâncias ou máquinas para arrumar o nosso planeta ou astrônomo, para descobrir outro planeta e assim recomeçarmos uma nova civilização. O que toca o meu coração no Sombra é quando vejo que com nossa pequeníssima ajuda, ainda há esperança em nosso planeta. Um abraço!”

Charles Reis, 13 anos. Junho/2015.

Relato 11:

*“No Sombra da Mata,
Aprendi a ser uma ecologista nata.
Jogo o lixo orgânico no minhocário,
Para deixar o mundo menos precário.
Aprendi a amar o verde,
De barro é feita a parede.
Reciclo todo o meu lixo,
E trato a natureza com capricho.”*

Ana Joyce Amorim, 12 anos. Junho/2015.

Já por meio da tecnologia, na coleta de 2016, foram dadas dicas de habilidades técnicas sobre enquadramento, ângulo, perspectiva, foco e luz; além de como fazer o bom uso do celular, para que o mesmo gere aprendizagem, formação e comunicação, uma vez que é um recurso tão presente na vida dos jovens.

A partir de então, vinte e sete alunos tiraram fotografias livres e *selfies* (imagens de si mesmos) em que registravam em imagem a influência, a seu ver, do Projeto em suas vidas. Importante ressaltar que todos os alunos presentes realizaram a tarefa. Trouxeram seus pontos de vista, seus diferentes olhares, revelando a sua opinião e comprovando pelo registro fotográfico sobre o que havia tocado o seu coração no SM. Os três alunos que não tinham celular, usaram o do colega ou o de algum familiar.

O registro em fotografia (Figura 9) demonstrou alguma dificuldade por parte dos alunos, quando disseram ser muito complicado retratar uma ação verde em imagem. Mesmo assim, apesar de trazer menos quantidade de vezes em que as ações se realizavam, sendo no total 35, aumentou a evidência de que quanto mais se pratica uma ação, mais se multiplica e se replica a mesma porque fica incorporada aos hábitos, ou seja, mais tempo estava sendo dedicado às práticas ambientais que estimulam a mudança de comportamento. Os jovens vinham aprendendo a fazer ações ambientais positivas e se mostravam cada vez mais predispostos a realizá-las em outros locais na comunidade. Paulo Freire chamou esse fenômeno educativo em passagem da transformação da percepção para a transformação estrutural (Freire, 2013). Seria a tomada de consciência que se desdobra na ação transformadora da realidade.

Vale ressaltar que os jovens puderam enviar de uma a três fotos e poderiam ou não, ao enviar por *WhatsApp*, colocar legenda explicando. Aqueles que não legendaram a sua foto, o fizeram no encontro seguinte junto à educadora.

Mais da metade, precisamente 14 das imagens enviadas traziam os alunos plantando árvores, plantas ornamentais ou hortas em suas chácaras e uma parcela significativa, 7 jovens de 27 no total, enviaram imagens em que os mostravam em passeios e visitas técnicas realizadas no Projeto e encaradas por eles em suas legendas como oportunidade de inclusão cultural. Cinco jovens também protagonizaram ações de jogar o lixo no lugar adequado, inclusive guardando papeis de bala na mochila quando não viam lixeira por perto.

Algumas ações tiveram menos escala de aparição nas fotos, mas foram tão importantes quanto as que vieram em maior quantidade. Em 2016 alguns jovens continuaram a jogar o lixo orgânico em minhocários ou composteiras; creditaram ao Projeto a oportunidade de conseguir o primeiro emprego e da escolha profissional em faculdades e, algo inusitado foi a fotografia de uma gaiola vazia, representando a soltura do pássaro da família a partir do aprendizado sobre cuidados com animais no SM, ou seja, havia acontecido a quebra de padrões culturais ligados à domesticação de animais.

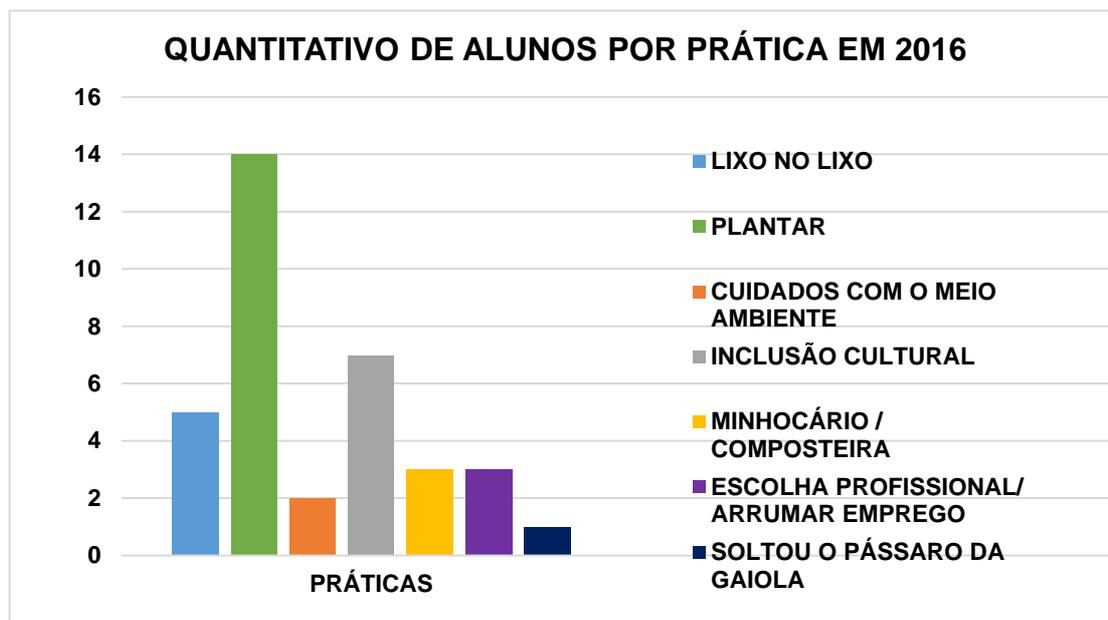


Figura 9 - Número de alunos por práticas registradas em fotografia em 2016.

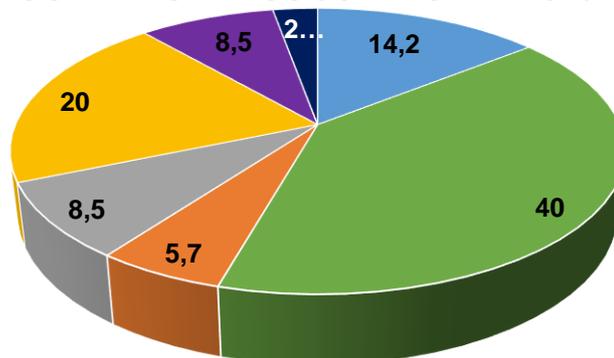
Seguindo o mesmo raciocínio de tabulação dos dados dos anos anteriores, em 2016 as sete práticas listadas pelos jovens no texto foram mencionadas trinta e cinco vezes como respostas (Figura 10), uma vez que cada aluno podia fotografar livremente sobre seu aprendizado e, por isso, incluir mais de uma prática.

Observam-se nas fotos o caráter singular na mudança de atitude de cada um e o veio criativo dos jovens nos cliques da tarefa. No momento em que se fotografaram nas ações, puderam rever e ressignificar seus pensamentos e práticas.

A figura abaixo demonstra que 40% das ações foram de plantio em suas casas, conduta disparada em 2016 em função de práticas iguais recorrentes ao longo do ano anterior; 20% foi de inclusão cultural, reverberando inclusive em passeios em grupinhos de fim de semana, independentemente do Projeto e ainda; 14,2% de ações relacionadas ao lixo, que ao longo dos três anos analisados manteve-se como uma ação norteadora, sendo uma espécie de prática matriz, que se desdobra em outras condutas, criando novos cenários.

A pessoa tem que ser o sujeito ativo da aprendizagem. O trabalho não pode ser mecânico, tem que ser internalizado. A conexão entre o afeto e o intelecto se desdobrará em processos simbólicos, que por sua vez, permitirá ao sujeito ser criativo em seu pensar e agir para, então, criar seus próprios sentidos subjetivos (Gonzalez Rey, 2005).

INFLUÊNCIAS PRÁTICAS REGISTRADAS EM FOTOGRAFIAS PELOS JOVENS ATÉ 2016



- LIXO NO LIXO
- PLANTAR
- CUIDAR DO MEIO AMBIENTE
- MINHOCÁRIO/COMPOSTEIRA
- INCLUSÃO CULTURAL
- ESCOLHA PROFISSIONAL/ARRUMAR EMPREGO
- SOLTOU O PÁSSARO DA GAIOLA

Figura 10 – Influências práticas registradas em fotografia pelos alunos e mais multiplicados em suas vidas até 2016.

O potencial criativo dessa linguagem artística está expresso nas imagens abaixo:

Imagem 91: “Eu consegui o primeiro emprego.” Aluna Vanessa



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 92: “Nós plantamos em casa.” Alunos: Kaiky e Caio.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 93: “Eu separo o lixo em casa.” Aluna: Nayara.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 94: “Eu uso um minhocário em casa”. Aluna: Adrielly



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 95: “Eu soltei a ave de casa.” Aluna: Emily.



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 96: “Eu planto em casa”. Aluna: Ana Joyce



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

Imagem 97: “Eu jogo o lixo na lixeira”. Aluna: Danielli



Fonte: Arquivo Sombra da Mata

O registro em vídeo como alternativa de mais uma coleta de dados realizada em 2017 foi outra opção que a pesquisadora decidiu lançar mão, uma vez que procurou obter várias maneiras de expressão jovem. Por isso, deu oportunidade aos alunos de se manifestarem criativamente. Houve ainda a preocupação de dar voz ao perfil de cada um, ou seja, aqueles que eram melhores na escrita puderam se colocar com mais destreza nessa forma de linguagem e outros que eram melhores de expressão oral puderam se expressar com desenvoltura no vídeo, garantindo assim que os estudantes ficassem à vontade com a pesquisa e pudessem agir o mais naturalmente possível.

A turma, na sua grande maioria demonstrou alguma timidez ao ser gravada em vídeo individualmente pela educadora. Mas essa seria mais uma alternativa de coleta diferenciada realizada ao longo de quatro anos, sendo uma por ano, em formatos distintos.

No total, 27 alunos participaram dessa coleta, sendo que foram levados a responder o que mais tocava o coração deles no Projeto e se levaram o aprendizado para casa. Mais da metade, 15, responderam ter incorporado o hábito de não jogar lixo no chão, guardando papéis e embalagens consigo até encontrar uma lixeira e ainda separá-lo em seco e molhado. Cuidar do meio ambiente, interpretado por eles como ter mais atenção com a natureza e os animais teve 12 ações confirmadas. Ter aprendido a respeitar as pessoas foi uma ação que conseguiu 10 indicações e 7 pessoas disseram plantar em casa, sendo árvores, hortas ou plantas ornamentais. Duas formas de viver apareceram também nos dados: ser perseverante e enxergar o mundo de forma diferente. Por fim, aprender a estudar, ter um objetivo e apoio à carreira profissional também apareceram na coleta, assim como a apreciação do aprendizado por meio de atividades divertidas. (Figura 11).

Constata-se que em vídeo, apesar da aparente dificuldade em se expressarem, os jovens puderam inclusive narrar práticas que não havia aparecido nas outras coletas, demonstrando-se assim, como um potente instrumento de coleta, pois ampliou o leque narrativo.

A educação ambiental praticada permitiu a descoberta e a utilização continuada de condutas ao longo de anos, não por meio de ações mecânicas, mas por meio de

conscientização e atuação individual e coletiva, tendo repercussões junto à comunidade. E aos poucos, os projetos de vida dos jovens eram influenciados por novos horizontes vivenciados no SM. A chave que despertava o interesse pela educação ambiental transformadora, revelando formas criativas de observar, participar e atuar era provavelmente força dialógica do Projeto. Os frutos desse diálogo foram responsáveis pelas construções empreendidas pelos jovens rumo à mudança de comportamento. Somente o diálogo implica um pensar crítico, que é capaz de gerar um agir responsável (Freire e Shor, 1987).



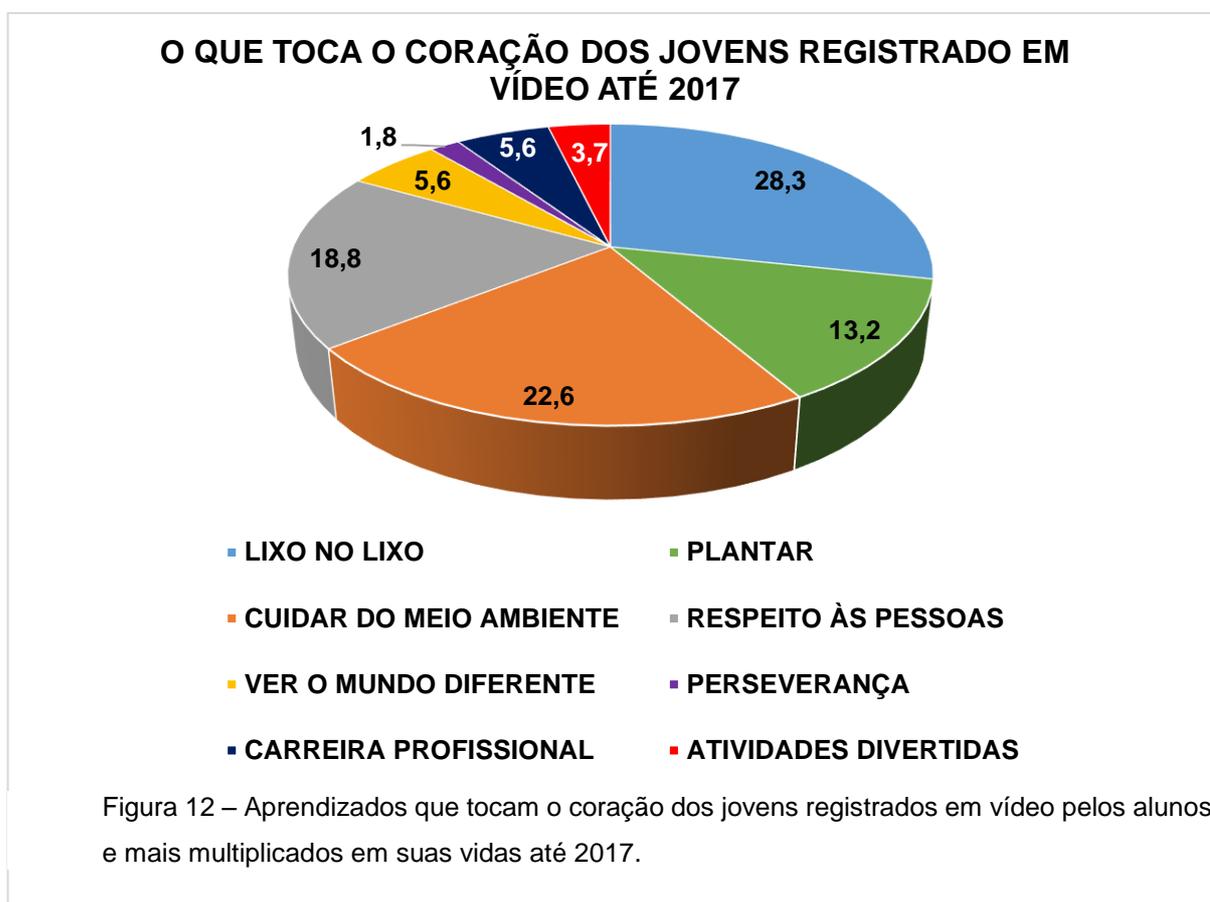
Seguindo a tabulação dos dados, as 8 práticas discursadas pelos jovens no vídeo foram mencionadas 53 vezes como respostas (Figura 12), uma vez que cada aluno podia optar por mais de uma prática. E conforme os anos de 2015 e 2016, no ano de 2017 não houve aluno que não tenha praticado algo verde. Somente em 2014 alguns alunos disseram não estar praticando.

E mais uma vez algumas práticas se repetiram, conforme se observa ao longo dos anos, sendo que nenhuma delas havia sido direcionada pela educadora, ou seja, os jovens a partir do que vivenciavam no Projeto escolhiam o que queriam levar para a vida. No geral, as práticas mais vivenciadas no Projeto, foram levadas para fora dele. E nesse último ano de coleta, houve uma estabilidade com maior peso entre três

ações, demonstrando que mais jovens multiplicavam mais práticas verdes. Ou seja, três ações foram mais vezes realizadas, mantendo-se no topo do gráfico.

Por exemplo, jogar o lixo na lixeira separada e guardar papeis e pequenas embalagens em bolsas até encontrar uma lixeira apareceu em 28,3% das práticas dos jovens em 2017. As outras duas ações em alta foram de cuidado com o meio ambiente obtendo 22,6% e de respeito às pessoas com 18,8% das citações. Outros dados consideráveis, com menos execuções, mas tão importantes quanto as de maior espectro, foram ações de plantio com 13,2%; o aprendizado de ver o mundo de forma diferente com 5,6%; apoio aos estudos e carreira profissional com 5,6%; aprendizado nas atividades divertidas com 3,7% e o aprendizado da perseverança com 1,8% das práticas que tocaram o coração dos jovens e por isso foram multiplicadas em suas vidas.

Cabe nessa análise a reflexão de Gonzalez (2006) quando explica que a produção de sentidos a partir de processos simbólicos e emocionais pode empreender novos caminhos dentro da subjetividade.



Conforme mencionado anteriormente, a pesquisadora propositadamente optou por realizar coletas anuais ao longo de quatro anos, com perguntas semelhantes, em linguagens diferentes no intuito de analisar a frequência das ações verdes, em termos de quantidade de práticas, bem como a qualidade das intervenções dos jovens no meio ambiente externo ao Projeto. A cada ano, manteve o padrão em mostrar na interpretação do material coletado, dois gráficos: um que indicava o número de sujeitos por prática e o outro que elucidava a proporção de cada prática realizada dentro do universo de ações multiplicadas pelos sujeitos, ou seja, trazia o peso, a frequência das práticas realizadas por eles. A intenção era poder traçar os dois quadros comparativos a seguir, sobre os sujeitos e suas práticas.

A figura (Figura 13) abaixo traz o comparativo do quantitativo de alunos por ações realizadas, mais citadas entre os anos de 2014 a 2017:

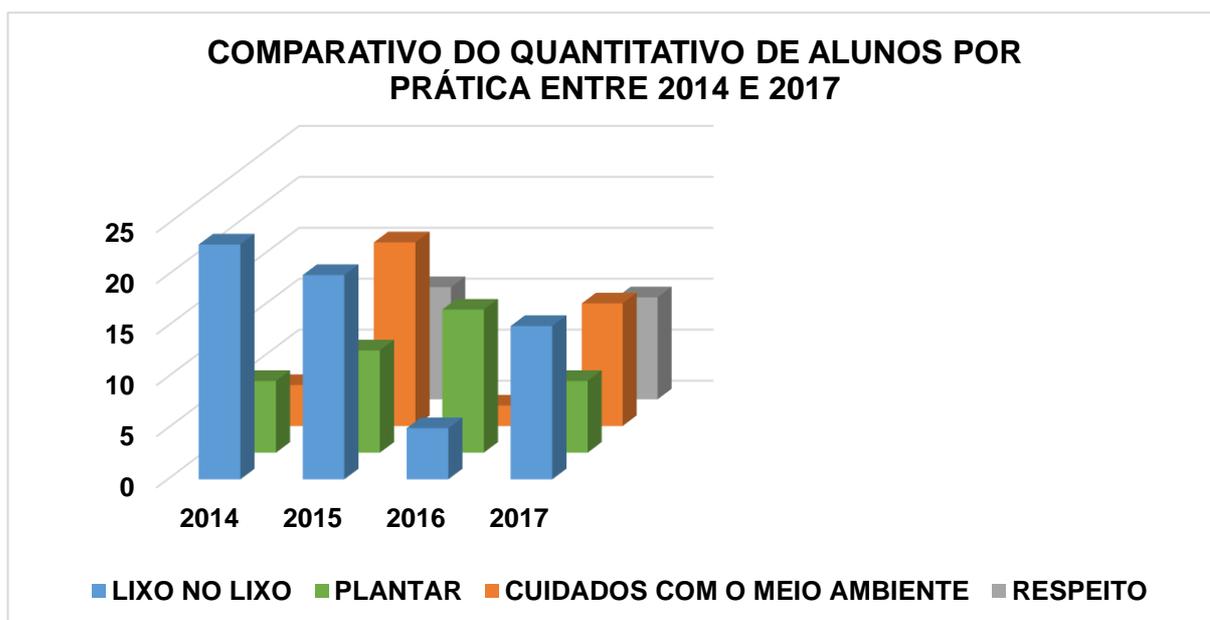


Figura 13 – Gráfico comparativo do quantitativo de alunos por ação desenvolvida ao longo de quatro anos.

De acordo com os dados comparados entre os anos, a ação mais realizada pelos jovens foi referente ao lixo, tanto guardá-lo em bolsas ou bolsos, como jogá-lo na lixeira e separá-lo em seco e molhado. Os alunos mencionaram que essa ação em especial, guardar o lixo consigo até encontrar uma lixeira era fácil de ser executada

porque dependia somente deles e não de outras pessoas, ou seja, não era preciso solicitar autorização ou concordância da família para realizá-la, como era o caso de outras práticas que dependiam dessa anuência, como, por exemplo, plantar em suas chácaras.

O mesmo raciocínio aconteceu para o item sobre respeitar mais as pessoas, que dependia exclusivamente da realização individual. Nos dois anos em que essa ação apareceu na coleta, foi sempre muito praticada pelos sujeitos, mantendo-se em alta no gráfico. Esse item englobava, de acordo com as explicações dos alunos, ter mais amizades, brigar menos e dialogar mais. Somente em dois anos essa ação apareceu nos achados, mas foi tão citada no texto de 2015 e no vídeo de 2017 que, mesmo não estando presente nos discursos nos dois outros anos, permaneceu no quadro comparativo. Considera-se também que em 2015 e 2017 quando mencionaram sobre o respeito, o tipo de coleta favoreceu o aparecimento dessa atitude, que foi em 2015 o texto livre e em 2017 o vídeo.

O item sobre a prática de plantio de árvores, hortas orgânicas e hortas medicinais apareceu em todos os anos com certa estabilidade, sendo que o ano de 2016 teve um reflexo positivo nessa prática em virtude de as aulas do Projeto terem focado muito em atividades de campo, especialmente na comunidade.

A ação de cuidados com o meio ambiente, de acordo com a percepção dos jovens, envolveu o cuidar da natureza e dos animais e apareceu de maneira geral, quando não especificavam detalhes em seus discursos. Houve dois anos em que mais sujeitos praticaram essa ação, 2015 e 2017. Acredita-se que os tipos de práticas realizadas no Projeto nesses dois anos podem ter influenciado na aparição maior dessa ação ao longo desse tempo. Em 2015 os jovens foram muito estimulados em executar ações em favor do meio ambiente quando realizaram a Caravana Permacultural nas famílias e em 2017 houve o foco em empreendedorismo e protagonismo juvenil quando ajudaram inclusive a planejar as atividades. Esse formato pedagógico pode ter auxiliado na tomada de determinadas atitudes nesses anos.

A construção do conhecimento através da motivação, engajamento, participação e atitude colaborativa em aulas focadas na educação ao ar livre predis põem ao realizar (Dohme, 2002).

A figura seguinte (Figura 14) demonstra dentre as ações mais praticadas pelos jovens, qual o peso, a importância no conjunto de todas elas.

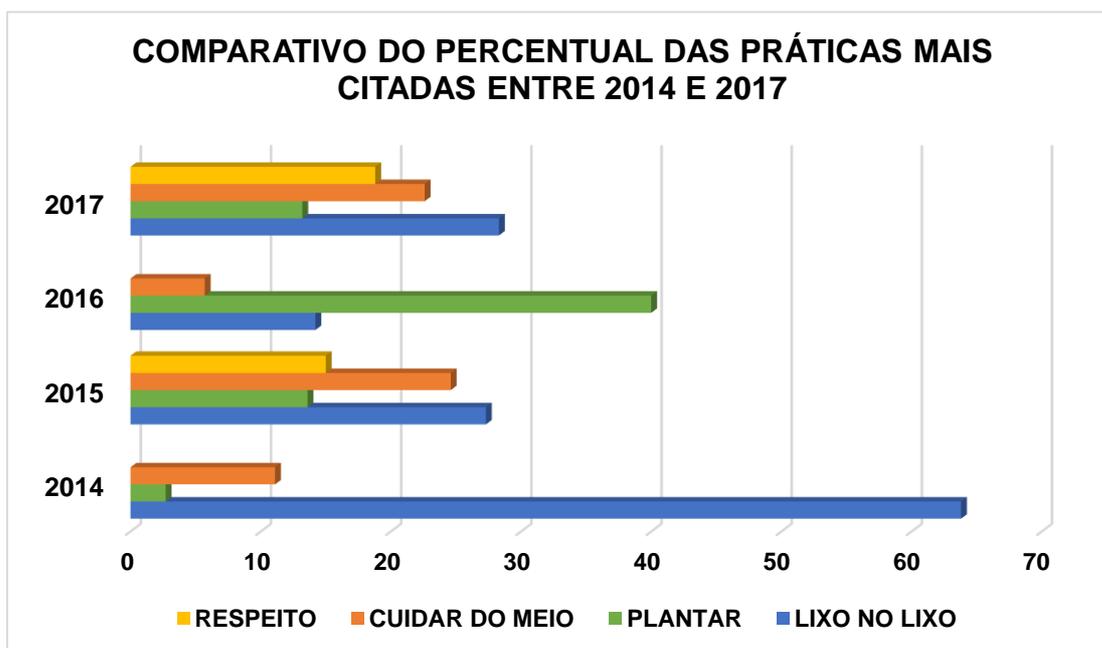


Figura 14 - Gráfico comparativo do percentual das quatro ações mais desenvolvidas pelos jovens ao longo de quatro anos.

O gráfico expressa em percentual a importância dada pelos jovens de cada uma das quatro ações mais realizadas por eles ao longo dos quatro anos comparados, no conjunto de práticas citadas. Assim, jogar o lixo na lixeira representou em 2014, em torno de 65% das escolhas de práticas. Isso reflete bem a tônica das oficinas de separação de resíduos acontecidas na época. Outra resposta com um peso maior, foi plantar, especialmente em 2016, devido ao incentivo dessa prática do ano anterior.

Os achados foram problematizados em uma dinâmica transformadora de educação, que se baseia na hipótese de que a eficiência da educação ambiental em processos não formais na configuração de hábitos ambientalmente mais aceitáveis, também chamados de hábitos verdes, é favorecida, se à educação forem somadas

atividades práticas contínuas, duradouras e participativas, em que o jovem se torne protagonista do seu aprendizado e de suas ações.

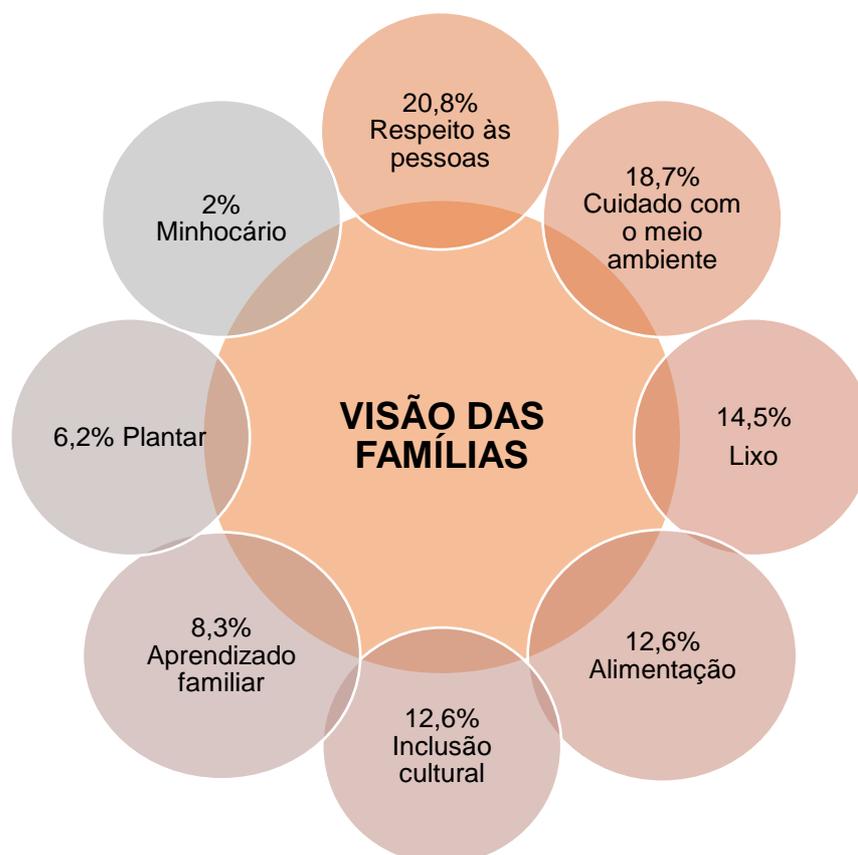


Figura 15 – Opinião dos responsáveis sobre o aprendizado dos seus filhos no Projeto.

Foi bastante oportuno para a pesquisa a proximidade que o Projeto tinha junto às famílias, uma vez que sempre procurou trabalhar de forma coletiva e comunitária, compartilhando os acertos e os erros, além do planejamento ao longo do processo.

Assim, em julho de 2016, foi realizada uma roda de conversa com os responsáveis dos alunos. Eram 20 mães, avós, tias, pais e padrastos sentados na sombra da árvore de jamelão para conversarem primeiramente todos juntos e depois individualmente sobre qual havia sido o aprendizado dos seus filhos, sobrinhos, netos e enteados ao longo dos anos no SM; o que eles haviam levado para casa; o que os fazia diferentes a partir daquela experiência de ser aluno do Projeto; qual era a importância ou a influência do Sombra para sua família; porque rematriculam seus entes queridos todo ano e o que o Projeto trazia de diferente. Na verdade, a intenção da roda era esquentar o pensamento e o coração, deixar as famílias mais à vontade

para falar na frente da filmadora, que seria a coleta de dados feita individualmente de cada representante familiar.

Feito isso, em ordem escolhida por eles, cada um se deslocou para o “paredão”, conforme descreveram o momento, para falar sobre o Projeto, seus filhos e suas famílias em vídeo. A intenção era captar um pouco da visão deles sobre as atividades, sobre o aprendizado dos filhos na versão dos responsáveis, saber a opinião das famílias para se ter uma ideia do alcance educativo e ambiental do SM. De 20 responsáveis que participaram, houve citação de 48 práticas. A figura acima (Figura 15) valida o depoimento realizado.

Importante ressaltar que os responsáveis que participaram desse momento de coleta de dados não tiveram acesso ao material coletado junto aos alunos. E mesmo assim, apareceram no depoimento das famílias as mesmas ações que o jovens haviam narrado, demonstrando que o mesmo leque de condutas verdes eram validadas pelos adultos, identificando a vantagem pedagógica de aprender fazendo, pois reverbera em multiplicação do trabalho para além dos muros do Projeto, para junto das famílias e da comunidade.

Constatou-se que para os familiares dos alunos, aprender a respeitar as pessoas foi a ação mais levada para casa, sendo detalhada por saber dialogar em casa, melhorar a timidez, além de construir boas amizades. O cuidado com o meio também foi especificado pelos pais como zelar pela natureza e ter mais atenção com os animais. Essa prática ficou em segundo lugar como aprendizado no critério dos pais. A importância de aprender a jogar o lixo no lixo e a separá-lo foi outra questão de relevância.

Por sua vez, um novo item apareceu na coleta, que foi, na visão dos responsáveis, os alunos terem aprendido a se alimentar melhor, passando a incluir legumes, verduras e frutas no cardápio. O Projeto trouxe ao longo dos anos, receitas saudáveis e diferentes no cardápio, que a turma não conhecia. Para tanto, existiu um estímulo muito grande da educadora em sugerir aos alunos que experimentassem determinado alimento até três vezes para saberem se realmente gostavam. Outro catalizador de melhorias na alimentação foram as ações de plantio, na própria horta orgânica e de cheiros do Projeto, em que os alunos dedicaram um grande esforço

coletivo para a colheita de verduras, principalmente as que eles haviam plantado. Essa ação pedagógica reverberou em atitudes positivas alimentares enxergadas pelos familiares.

A inclusão cultural, entre passeios e visitas técnicas também ganhou atenção como elemento influenciador do SM. Uma parcela significativa, 8,3% dos vinte familiares que gravaram o depoimento em vídeo disseram ainda que o Projeto gerou aprendizado para a família toda, que todos se influenciaram e tiveram ganhos em participar das atividades. Por fim, plantar e fazer um minhocário em casa também foram ações citadas como de relevância pelos pais.

Os professores e os auxiliares de educação das escolas parceiras realizaram algumas visitas guiadas ao SM entre 2013 e 2016, ora em grupos só de educadores, ora com seus alunos que não eram matriculados no Projeto.

Nesses momentos, a educadora sempre aproveitava para que experimentassem um pouco do processo dialógico e emancipatório que costumava fazer com os estudantes do Sombra. Para isso, a seu ver, a visita nunca era somente para conhecer as alternativas sustentáveis naquele laboratório vivo de práticas verdes, mas uma oportunidade deles vivenciarem um pouco das atividades, então eram feitas dinâmicas e oficinas junto a esses novos grupos visitantes. Era ainda uma chance de mais famílias conhecerem o Projeto por meio da motivação dos seus filhos pela visita e então se matriculem.

E toda visita começava com a ciranda de Dona Ivone Lara:

“Foram me chamar, eu estou aqui, o que é que há.

Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho,

Alguém me avisou para pisar nesse chão devagarinho.”

Era uma forma didática de começar o assunto de pegada ecológica, em que se analisava com o grupo o impacto da ocupação de cada um, reforçando as possíveis contribuições pessoais para a sustentabilidade.

Com isso, dava-se início ao tour ecopedagógico e mini oficinas de educação ambiental ao ar livre pelo sítio por entre as estações construídas em sua grande maioria em formato de mutirão, com os alunos e suas famílias. O que ficava mais claro

aos professores era o sentido pedagógico de aprender fazendo, tão comentados por seus alunos frequentadores do SM.

A primeira parada da visita era na ecoteca, pois representava a pedra fundamental do local contendo a ideia de trabalho coletivo, de reaproveitamento de material, de aproveitamento da luz natural, sem gasto de energia, de espaço acolhedor, funcional e estético. Seguindo pela fossa ecológica para águas negras, que continham descarga, chamado de tanque de evapotranspiração, em que o descarte dessas águas não chega no lençol freático, se mantém dentro da fossa, que é totalmente vedada nas laterais e no fundo.

Os espaços externos de convivência também eram referência na visita: a horta orgânica mandala feita com bordas de garrafa de plástico; a horta medicinal em formato de espiral, com as ervas que se usa na cantina; o minhocário escolar, feito em recipiente reutilizado de caixa d'água, colocado estrategicamente ao lado de onde fica o refeitório adaptado para que as pessoas se sintam estimuladas a colocar os resíduos orgânicos dentro para serem transformados em adubo; a arquibancada e o banco de barro feito pelos alunos com material da região e técnicas de baixo impacto na natureza; o parquinho de madeira e ferro com detalhes de manutenção com material mais ecológico; a organização dos espaços de secretaria, depósito, cantina, despensa e sala de dança; o viveiro de germinação de sementes e crescimento de mudas nativas de cerrado e frutíferas; a roda d'água que bombeia água pela força da gravidade para a ecoteca e; a agrofloresta e as áreas de reflorestamento.

Por fim, sempre se organizava a visita para haver a possibilidade de se realizar ao longo do tempo uma oficina rápida de separação de resíduos ou de plantio de reflorestamento se acontecesse na época das chuvas ou de trilha sensorial na mata, sempre a depender da demanda trazida pela Escola parceira.

Em uma das visitas de professores e auxiliares de educação, em 2016, a educadora aproveitou para coletar dados sobre a visão deles sobre o Projeto Sombra da Mata. Pediu que cada um que pudesse colaborar, fizesse uma produção textual sobre a influência do SM na vida dos alunos participantes do Projeto, sobre o que eles consideravam que os estudantes do Sombra traziam de diferente. No total, nove educadores e dois auxiliares de educação entregaram seus textos com a visão que

tinham sobre o aprendizado dos alunos do Sombra para a vida. Nos 11 textos foram encontrados 08 aprendizados diferentes que apareceram 41 vezes (Figura 16).



Figura 16 – Opinião dos professores e dos auxiliares de educação das escolas parceiras sobre a influência do Projeto na vida dos alunos.

O peso maior na visão deles foi dado às ações multiplicadas pelos alunos, de cuidados com o meio ambiente no geral, exemplificadas como economia de água, organização de brinquedos e materiais de uso coletivo, menos prática de jogar fogo no mato, menos desperdício de alimento e cuidados com os animais e com a natureza de forma mais ampla.

A mudança de hábitos e de atitudes apareceu também com grande força, quando disseram que os alunos do SM agiam com mais responsabilidade nos espaços de atuação da escola e de casa. O hábito de jogar o lixo no lixo foi trazido com 17% da frequência de práticas desenvolvidas. 9,7% disseram ainda que os alunos do Sombra eram mais conscientes ambientalmente falando do que aqueles que não frequentavam o Projeto. O respeito pelas pessoas também foi citado pelos educadores e auxiliares como um diferencial dos alunos, seguidos, com igual peso,

pelos cuidados com o minhocário e o plantio na horta da escola. Por fim, alguns mencionaram que os alunos que frequentavam o Projeto eram pessoas mais alegres.

Seguem alguns relatos de educadores:

Relato 1:

“Acompanho há 04 anos os alunos que participam do Projeto socioambiental Sombra da Mata e dá para observar a diferença de comportamento e atitudes em relação a, por exemplo, os alunos de outras escolas públicas onde atuei, tais como:

1 Eles são amigos dos animais. Jamais vi um aluno do Projeto atirar pedras em passarinhos, lagartixas ou outros animais no ambiente da Escola.

2 Gostam de participar das atividades do Projeto da horta, do minhocário e todas as atividades de educação ambiental.

3 Nunca jogam o lixo dentro do ônibus escolar, nem pelas janelas deste quando realizamos passeios ou aulas fora da Escola.

4 Enfim, são meninos tranquilos e mais educados e solidários em relação aos outros alunos das muitas escolas em que atuei ao longo destes 31 anos de magistério, no Gama.”

Professor Orlando Dias. Julho/2016

Relato 2:

“A participação no Projeto Sombra da Mata possibilitou aos nossos alunos adquirirem maior compreensão acerca do seu comportamento com o meio ambiente e da sua responsabilidade sobre os espaços de atuação (escola x casa). Aqui na Escola os alunos estão constantemente apontando os equívocos de outros colegas, que não participam deste Projeto, quanto ao descarte dos lixos: seco/orgânico, no cuidado com a fauna e flora e consumo consciente. Os ganhos acadêmicos são infinitamente indescritíveis.”

Vice Diretora e Professora Gracilane Amorim. Julho/2016.

Relato 3:

“O Projeto Sombra da Mata influencia positivamente para vida dos alunos participantes, pois têm hábitos visivelmente mais respeitosos com a natureza. Na Escola e em saídas de campo os alunos participantes são cuidadosos com o lixo, que não é jogado no ônibus, nem fora dele. São receptivos a propostas pedagógicas relacionadas ao meio ambiente. Certamente a participação dos alunos no Projeto faz e fará diferença em suas consciências ambientais e de seus familiares.”

Professora Maria do Rosário Alves. Julho/2016.

Relato 4:

“O Sombra da Mata exerce uma grande influência na postura dos alunos diante de questões como limpeza do ambiente escolar, não jogando papel de bala no chão e sim na lixeira e no não desperdício da água. Isso traz grandes ganhos na educação dos estudantes no que se refere aos temas ambientais. O Sombra da Mata traz muita contribuição para o nosso trabalho. A Escola e o Sombra da Mata se complementam nas questões de preservação ambiental. Os alunos ensinam os colegas que não participam do Projeto, alertam a família e quando é discutido em sala de aula os assuntos de preservação ambiental, eles já têm um conhecimento prévio bastante avançado.”

Professor Leandro Sales. Julho/2016.

Relato 5:

“Começarei a falar

Com muita satisfação

Pois observo a mudança

Nos hábitos e na educação

Dos alunos que participam

Dessa amorosa ação!

Quando produzem lixo

Já não jogam mais no chão

Quando há desperdício de água

Logo irão dizer não!

Do minhocário e da horta

Cuidam com carinho e atenção.

*À você querida Kika
A nossa eterna gratidão
Por seu imenso amor
Às crianças e à educação
Pois levarão para a vida
Experiência e lição!"*

Professora Maria da Guia Ribeiro. Julho/2016.

Apesar de muitos dados serem quantitativos, o olhar qualitativo deve ser considerado nessa análise quando o maior ganho verificado foi o movimento do aprendizado do fazer ter sido levado para fora do ambiente do Projeto, ganhando expressão e nova forma em nível individual, familiar e coletivo, cada um agindo de acordo com sua realidade, ressignificando-a.

Assim, as ações mais importantes serão aquelas em que forem incorporadas no cotidiano para que, em momento oportuno, possam ser ressignificadas e modificadas por algo mais adequado para determinado tempo e cultura social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos achados nessa pesquisa, pôde-se constatar que pode haver contribuição da educação ambiental ao ar livre para a adoção de práticas verdes, para a mudança do discurso à prática, da intenção para o gesto, desde que se mantenha a capacidade do processo de ensino-aprendizagem de ser gerador de sujeitos críticos e criativos, portanto, autônomos. Assim, essa ação educativa, sendo motivadora de novos significados e emoções, pode redefinir o sujeito para novas práticas sociais.

De acordo com Boaventura (2010), não bastam novos saberes, é preciso que os sujeitos se reconheçam neles para então se reinventar pelo fazer. O sujeito está sempre associado ao social, para que possa ser um agente de desenvolvimento social, sujeito criador, que deseje.

Por meio da diversidade de ações verdes realizadas ao longo dos anos de pesquisa, um dos elementos facilitadores do aprendizado foi a abertura para que os jovens desejassem o que queriam aprender, fossem protagonistas do saber e do fazer. O desafio foi como transformar o eu em nós para gerar uma identidade coletiva que dialogasse com as singularidades de cada indivíduo. Nesse sentido, uma educação ambiental emancipadora transita pelo imaginário das pessoas, balanceando os pontos em comum, coletivos, sem deixar de lado a singularidade dos indivíduos.

Morin (2007) corrobora esse pressuposto quando afirma que o que é tecido em conjunto, religa o que está disperso. E para que a coletividade não danifique a singularidade humana, o processo dialógico em educação restaura a esperança no improvável, desperta novamente a capacidade geradora, criativa.

A pessoa tem que ser o sujeito ativo da aprendizagem. A conexão entre o afeto e o intelecto se desdobrará em processos simbólicos, que por sua vez, permitirá ao sujeito ser criativo em seu pensar e agir para, então, criar seus próprios sentidos subjetivos. Nessa perspectiva, o aprender passa a ser produtivo e não reprodutivo, pois o lugar da ideia e do pensamento é respeitado, podendo-se dar lugar à inovação, à criatividade.

Boaventura (2010) diz que precisamos dar voz ao senso comum para permitir o diálogo de saberes. Sendo assim, estaríamos olhando para o lado ético (solidariedade), o lado político (participação) e o lado estético (reencantamento), causadores da emancipação.

Somente indo ao encontro da realidade que as ações sistemáticas e complexas terão um papel ativo e criativo para a mudança de atitude. Isso sim produzirá a diferença. É preciso lembrar que a forma com a qual o brasileiro lida com o meio ambiente é também social, cultural, econômica e política. Afinal, os temas ambientais estão na economia, na educação, na ciência, na crise de energia e de água, ou seja, em nossa cultura.

A execução de práticas educativas ambientais contínuas pode gerar mudança significativa no quadro cultural ambiental brasileiro, acelerando o processo de formação do sujeito ecológico coletivo que pratica o verde e produz com isso, a transformação social. Seria o que Paulo Freire (2013) considera quando reforça que o conhecimento implica em uma postura curiosa, inovadora e inventiva do sujeito em relação ao mundo e sua ação transformadora sobre a realidade gira em torno da tríade homem-natureza-cultura em determinado período histórico.

Esse mesmo sujeito ecológico, de acordo com Carvalho (2008) agirá no âmbito privado e público; individual e coletivo por meio de práticas verdes, compreendendo as relações entre sociedade e natureza, sendo capaz de identificar, problematizar e agir dentro de uma perspectiva socioambiental.

Auxiliar um indivíduo para que se torne sujeito da aprendizagem exige da educação um desafio de encarar a sua singularidade, sua complexidade, evidenciando a interdependência social – individual. Dessa forma, a educação ambiental ao ar livre poderá ser um instrumento de mudança social.

A história do Projeto Sombra da Mata demonstra que o salto qualitativo pode estar na prática dialógica, na manutenção do veio criativo e empreendedor, curioso e inventivo do indivíduo jovem. O sujeito que aprende precisa ser protagonista de processos transformadores, despadronizados e únicos. Nessa perspectiva, o aprender passa a ser produtivo e não reprodutivo, pois o lugar da ideia e do

pensamento é respeitado, dando-se lugar à prática e à atitude, geradoras de mudança social.

Portanto, não basta ter consciência ambiental para mudar as práticas do dia a dia, é preciso aprender a fazer, começar praticando, exercitando a mudança a partir de temas geradores carregados de conteúdos sociais com significado concreto para a vida dos educandos (Tozoni-Reis, 2006).

É necessário construir o conhecimento prático por meio de práticas, de vivências contextualizadas. Só assim o educando se torna sujeito social, responsável por suas escolhas, agora emancipados e autônomos. Não é somente repetição de gestos e condutas, mas o entendimento da importância delas no contexto da mudança, assim como do por que e como fazê-la.

Cada gesto humano está arraigado de crenças e reflexões. E cada conduta precisa ser consciente da complexidade da natureza. Portanto, cada atitude tem repercussão sobre todo o planeta. Uma atitude ecológica significa “identificar e compreender os problemas ambientais, mobilizar-se e, comprometer-se com a tomada de decisões, entendendo o ambiente como uma rede de relações entre sociedade e natureza” (Carvalho, 2008 p. 181).

De maneira geral, a mudança acontece em algumas fases que englobam a compreensão dos inconvenientes que a antiga conduta acarreta; a vontade de mudar; o conhecimento e a informação sobre outros hábitos a motivação e o estabelecimento de uma nova forma de agir (Moutinho e Roazzi, 2010).

A proposta, que foi compreender junto aos alunos jovens do Projeto Sombra da Mata que “respiram” e exercitam, há doze anos, educação ambiental, por meio de atividades práticas e teóricas em oficinas e vivências, ao que tudo indica, reverberou em conscientização ambiental e incorporação de novas atitudes. Os dados coletados e analisados nos permitem observar que jovens transformaram intenções em hábitos; preferências em ações dentro e fora do Projeto.

Diante disso, o processo de educação ambiental crítico e emancipatório vivenciado no SM mostrou-se como uma possibilidade de ser um catalisador de mudança social.

“A educação ambiental crítica poderia ser sintetizada na intenção de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas” *Carvalho (2008 p. 156)*.

Nesse movimento em que se somam as vivências realizadas no Projeto aos processos participativos e construções coletivas, criam-se janelas de oportunidades para que os princípios da educação ambiental possam ser incorporados pelos jovens em suas ações cotidianas. Afinal o curso dessa pesquisa revelou as possibilidades críticas e criativas que a interação entre educação ambiental e juventude têm a oferecer.

Um caminho para alcançar a construção de um pensamento crítico e complexo associado a uma atuação criativa e autônoma pode ser a educação ambiental ao ar livre porque permite aos indivíduos se conscientizar, se motivar, agir, mudar e se emancipar. E aos poucos, em determinado tempo e cultura, realizarem rupturas necessárias e permanências vindouras, podendo-se adquirir um entendimento verdadeiro do lugar que ocupam nesse mundo, implicado no fazer histórico-cultural.

Esse mundo precisa de pessoas sistêmicas, atentas às mudanças necessárias porque estão em um processo de aprendizagem permanente, que afirma valores e ações que contribuam para as transformações socioambientais e de todas as esferas da vida por meio de responsabilidade individual e coletiva, local e global (Tozoni-Reis, 2006).

O resultado dessa experiência não é simples de ser mensurado porque as transformações pessoais e sociais continuarão a acontecer por tempo indeterminado, já que a educação praticada foi participativa e emancipatória, garantindo autonomia dos educandos no processo de aprendizagem.

Eles provavelmente seguirão praticando e mudando suas práticas cotidianamente porque aprenderam a despertar o sentimento de identidade, de pertencimento e de comunidade. Esse aprendizado significa motivar o olhar crítico e criar espaços de diálogo na comunidade sempre com a percepção de que a questão ambiental perpassa todas as outras esferas, é também social, econômica, cultural, histórica e política.

Estar presente nesse papel cidadão como juventude problematizadora e protagonizadora de ações verdes é uma atividade-meio e não um fim. Dessa forma, a construção do caminho será menos linear, mais sinuoso e complexo, mas imprimirá o novo a cada tempo vivido.

Fica claro que esse é um campo fértil de estudo, cheio de questões a serem aprofundadas para que apareçam outras possibilidades. Os elementos problematizados nessa pesquisa poderiam ter sido trilhados de outra maneira, que certamente trariam outras revelações. Considera-se que diferentes alternativas significam acrescentar diversos e importantes olhares para a continuidade dessa pesquisa.

Não há como encerrar essa pesquisa sem reencontrá-la, eu preciso dialogar um pouco mais com aquela educadora, porque ela sou eu em terceira pessoa...

Como era preciso, na cabeça e no meu coração, reformular a educação ambiental para se ter o prazer de aprender e ensinar ações verdes, fiz essa tentativa amorosamente. E a equação entre diálogo, descoberta e aprendizado pelo fazer deu o resultado final de inclusão socioambiental nesse lindo Projeto de vida.

Para mim, continuar a ver o Projeto crescer é dar cada vez mais voz aos jovens, pois dentro de práticas criativas afloram vivências emancipatórias. Os pilares fundamentais da educação que pratico há tantos anos como o diálogo, a autonomia e o fazer me erguem e me conduzem para seguir adiante, são atemporais. Isso ultrapassará o tempo porque são aprendizados eternos para mim e para eles.

E assim vou seguir, doando e recebendo muito porque experimento o melhor de mim quando estou perto da minha moçada iluminada do Sombra da Mata, agora intitulado, para sempre, Luz da Mata!

REFERÊNCIAS

- ALEMANY, C. **Parabéns pelo seu projeto**. Cotia/SO: Vergara&Riba Editoras, 2005.
- AQUINO, Adriana Maria de e ASSIS, Renato Linhares (editores técnicos). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.
- BARBIER, R. **A pesquisa-Ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- BEHR, Nicolas. **Iniciação à dendrolatria**. Brasília: Brasília Editora, 2011.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008 (4ª ed.).
- CORNELL, Joseph. **Bincar e aprender com a natureza: guia de atividades infantis para pais e monitores**. São Paulo: Melhoramentos e Senac, 1996.
- DIAS, Genebaldo Freire. **40 contribuições pessoais para a sustentabilidade**. São Paulo: Gaia, 2005.
- DOHME, Vania e DOHME, Walter. **Ensinando a criança a amar a natureza**. São Paulo: Informal Editora, 2002.
- FREIRE Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (17ª ed.).

GONZÁLEZ REY, F. O sujeito que aprende – Desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na Psicologia e na prática pedagógica. In Maria Carmen Tacca (org) **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2006. (p. 29 – 43).

GONZÁLEZ REY, F. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: Fernando González Rey (org) **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thompson, 2005. (p. 27 – 51).

GUTIÉRREZ, F e PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Cortez, 2000 (6ª ed.).

INÁCIO, Caio de Teves Inácio e MILLER, Paul Richard Momsen. **Compostagem: ciência e prática para a gestão de resíduos orgânicos**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2009.

JACKSON, Hildur and SVENSSON, Karen. **Ecovillage Living: restoring the Earth and her people**. Devon: Green Books and Gaia Trust: 2002.

KNAPP, Clifford E. **Just beyond the classroom: community adventures for interdisciplinary learning**. West Virginia: Eric, 1996.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo: Antroposófica. 1998 (6ª ed.).

LAYRARGUES, P. P. A. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema gerador ou atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFF, E. (coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEGAN, Lucia. **A Escola Sustentável: ecoalfabetizando pelo meio ambiente**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Pirenópolis/GO: Ecocentro Ipec, 2007 (2ª ed.).

LENGEN, Johan Van. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto. Rio de Janeiro: Tibá, 2004.

MOLLISON, Bill and SLAY, Reny Mia. **Introduction to Permaculture**. Tasmania: Tagari Publications, 2000.

MOLLISON, B. **Permaculture: a designer's manual**. Austrália: Tagari, 1999.

MOUTINHO, Karina e ROAZZI, Antonio. **As teorias da ação racional e da ação planejada: relações entre intenções e comportamentos**. Revista Avaliação Psicológica, 2010, 9(2), pp. 279-287. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000200012. Acesso em: 18/04/2018 23:15h.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011 (4ª ed.)

OLIVEIRA, F. Brasileiro de. **Sistema integrado de criação de minhocas: criação de manejo agroecológico: manual de instrução**. Brasília: Sebrae/Projeto solo é vida, 2005.

PATO, Claudia e TAMAYO, Álvaro. **A escala do comportamento ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida**. Brasília: Estudos de Psicologia, 2006.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, B. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista crítica de ciências sociais, outubro de 2002.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010 (7ª ed.).

SOUZA, Jacimar Luiz de e RESENDE, Patrícia. **Manual de horticultura orgânica**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

SOUZA, Ruth Helena Oliveira e RIBEIRO, Roberta de Oliveira. **Faça seu mundo melhor**. Rio de Janeiro: Fazendo seu mundo melhor, 2011.

SUZUKI, D. **The sacred balance**. Austrália: Allen & Unwin, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Compartilhando saberes: pesquisa e ação educativa ambiental.** In: Luiz Antônio Ferraro-Júnior. (Org.). Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. 1a ed. Brasília - DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, v. 01, p. 267-276.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Temas ambientais como “temas geradores”:** **contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória.** Educar em Revista, n. 27, p. 93-110, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/6467/4656>. 20/04/2018 11:13h.

TRISTÃO, Martha. **Tecendo os fios da educação ambiental: o sujeito e o coletivo, o pensado e o vivido.** São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, 2005 (p. 251-264).

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

WESTBROOK, Robert B. **John Dewey.** In: Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

<http://adriana-cavalheiro.blogspot.com.br/2012/09/> 26/04/2018 10:56h

<https://metodologiasinergicas.wordpress.com/2012/06/17/dragon-dreaming/>

20/04/2018 22:56h

<http://www.buscaescolar.com/sociologia/cidadania/> 11/03/2018 12:45h

<http://www.dragondreaming.org/> 20/04/2018 23:40h

<https://www.facebook.com/tuliparuizoficial/videos/1427070674018022/> 27/04/2018 08:13h

<https://www.letras.mus.br/claudiney-prieto/1743572/> 18/04/2018 18:23h

<https://www.lettras.mus.br/marcelo-d2/voce-diz-que-o-amor-nao-doi/>

23/09/2017

15:31h

<https://www.lettras.mus.br/maria-bethania/164667/> 27/07/2017 20:54h

<https://www.lettras.mus.br/mc-garden/isso-e-brasil/> 24/06/2017 19:53h

<https://www.lettras.mus.br/walter-franco/173503/> 14/08/2017 14:22h

<https://www.pensador.com/frase/MTAyMDIxMA/> 27/04/2018 07:12h

<https://www.pensador.com/frase/MzcxMA/> 03/03/2018 14:52h

<https://www.pensador.com/frase/MzgyNjA/> 10/02/2016 21:17h

<https://www.pensador.com/frase/NTI2NzQ3/> 22/01/2017 12:45h

<https://www.pensador.com/frase/OTMxMDg5/> 30/05/2017 16:25h

https://www.pensador.com/seja_a_mudanca/ 12/04/2018 17:38h

<https://www.vagalume.com.br/14-bis/bola-de-meia-bola-de-gude.html> 17/08/2016

23:43h

ANEXO 1

ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL INSTITUTO COOPERA

CNPJ: 09231323/0001-60

IE: 07498215/001-01

SÍTIO SOMBRA DA MATA VC-351

NÚCLEO RURAL PONTE ALTA – GAMA/DF

Brasília, 09 de fevereiro de 2013

DECLARAÇÃO

Autorizo, enquanto presidente da Ong Instituto Coopera, que sejam realizados estudos, entrevistas, questionários, áudios, imagens e outras formas de investigação para pesquisas de cunho socioambiental e educativo em nossa entidade. Declaro ainda, que todos os dados coletados, assim como os registros de imagem e áudio poderão ser divulgados amplamente em meios acadêmicos e de comunicação.

Francisco Luiz Danna

Presidente Instituto Coopera

61 9913 3865

ANEXO 2

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Data: 09/02/2013

DECLARAÇÃO

Autorizo o uso e divulgação dos dados e registros de áudio e imagem coletados para pesquisa em educação em que meus filhos, matriculados no Projeto Sombra da Mata (PSM) da Ong Instituto Coopera e minha família estiverem presentes, sendo esse um espaço de participação voluntária.

RESPONSÁVEL: _____

CELULAR: _____

ALUNO(S): _____

MATRÍCULA NO PSM DESDE: _____

ASSINATURA: _____

ANEXO 3

Brasília, ____ de _____ de 2014

PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Esse questionário auxiliará no desenvolvimento de uma pesquisa em educação.

Obrigada por colaborar!

Pesquisadora: Kika Danna.

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____

ESCOLA: _____

SÉRIE: _____

CELULAR ATUAL: _____

MATRICULADO NO PROJETO SM DESDE: _____

Observe as imagens no telão.

Os itens abaixo (que foram mostrados nas imagens do telão) representam algumas atividades de educação ambiental que foram realizadas ao longo de 08 anos de Projeto Sombra da Mata. Leia-os com atenção:

Atividades coletivas e individuais;

Construção da ecoteca em mutirão com técnicas de bioconstrução;

Lavar a própria louça – sermos responsáveis pela própria existência;

Oficina na mata de olhos vendados;

Oficina de barro com observação das sementes do cerrado;

Visita técnica ao centro de permacultura de Goiás;

Oficina de separação de resíduos e consumo consciente;

Oficina de destinação adequada de resíduos orgânicos;

Oficina de Horta orgânica;

Caravana jovem permacultural (execução de canteiros de espiral de ervas e de círculos de bananeiras nas casas dos alunos);

Reflorestamento;

Agrofloresta;

Ano da educação ambiental (temas: sustentabilidade, água, alimentos, lixo, florestas, energia, transporte, ar, mineração e agenda 21);

Mutirões no viveiro de plantas nativas;

Projeto de psicologia;

Aulão de yoga e meditação;

Oficina de corpo e movimento sobre a cultura afro brasileira;

Oficina de massagem e auto-massagem.

Qual das atividades acima te marcou mais?

Por quê?

A partir da sua experiência com educação ambiental no Projeto Sombra da Mata, o que mudou em sua **visão de mundo**? Explique.

O que mudou em sua **prática**, em termos de **hábitos mais sustentáveis, mais “verdes”** no seu dia a dia? Você levou algum aprendizado prático do Projeto SM para sua casa, ou sua escola ou sua vida? Exemplifique. Explique.

Você participaria de um novo projeto de educação ambiental em que algumas práticas “verdes” seriam realizadas em sua casa ou em outros locais? Marque um “X” em uma das alternativas abaixo:

() Não, obrigado(a).

() Sim, me interessa.

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS E DADOS: Autorizo o uso dos dados desse questionário para a pesquisa em educação, assim como a utilização de imagens e áudio em que eu estiver presente.

ASSINATURA: _____

ANEXO 4

Brasília, ____ de _____ de 2014

PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Essa produção textual auxiliará no desenvolvimento de uma pesquisa em educação.

Obrigada por colaborar!

Pesquisadora: Kika Danna.

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____

ESCOLA: _____

SÉRIE: _____

CELULAR ATUAL: _____

MATRICULADO NO PROJETO SM DESDE: _____

FAMÍLIA PARTICIPA DO BOLSA ESCOLA: _____

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS E DADOS: Autorizo o uso dos dados dessa produção textual na pesquisa em educação, assim como a utilização de imagens e áudio em que eu estiver presente.

ASSINATURA: _____

Observe as imagens.

Os itens abaixo representam algumas atividades de educação ambiental que foram realizadas ao longo de 10 anos de Projeto Sombra da Mata. Leia-os com atenção:

Atividades coletivas e individuais;

Construção da ecoteca em mutirão com técnicas de bioconstrução;

Lavar a própria louça – sermos responsáveis pela própria existência;

Oficina na mata de olhos vendados;

Oficina de barro com observação das sementes do cerrado;

Visita técnica ao centro de permacultura de Goiás;

Oficina de separação de resíduos e consumo consciente;

Oficina de destinação adequada de resíduos orgânicos;

Horta orgânica;

Caravana jovem permacultural (execução de canteiros de espiral de ervas e de círculos de bananeiras);

Reflorestamento;

Agrofloresta;

Ano da educação ambiental (temas: sustentabilidade, água, alimentos, lixo, florestas, energia, transporte, ar, mineração e agenda 21);

Mutirões no viveiro de plantas nativas;

Projeto de psicologia;

Aulão de yoga e meditação;

Oficina de corpo e movimento sobre a cultura afro brasileira;

Oficina de papel reciclado;

Oficina de artes com sucata;

Oficina de marcenaria com reutilização de madeira de obra;

Oficina de massagem e auto-massagem...

Escreva um breve texto (poesia, narrativa, parágrafo, conto...) sobre:

- Como você age diante de situações que envolvam questões ambientais dentro e fora do Projeto;
- O que mudou em sua visão de mundo, em sua consciência ambiental e o que mudou em suas práticas verdes – algo foi alterado pelos anos de SM;
- Impacto do Sombra na sua vida;
- Que ganhos educativos e ambientais você obteve a partir dessa experiência;
- O que toca o seu coração no Sombra.
